

A CIDADE EM MUTAÇÃO

UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA

Projecto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Joana Isabel de Almeida Martins Mendes | Licenciada

Orientação científica

Professor Catedrático João Sousa Morais

Assistente Convidada Joana Malheiro

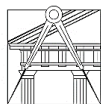
Júri

Presidente Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

Vogal Professor Jorge Boueri

Documento Definitivo

Lisboa, Dezembro de 2017



A CIDADE EM MUTAÇÃO

UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA

Joana Isabel de Almeida Martins Mendes | Licenciada

Orientação científica

Professor Catedrático João Sousa Morais

Assistente Convidada Joana Malheiro

Projecto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Lisboa, Dezembro de 2017

Este documento segue a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.





1| Fachada das ruas da Chicala, Luanda.

A CIDADE EM MUTAÇÃO
UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA

Joana Isabel de Almeida Martins Mendes

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Professor Catedrático João Sousa Morais
Assistente Convidada Arq.^a Joana Malheiro

Mestrado integrado em Arquitectura
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
Lisboa, Dezembro de 2017

RESUMO

Em África, particularmente em Angola, assiste-se ao aumento demográfico e à insuficiente oferta residencial, quer de habitação, quer de turismo.

Luanda está marcada pela dicotomia morfológica entre a cidade colonial, planeada e hierarquicamente estruturada por um processo urbano de matriz colonial portuguesa, e a cidade não planeada, de génese espontânea e raiz local, desenvolvida segundo as necessidades mais básicas da população. Esta dualidade mostra a necessidade de um outro olhar, que contrarie esta fragmentação urbana. Ainda hoje, a cidade continua a crescer, cada vez mais aceleradamente, mas a ausência ou a não implementação de instrumentos reguladores permanece, assim como a ocupação e apropriação dos vazios urbanos e espaços públicos da cidade, por uma população à qual a cidade não se adaptou.

Neste sentido, através da abordagem de cidade, pretende-se compreender a importância da estruturação do espaço urbano através dos seus processos de transformação, a partir das suas modificações, dos seus espaços públicos e da importância relativa dos lugares centrais enquanto espaços simbólicos das cidades. Assim como, entender o significado dos grandes equipamentos colectivos como ícones da cidade e a sua relação com novas centralidades, associado ao valor da imagem como marca e atractividade das cidades.

Centrada nas questões da cidade em mutação, este Projecto Final de Mestrado procura equacionar estratégias para um desenvolvimento urbano sustentável baseado na regeneração urbana e nos processos de formação de uma nova centralidade na cidade de Luanda.

PALAVRAS-CHAVE: (Re)Desenho Urbano; Espaço Público; Centro; Imagem da Cidade; Arquitectura Icónica.

THE CITY MUTATION
NEW CENTRALITY FOR LUANDA CITY

Joana Isabel de Almeida Martins Mendes

ADVISERS

Professor Catedrático João Sousa Morais
Assistente Convidada Arq.^a Joana Malheiro

Master in Architecture
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
Lisbon, December 2017

ABSTRACT

In Africa, particularly Angola, the population is increasing but the number of residential houses and for tourism are insufficient.

Luanda is marked by the morphological dichotomy between a colonial city, planned and hierarchically structured by an urban process with a Portuguese colonial matrix, and the unplanned city, of spontaneous origin and local root, developed according to the most basic needs of the population. This duality shows the need for another look, which runs counter to this urban fragmentation. Even today, the city continues to grow, more and more rapidly, but as an occupation and an application of permanent regulatory instruments, as well as occupation and appropriation of urban voids and public spaces of the city, by a population to which the city does not adapt.

In this sense, based on the city approach, it is intended to understand the importance of structuring the urban space through its transformation processes, from its modifications, its public spaces and the relative average of the central places, the symbolic spaces of the cities. Just as we understand the meaning of large collective equipment as icons of the city and its relationship with new centralities, associated with the value of the image as a brand and attractiveness of cities.

Focused on the changing city questions, this Master's Project aims to equate strategies for a sustainable urban development based on urban regeneration and the processes of formation of a new centrality in the city of Luanda.

KEYWORDS: Urban (re)design; Public place; Center; Image of the city; Iconic architecture.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa um objectivo (tão desejado) atingido. O qual não teria conseguido sem o apoio, o incentivo e o carinho de muitas pessoas. Por isso quero deixar aqui um enorme obrigado!

Ao Professor João Sousa Morais, não só pela disponibilidade que sempre apresentou, mas também pelo conhecimento transmitido, que foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho e enriquecimento pessoal.

À Professora Joana Malheiro, pelo apoio, motivação, incentivo e amizade, pelos conhecimentos transmitidos e por todo o acompanhamento ao longo deste percurso.

À minha família. Em especial à minha mãe pelo apoio, amor e presença incondicional, por nunca me deixar desistir e acima de tudo pelo exemplo que me dá. À minha avó pela força, carinho e confiança. Aos meus irmãos pela paciência, incentivo e apoio. Ao Pedro, pela amizade, amor e compreensão, pela companhia até tarde enquanto acabava trabalhos, por estar sempre ao meu lado. Ao meu avô Francisco que decerto estará orgulhoso desta “nossa” conquista.

Às minhas colegas e amigas. À Mia por estar comigo “desde sempre” neste percurso. Por me descomplicar, mostrando a simplicidade do que eu complico. Por todo o apoio e amizade, sempre! À Denise pela amizade que construímos, pela partilha de alegrias, stresses e dilemas e por tornar este caminho mais fácil e cheio de chocolates. E à Inês Silva, a minha companheira, nesta última luta, pela entreaajuda, apoio, partilha, desabafos e força.

Ao Zé e à Inês, por estarem comigo até ao último momento.

Às minhas amigas Inês, Teresa, Susana, Lena e Ana pela enorme paciência, por me ouvirem e me motivarem, por compreenderem a minha ausência e sobretudo pela vossa amizade.

A todos que de alguma forma contribuíram e possibilitaram a realização deste trabalho, a minha sincera gratidão. Obrigada!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
ESTADO DO CONHECIMENTO	4
OBJECTIVOS E METODOLOGIA	7
I A MUTAÇÃO DA CIDADE	9
<hr/>	
1.1 A CIDADE	11
1.1.1 LUANDA	15
1.1.2 GEOGRAFIA FÍSICA	35
1.1.3 A CIDADE DE HOJE	41
1.2 O BAIRRO	45
1.2.1 A CHICALA	47
II (RE)CONHECER A CIDADE	51
<hr/>	
2.1 A CIDADE	53
2.1.1 DO <i>LOCUS</i> AO CENTRO	57
2.2 CENTRO E CENNTRALIDADES	63
2.3 NOVAS CENTRALIDADES	69
2.3.1 IDENTIDADE	75
2.3.2 IMAGEM	79
2.3.3 (RE)IMAGEM DA CIDADE	81
2.4 DA TEORIA À REALIDADE DE LUANDA	85

III | (RE)IMAGINAR A CIDADE 91

3.1 A CIDADE CONTEMPORANEA	93
3.1.1 INTERVIR NA CIDADE	97
3.1.2 BARCELONA COMO CASO DE ESTUDO	101
3.2 CHICALA: UMA NOVA CENTRALIDADE	111
3.2.1 ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO	113
3.2.2 DESENHO URBANO	115
3.3 O EDIFICADO	123
3.3.1 HOTEL W BARCELONA	129
3.3.2 HOTEL FASANO	133
3.4 O HOTEL COMO MOTOR DE UMA NOVA CENTRALIDADE	137
3.4.1 HOTEL CHICALA: EDIFÍCIO DE EXCEPÇÃO	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
BIBLIOGRAFIA	153
ANEXOS	159

ÍNDICE DE IMAGENS

1 FACHADA DAS RUAS DA CHICALA, LUANDA.	V
Paulo Moreia, 2013.	
2 FACHADA DO BAIRRO DA CHICALA, LUANDA.	11
Paulo Moreia, 2013.	
3 GRAVURA, LUANDA, 1816. CIDADE BAIXA VISTA DA FORTALEZA S. MIGUEL.	13
4 DIOGO CÃO DIRIGINDO A COLOCAÇÃO DO PRIMEIRO PADRÃO (S. JORGE) NA COSTA AFRICANA, 1482.	15
5 EXEMPLOS DE CUBATAS.	16
Ferraz, 2005: 42.	
6 CIDADE DE SÃO PAULO DE LOANDA, ANGOLA. DESENHO A AGUARELA DE JOHANNES VINGBOONS, 1665.	16
https://commons.wikimedia.org/wiki/file:cid	
7 PRIMEIROS ASSENTAMENTOS.	16
8 VISTA DA ILHA PARA O MORRO DE SÃO MIGUEL.	16
Lobo e Calheiros, 1862 in Silveira, Luís. <i>Ensaio de iconografia das cidades Portuguesas do Ultramar 2: África Ocidental e África Oriental</i> . Ministério do Ultramar. Junta de investigação do Ultramar. Lisboa, pp. 201.	
9 CIDADE BAIXA	17
Esquema. Autora.	
10 CIDADE ALTA	17
Esquema. Autora.	
11 PRINCIPAIS LOCAIS DE COMÉRCIO	17
Esquema. Autora.	
12 VISTA PANORÂMICA DE LUANDA – 1755.	17
https://commons.wikimedia.org/wiki/file:cid	
13 CIDADE DE S. PAULO DE LUANDA VISTA DA ILHA DE LUANDA, LOBO & CALHEIROS, 1862.	18
14 OCUPAÇÃO DOS MUSSEQUES NOS VAZIOS URBANOS DA CIDADE.	18
15 FORMAÇÃO DE ASSENTAMENTOS INFORMAIS.	18
Esquema. Autora.	
16 MUSSEQUES NAS BARROCAS, LUANDA.	19
17 EXEMPLO DE UM BAIRRO DE MUSSEQUES EM LUANDA.	19
18 QUINTAL DE UMA HABITAÇÃO NO BAIRRO DA	19
19 O MERCADO DE RUA NO BAIRRO POPULAR, LUANDA.	19
20 PLANTA DE LUANDA, 1862. PERCEPTÍVEL A DIFERENÇA ENTRE A CIDADE BAIXA E A CIDADE ALTA.	20
http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/ahe-gavang-25.jpg	
21 PLANTA ACTUAL DE LUANDA, COM A MARCAÇÃO DOS EIXOS ESTRUTURANTES DA CIDADE BAIXA E CIDADE ALTA.	21
Esquema. Autora.	
22 PLANTA DE LUANDA, 1920.	22
23 PLANTA DE LUANDA E SEUS SATÉLITES, 1942, ETIENNE DE GRÖER E DAVID MOREIRA DA SILVA.	23

Fonte, 2007: 181.

24 	PRIMEIRO PLANO DE URBANIZAÇÃO PARA LUANDA, 1942.	23
	Fonte, 2007: 181.	
25 	PLANO DE URBANIZAÇÃO DE LUANDA, GUC, JOÃO ANTÓNIO AGUIAR, 1949.	26
	Fonte, 2007: 182.	
26 	MERCADO DE KINAXIXE,	26
27 	FACHADA E PLANTA DO MERCADO DE KINAXIXE.	27
28 	PLANTA DE LUANDA. A CIDADE FORMAL E A MANCHA DE MUSSEQUES (1970).	27
	Amaral, 2005.	
29 	PLANO DIRECTOR DE LUANDA, CÂMARA MUNICIPAL DE LUANDA, ARQ. SIMÕES DE CARVALHO, 1962	28
	Fonte, 2007: 185.	
30 	MAQUETE DO BAIRRO DO PRENDA, 1963-65.	29
31 	BAIRRO DO PRENDA, 1963-1965.	29
32 	UNIDADE DE VIZINHANÇA 1, BAIRRO DO PRENDA, ACTUALMENTE.	29
33 	CIDADE BAIXA DE LUANDA 1935.	33
	Loureiro, João. <i>Memórias de Luanda</i> . Maisonagem - Comunicação global. 2002, pp. 20.	
34 	AVENIDA MARGINAL DE LUANDA, 1965.	33
	http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidig/angola/luanda/1973_07_07b.jpg .	
35 	BAIA DE LUANDA, ANOS 60.	33
	Fotografia do espólio pessoal do Arquitecto Fernão Simões de Carvalho.	
36 	FORTALEZA DE S. MIGUEL.	33
	https://1.bp.blogspot.com/-xoilxv4swvg/www6ybhgl/s1600/fortaleza%2bluanda1.png	
37 	CONTEXTO GEOGRÁFICO: ÁFRICA, ANGOLA, LUANDA, CHICALA.	34
	Esquema. Autora.	
38 	CARTA SOLAR PARA A LATITUDE APROXIMADA DE LUANDA.	37
	Quintã, Margarida. <i>Arquitectura e clima. Geografia de um lugar: Luanda e a obra de Vasco Veira da Costa. Luanda, 2009, pp. 80.</i>	
39 	GRÁFICO A HUMIDADE RELATIVA DO AR MÉDIA MENSAL DE LUANDA.	38
	Quintã, Margarida. <i>Arquitectura e clima. Geografia de um lugar: Luanda e a obra de Vasco Veira da Costa. Luanda, 2009, pp. 80.</i>	
40 	GRÁFICO DA DISTRIBUIÇÃO MENSAL DAS CHUVAS EM LUANDA.	38
	Quintã, Margarida. <i>Arquitectura e clima. Geografia de um lugar: Luanda e a obra de Vasco Veira da Costa. Luanda, 2009, pp. 80.</i>	
41 	ROSA-DOS-VENTOS PREDOMINANTES EM LUANDA.	39
	Quintã, Margarida. <i>Arquitectura e clima. Geografia de um lugar: Luanda e a obra de Vasco Veira da Costa. Luanda, 2009, pp. 80.</i>	
42 	CONTRASTE URBANO DE LUANDA.	41
	http://www.verangola.net/va/images/cache/750x380/crop_0_190_1200_798/images%7ccms-image-000002331.jpg	
43 	FACHADA DA CHICALA.	45
	Paulo Moreia, 2013.	
44 	EVOLUÇÃO DO TERRITÓRIO DA CHICALA, AO LONGO DOS TEMPOS.	46
	Paulo Moreia, 2012.	
45 	FOTOGRAFIA AÉREA DE LUANDA. MARCADO O BAIRRO DA CHICALA, PERCEPTÍVEL A RELAÇÃO COM A ENVOLVENTE CONSOLIDADA.	47

46 TRÍADE, BAIRRO DA CHICALA.	47
47 PLANTA: CHICALA E ENVOLVENTE.	48
Desenho de Paulo Moreira, com Lara Ferreira, 2012. http://www.estudoprevio.net/artigo/16/paulo-moreira--pesquisa-participativa	
48 CHICALA II. FOTOGRAFIA DE PAULINO DAMIÃO, 2011.	48
http://www.chicala.org/imagens/galeria/galeria_530b854a88b4a_23_15.jpg	
49 CHICALA II VISTA DA FORTALEZA DE S. MIGUEL.	48
50 EVOLUÇÃO DO TERRITÓRIO - FORMAÇÃO DA CHICALA.1967 A 2010.	49
51 CHICALA.	49
52 CHICALA III JÁ DEMOLIDA.	49
53 GARE L'EST. PARIS,1849.	60
54 SAINT-PANCRAS STATION (LONDRES, 1868).	60
55 MUSEU GUGENHEIM.	70
http://www.guggenheim.org/exhibition/masterpieces-from-the-guggenheim-museum-bilbao.collection	
56 ANTES DA RESTRUTURAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO MUSEU GUGGENHEIM	70
http://arquipapo.com.br/wp-content/uploads/2016/09/bilbao-sem-guggenheim.jpg	
57 BIG BEN, LONDRES.	72
58 TORRE EIFFEL, PARIS.	72
59 DOUMOS, FLORENÇA.	72
60 FISIONOMIAS: POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES DAS FORMAS DO GUGGENHEIM, BILBAO.	73
Jencks, 2005, pp. 10.	
61 RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE E IMAGEM.	74
Esquema. Autora.	
62 CIVITAS LOANDA S. PAULI. BARLAEUS, 1647. A AMARELO OS ESPAÇOS PÚBLICOS E DESTACADO O RECORTE DAS BARROCAS. NA COR AVERMELHADA A MARCAÇÃO DA PLATAFORMA DE ACOSTAGEM.	85
63 PLANTA ACTUAL DE LUANDA - CENTRALIDADES.	86
Esquema. Autora.	
64 BAIRRO EIXAMPLE, BARCELONA.	101
65 MAPA DE BARCELONA. PROPOSTA DE NOVAS VIAS DE ACESSO ENTRE A BARCELONA MEDIEVAL E OS NOVOS BAIRROS.	102
66 PLANTA DE BARCELONA MEDIEVAL (SÉCULO XVI). VISÍVEL AS MURALHAS QUE DELIMITAVAM A CIDADE E A RAMBLA QUE FAZIA A LIGAÇÃO AO MAR.	102
67 RAMBLA ACTUALMENTE	102
68 PLAN Cerdá. A PARTE EM PRETO DO MAPA INDICA A ANTIGA CIDADE MEDIEVAL. A MAIS CLARA CORRESPONDE À EXPANSÃO PROPOSTA POR CERDÁ.	103
69 MANZANA PROJECTADA POR CERDÀ.	104
70 QUARTEIRÕES.	104
71 AGREGAÇÃO DE QUARTEIRÕES - SUPERMANZANAS.	104
72 PANO DE CERDÁ.	105

73	VISTA AÉREA DO BAIRRO POBLENTOU.	106
74	ÁREA DE INTERVENÇÃO DO PLANO 22@BCN.	107
75	ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO E RELAÇÕES COM PONTOS CHAVE DA CIDADE.	108
76	ÁREAS DE NOVAS CENTRALIDADES. ÁREAS COM POTENCIAL NO TECIDO URBANO.	108
77	IMAGEM ACTUAL DA CIDADE DE BARCELONA.	109
78	CHICALA: A ÁREA DE INTERVENÇÃO, COM ENVOLVENTE DA CIDADE DE LUANDA.	111
79	PLANO DA CHICALA E ARREDORES - MOSTRANDO AS ÁREAS DEMOLIDAS DESTES 2005.	113
80	ORIENTAÇÕES TOPOGRÁFICAS.	113
	Esquema. Denise Quarenta.	
81	CIRCULAÇÃO.	113
	Esquema. Denise Quarenta.	
82	VENTOS DOMINANTES.	114
	Esquema. Denise Quarenta.	
83	ORIENTAÇÃO SOLAR.	114
	Esquema. Denise Quarenta.	
84	PREMISSAS DA ESTRUTURA URBANA PROPOSTA. RELAÇÕES COM A CIDADE — EIXOS ESTRUTURAIS PRINCIPAIS.	115
	Esquema. Autora.	
85	PLANO URBANO DE MILETO, ARQ. HIPÓDAMO MILETO. SÉCULO V A.C. QUARTEIRÕES DE 30 POR 52 METRO.	116
86	EIXOS ESTRUTURAIS PRINCIPAIS.	116
	Esquema. Autora.	
87	EIXOS ESTRUTURAIS SECUNDÁRIOS.	116
	Esquema. Autora.	
88	MALHA ESTRUTURAL.	116
	Esquema. Autora.	
89	HIERARQUIA VIÁRIA. PERCURSO PEDONAL PRINCIPAL PONTUADO.	118
	Esquema. Autora.	
90	PERFIS DAS DIFERENTES VIAS PROPOSTAS PARA O BAIRRO DA CHICALA.	119
	Esquema. Autora.	
91	CORTE DO PLANO URBANO PELA DIAGONAL PEDONAL.	120
	Esquema. Autora.	
92	PLANO URBANO CHICALA.	120
	Esquema. Autora.	
93	MUSEUS DE ARTE MODERNA, SÃO PAULO, BRASIL - COMO REFERENCIA DO CONCEITO.	123
	http://uploads.neatorama.com/images/posts/62/93/93062/1476974410-0.jpg	
94	LOCALIZAÇÃO DA GALERIA DE ARTE NA CHICALA.	124
	Esquema. Autora.	
95	STEVEN HOLL, STOREFRONT FOR ART AND ARCHITECTURE.	124
	https://i.pinimg.com/236x/dc/85/dc/85dc2abe42191dc43fad7390bb6f3--architecture-diagrams-art-and-architecture.jpg	
96	STEVEN HOLL, STOREFRONT FOR ART AND ARCHITECTURE. ESQUEMA.	124

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/54/Storefront_for_Art_and_Architecture.jpg

97 LOCALIZAÇÃO DA GALERIA DE ARTE NO BAIRRO.	124
Esquema. Autora.	
98 LOCALIZAÇÃO DO COMPLEXO DESPORTIVO (VERMELHO), COMPLEMENTADO PELO CAMPO DE JOGOS E BALNEÁRIOS (AZUL).	125
Esquema. Autora.	
99 LOCALIZAÇÃO DA IGREJA NO BAIRRO.	125
Esquema. Autora.	
100 LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA NO BAIRRO.	125
Esquema. Autora.	
101 MERCADO DE KINAXIXE, LUANDA.	126
102 LOCALIZAÇÃO DO MERCADO NO BAIRRO.	126
Esquema. Autora.	
103 LOCALIZAÇÃO DO CENTRO CULTURAL NO BAIRRO DA CHICALA.	126
Esquema. Autora.	
104 RELAÇÃO DO PERCURSO PEDONAL COM O CENTRO CULTURAL, A FORTALEZA (AZUL) E O HOTEL (VERMELHO).	127
Esquema. Autora.	
105 O HOTEL VISTO DA CIDADE.	129
http://www.ricardobofill.com/projects/w-hotel-barcelona/ .	
106 IMAGEM CONCEITO: COMO UMA VELA DE UM NAVIO.	129
http://www.ricardobofill.com/projects/w-hotel-barcelona/ .	
107 ESQUIÇOS. ARQ. RICARDO BOFILL.	129
http://www.ricardobofill.com/projects/w-hotel-barcelona/ .	
108 LOUNGE E BAR.	130
http://www.ricardobofill.com/projects/w-hotel-barcelona/ .	
109 PISCINA EXTERIOR.	130
http://www.ricardobofill.com/projects/w-hotel-barcelona/ .	
110 FACHADA DE VIDRO.	130
http://www.ricardobofill.com/projects/w-hotel-barcelona/ .	
111 HOTEL W BARCELONA, CORTE ESQUEMÁTICO. VELA A AZUL, O ATRIUM A AMARELO E O PODIUM A VERMELHO.	131
http://www.ricardobofill.com/projects/w-hotel-barcelona/ .	
112 HOTEL W BARCELONA, PLANTA ESQUEMÁTICA. VELA A AZUL E O ATRIUM A AMARELO.	131
http://www.ricardobofill.com/projects/w-hotel-barcelona/ .	
113 FOTOGRAFIAS DE UM QUARTO E SUITE.	131
http://www.ricardobofill.com/projects/w-hotel-barcelona/ .	
114 ENTRADA HOTEL FASANO.	133
http://fasano.com.br/hoteis/fasano-sao-paulo .	
115 EMPIRE STATE BUILDING.	133
http://www.billboard.com/files/styles/article_main_image/public/media/empire-state-building-2016-billboard-1548.jpg	
116 FACHADA PRINCIPAL.	134
http://hoteisemsaopaulo.net/wp-content/uploads/2016/10/hotel-fasano-sp.jpg	
117 LOBBY (ESQUERDA) E O BAR (DIREITA).	134
https://images.trvl-media.com/hotels/1000000/970000/967200/967131/47746d7a_z.jpg	

118 PISCINA.	134
<i>http://fasano.com.br/hoteis/fasano-sao-paulo.</i>	
119 BAR PIANO BARETTO.	134
<i>http://fasano.com.br/hoteis/fasano-sao-paulo.</i>	
120 RESTAURANTE FASANO.	135
<i>http://fasano.com.br/hoteis/fasano-sao-paulo.</i>	
121 RESTAURANTE NONNO RUGGERO.	135
<i>https://images.trvl-media.com/hotels/1000000/970000/967200/967131/967131_58_z.jpg</i>	
123 SUITE 75 M ² (ESQUERDA). SUÍTE DELUXE 115 M ² (DIREITA).	135
<i>http://fasano.com.br/hoteis/fasano-sao-paulo.</i>	
122 APARTAMENTO SUPERIOR 35 M ²	135
<i>http://fasano.com.br/hoteis/fasano-sao-paulo.</i>	
124 SUITE DOIS QUARTOS 120 M ² .	135
<i>http://fasano.com.br/hoteis/fasano-sao-paulo.</i>	
125 ORGANOGRAMA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DO HOTEL.	140
Autora.	
126 ESQUEMA DOS NÚCLEOS PROGRAMÁTICOS.	143
Autora.	
127 CONCEPÇÃO DO EDIFICADO. ESQUEMA.	143
Autora.	
128 HOTEL MYRIAD LISBOA.	144
<i>http://www.elevogroup.com/fotos/portfolio/el050-04_copy_1347868182524751e84882d.jpg</i>	
129 ENTRADA EXTERIOR DO HOTEL MYRIAD.	144
<i>http://www.myriad.pt/media/721500/myriad03-0013.jpg?mode=pad&rnd=130821234040000000&width=1200</i>	
130 ESTUDO DA PALA DE COBERTURA.	147
Autora.	
131 MUSEU DE ARTE DO RIO DE JANEIRO, BRASIL.	147
132 ÚLTIMA MAQUETE DE ESTUDO DO PLANO URBANO.	160
Autora.	
133 MAQUETE DE ESTUDO HOTEL E ENVOLVENTE.	161
Autora.	
134 MAQUETE DE ESTUDO DO HOTEL. ESCALA 1:200.	161
Autora.	
135 MAQUETE DA CIDADE DE LUANDA. ESCALA 1.5000	162
Autora.	
136 MAQUETE DA CHICALA COM A ENVOLVENTE. ESCALA 1:1000.	162
Autora.	
137 MAQUETE DA PROPOSTA URBANA PARA O BAIRRO DA CHICALA. ESCALA 1:1000.	162
Autora.	
138 MAQUETE DA PROPOSTA URBANA PARA O BAIRRO DA CHICALA. ESCALA 1:1000.	163
Autora.	
139 MAQUETE DA PROPOSTA URBANA PARA O BAIRRO DA CHICALA. RELAÇÃO DO HOTEL COM O CENTRO CULTURAL ATRAVÉS DA DIAGONAL PEDONAL. ESCALA 1:1000.	163
Autora.	
140 MAQUETE DO HOTEL. ESCALA 1:200.	164
Autora.	

141 MAQUETE DO HOTEL. ESCALA 1:200. Autora.	164
142 MAQUETE DO HOTEL. ESCALA 1:200. Autora.	164
143 MAQUETE DO HOTEL. ESCALA 1:200. Autora.	165
144 MAQUETE DO HOTEL. ESCALA 1:200. Autora.	165
145 MAQUETE DO HOTEL. ESCALA 1:200. Autora.	166

ÍNDICE DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

INE	Instituto Nacional de Estatística
PFM	Projecto Final de Mestrado
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
CENSOS	Recenseamento Geral
FAAP	Fundação Armando Álvares Penteado
RGPH	Resultados definitivos do recenseamento Geral da População e da Habitação de Angola
GUC	Gabinete de Urbanismo Colonial
FAUP	Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

INTRODUÇÃO

O Projecto Final de Mestrado, que aqui se apresenta, aborda o tema *A cidade em mutação* apresentando como subtema *Uma nova centralidade para a cidade de Luanda*.

Este tema, assim como o território de intervenção, surge no seguimento do projecto de 5º ano. Resulta da intervenção em territórios tropicais lusófonos, uma realidade cada vez mais presente, como desafio quotidiano no mercado de trabalho dos arquitectos portugueses.

Luanda, cidade em constante mutação, exige uma metodologia adequada de desenvolvimento projectual urbano, um processo em curso de renovação urbana e de uma desejável qualificação do espaço urbano.

Associada ao processo de crescimento demográfico surge a questão da transformação do território, passando o crescimento urbano a constituir uma das variantes dessa transformação. A falta de mecanismos de regulação do território em rápida evolução, dão origem a um crescimento espontâneo, em vez de um desenvolvimento urbano equilibrado.

Enquadradas na transformação do território surgem as cidades com espaços em evolução que se estabelecem na dualidade de transformação campo/cidade. O espaço urbano, dessa envolvente não planeada, é facilmente identificável na configuração do seu território. A discussão do crescimento urbano surge, assim, frequentemente associado ao cenário da suburbanização, geralmente identificado nas áreas envolventes dos grandes centros urbanos.

Esta situação caracteriza de forma geral, o crescimento que ocorreu em Luanda, enquanto cidade dual e em contínua expansão, esta reflecte as desigualdades socioeconómicas e espaciais que marcaram a época colonial e persistiram no período pós-colonial em contexto de guerra civil, permanecendo até hoje. De acordo com os RGPH de 2014¹, a

¹ Resultados definitivos do recenseamento geral da população e da habitação de Angola de 2014, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em colaboração com outras instituições do Estado.

provincia de Luanda possui, cerca de 27% da população Angolana, tendo a maior densidade populacional, com 347 habitantes por Km², sendo que, cerca de 80% da sua população reside em musseques (Viegas, 2015: 3).

Este crescimento demográfico e urbano acelerado, tendo como consequência uma expansão desordenada, originou os denominados bairros *informais* ou de génese ilegal, em Luanda. Neste sentido, se da necessidade de regulação do crescimento surge a discussão da forma urbana, esta torna-se imprescindível na avaliação da qualidade do espaço urbano.

Uma vez que a cidade não pára de crescer, o centro histórico tenta resistir às demais formas de ocupação não planeada, que numa tentativa de expansão, procura dar resposta às constantes necessidades da cidade, mas esta, em constante transformação, carência de novos espaços urbanos qualificados.

Deste modo, a abordagem de cidade, considerando o objecto de estudo proposto, assenta na discussão dos conceitos de *centro*² e *centralidade*³, pela importância na compreensão da estruturação do espaço urbano, considerando várias escalas espaço-temporais. Pretende-se assim abordar os processos de transformação das cidades, a partir das alterações funcionais e da importância relativa dos lugares centrais enquanto *espaços simbólicos* das cidades.

A percepção das diversas componentes da centralidade urbana, considerada como facto social total, é essencial para compreender a adaptação dos centros às transformações sociais, económicas, culturais e políticas que neles se operam e a emergência de novos centros intra-urbanos. Para isso há que considerar algumas ideias sobre o *locus*⁴ e o

² O centro da cidade é o lugar que se caracteriza pela concentração de pessoas, serviços e actividades.

³ A centralidade é um espaço urbano qualificado, correspondendo à articulação de proximidade entre residência, trabalho, comércio e serviços sociais, educacionais e de lazer, ou seja, é o resultado de uma diversidade de coexistências num mesmo lugar.

⁴ O *locus* – o lugar – é o princípio da individualização da arquitectura, onde cada lugar estabelece relações precisas com as construções que nele se situam. Para A. Rossi, o *locus* representa uma realidade em que o tempo e a memória têm um papel de destaque. “(...) *locus* como um factor singular determinado pelo espaço e pelo tempo, pela sua dimensão topográfica e pela sua forma, por ser sede de vicissitudes antigas e novas, pela sua memória.” Rossi, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Edições Cosmos. Lisboa, 2001, pp. 157.

processo de urbanização, entendendo a origem do que, usualmente, se considera o centro, os elementos que o caracterizam e definem, convencionalmente, como espaço simbólico e de *memória colectiva*⁵.

Existe relativamente à ideia de cidade uma noção de conjunto. Isto é, a cidade contém sempre uma dimensão colectiva⁶. Esta condição reflecte-se numa dinâmica evolutiva particular - a cidade é um conjunto de contribuições individuais. Em consequência da dinamicidade, o espaço urbano é susceptível a constantes transformações, as quais são reflectidas em processos espaciais que permitem a reestruturação urbana das actividades de comércio e serviços. A cidade sempre foi um local onde as pessoas convivem, se cruzam, trocam informações, um espaço de comércio onde bens e serviços são trocados.

Neste sentido, no seio de uma sociedade em construção, com uma classe média a crescer diariamente e, por conseguinte, com a necessidade de criar infra-estruturas, habitação e equipamentos para a servir, o local de intervenção seleccionado foi o bairro da Chicala II. Anteriormente território informal, este fora recentemente demolido pelas autoridades locais, encontrando-se neste momento, como um vazio urbano – tábua rasa.

A intervenção pressupõe, o (re)desenho do Bairro da Chicala II procurando proporcionar um desenvolvimento qualitativo e equitativo, potencializando a zona, de forma integrar o bairro com a demais envolvente e, simultaneamente, torna-lo num espaço atractivo, de interesse cultural, de lazer e de turismo, ou seja, dotar o bairro de usos mistos, que coexistam, de modo a promover a atracção e a fixação de pessoas e empresas.

⁵ A *memória*, segundo A. Rossi, é reconhecimento. É através da *memória colectiva* que se conformam os grupos sociais, adquirindo a sua individualidade e a imagem do espaço que ocupam. O reconhecimento do lugar supõe um reconhecimento da própria identidade social, neste sentido, a cidade surge como o *locus* da *memória colectiva*. A *memória* refere-se às imagens arquitectónicas que constituem a cidade, que são mantidas ao longo do tempo e são referências imprescindíveis para a percepção da cidade (Rossi, 2011: 193).

⁶ “(...) o aspecto colectivo parece constituir a origem ou o fim da cidade.” in Rossi, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Edições Cosmos. Lisboa, 2011, p. 127.

Deste modo, de forma a alcançar uma imagem qualitativa é essencial a articulação de equipamentos e serviços à habitação do bairro. O espaço público gerado, tem como objectivo um carácter estruturante, dando coerência à sequência de infra-estruturas num processo de regeneração, melhorando assim a coesão social.

Em suma, procura-se desenvolver uma estrutura urbana igualitária: de mobilidade entre o pedestre e o veículo, de cheios e vazios entre o construído e o não-construído; com o espaço público como elemento articulador e estruturante de todo o espaço urbano, minimizando a fragmentação entre o espaço público e o espaço privado, de forma a intensificar as vivências sociais.

Como base de fundamento e de compreensão, foram analisados casos de estudo que vieram comprovar a credibilidade e exequibilidade deste modo de pensamento.

ESTADO DO CONHECIMENTO

A bibliografia relativa às temáticas do proposto PFM, é bastante vasta, assim sendo foi seleccionada procurando entender o contexto do tema proposto.

O urbanismo em Angola é marcado pela presença portuguesa. Na análise das formas de ocupação do território Angolano por Manuela Fonte (2005), é-nos perceptível compreender a genesis e o desenvolvimento urbano, considerando os diversos contextos, políticos, sociais e económicos, em que ocorreram. Decorrendo desta análise, a compreensão das cidades Africanas elucida-nos para a complexa condição de indefinição, entre o colonial e o pós-colonial, o planeado e o espontâneo, o global e o local. Reconhecendo-se esta dualidade, entre um centro urbanizado de origem colonial e as extensas áreas periurbanas de raiz local, Isabel Raposo (e confederados, 2005) refere este facto que

expõe a urgência de um outro olhar, global e solidário, que contrarie a fragmentação urbana existente.

Sendo Luanda, a cidade onde se insere o território de intervenção, é fundamental conhecer e compreender a geografia física, por Margarida Quintã (2009), bem como as suas características urbanas e os problemas que estas acarretam. Neste sentido, é Ilídio Amaral (1999) e Fernando Batalha (2006) que apresentam e contextualizam a cidade de Luanda, debruçando-se sobre o estudo, análise e caracterização desta.

Como forma de melhor entender a cidade, Solà-Morales (2002) faz uma analogia, entre um ser vivo e a cidade, em os seus órgãos também crescem, transformam-se e adaptam-se. Já Carlos Dias Coelho apresenta a morfologia urbana, onde decompõe este conceito e analisa os elementos que constituem. Isto proporciona um conhecimento dos constituintes dando especial atenção aos que regeneram os espaços. Segundo Aldo Rossi (2011), a cidade é formada de espaços correspondentes a tempos de construção que, dotados de significado, fazem, de cada cidade, um discurso urbano singular. Este espaço urbano, enquanto realização dos processos sociais e espaciais, apresenta-se dinâmico, isto porque o modo de produção capitalista confere à sociedade transformações.

Em consequência da dinamicidade, o espaço urbano é susceptível a constantes transformações, as quais são reflectidas em processos espaciais que permitem a (re)estruturação urbana das actividades de comércio e serviços. Esse fenómeno pode ser compreendido mediante o processo descentralização das actividades centrais e a formação de novas centralidades, as quais transformam a estrutura da cidade e (re)definem as funções da área central (Mumford, 1998).

O entendimento do centro das cidades como realidade construída, no quadro de um processo de competição pelo espaço urbano, foi desenvolvido, no princípio do século XX, em Chicago⁷, no contexto de uma

⁷ Cidade norte-americana, onde, nesse período, o crescimento industrial e demográfico era mais acentuado.

escola de pensamento, onde pontificavam os nomes de Park e Burgess, e que marcou a análise urbana do princípio do século XX.

Em *Theory of the city as object* (Hillier, 2002), a centralidade é apresentada como um processo que se desenvolve através do impacto e influência da configuração espacial no desenvolvimento da atractividade para localização de determinadas actividades funcionais urbanas. Esta contribuição da morfologia urbana ou padrão do espaço público desenvolve-se através de determinada lógica de configuração desse espaço que, influenciando a ocupação funcional do território, contribui para a concentração e densificação espacial de actividades também produtoras de centralidade. Neste processo de interacção, o padrão de espaço público, construído através da ligação dos edifícios de uma cidade, origina, então, determinada morfologia do espaço que atrai determinados usos para locais com elevado movimento e afasta localizações.

Esse espaço público é geralmente marcado por edifícios que destacam esse centro/cidade - Edifício Icónico (Iconic Building) é o termo usado por Charles Jencks, em *Iconic Building – The power of enigma* (2005), para nomear o fenómeno, actual da arquitectura e do urbanismo, que se iniciou no chamado *Efeito Bilbao*, ou seja: o caso de sucesso do Museu Guggenheim em Bilbao projectado por Frank Gehry e concebido pelas autoridades locais como peça-chave da revitalização urbana e económica da cidade espanhola, embora suportado por um plano que o movia.

Caracterizado pelo actual cenário de competição global entre cidades, o dito fenómeno, em suma, apresenta-se como o investimento, tanto estatal quanto privado, na construção de edifícios que funcionam como marcas da cidade.

OBJECTIVOS E METEDOLOGIA

O PFM organiza-se em duas partes, sendo que a primeira pressupõe o desenvolvimento de uma componente de investigação que servirá para fundamentar a segunda, a elaboração de uma proposta projectual para o bairro da Chicala.

Com a concretização da primeira parte, procura-se atingir os seguintes objectivos:

Identificar os elementos primários da estrutura urbana, assim como a génese urbana e caracterizá-la numa lógica de descodificar o significado dos tempos de constituição da cidade, os espaços simbólicos e de memória colectiva.

Abordar a temática das centralidades urbanas, quer preexistentes quer numa lógica projectiva. Equacionando as componentes da centralidade urbana em Luanda, considerada como facto social total na adaptação dos centros às transformações sociais, económicas, culturais e políticas que neles se operam e a emergência de novos centros intra-urbanos, nos tempos mais recentes.

Entender o significado dos grandes equipamentos de uso colectivos e a sua relação com novas centralidades, assim como o que estruturam o aparecimento dessas novas áreas centrais com edifícios icónicos, associado ao valor da imagem como carácter apelativo dessas centralidades.

Já a segunda parte assume um carácter prospectivo e projectivo, onde se pretende, com o recurso ao desenho urbano, propor uma nova centralidade em Luanda, articulando a envolvente e recorrer ao sentido do projecto de um edifício como motor de uma nova centralidade.

II A MUTAÇÃO DA CIDADE

“Uma cidade é uma organização mutável com fins variados, um conjunto com muitas funções, criado por muitos, de um modo relativamente rápido.”⁸

⁸ Lynch, Kevin. *A boa forma da cidade*. Coleção arquitectura e urbanismo: Edições 70. Lisboa, 1999, pp. 103.



1.1 | A CIDADE

“(...) colonial e o pós-colonial, o centro e a periferia, o formal e o informal, o regular e o irregular, a ordem e a desordem, o previsível e o imprevisível, o ordenado e o espontâneo, o macro e o micro, o global e o local, geometrias lineares e geometrias complexas. Esta é a raiz da condição de indefinição e transição que marca a Cidade Africana e que a consubstancia enquanto mosaico urbano plural e polimórfico.”⁹



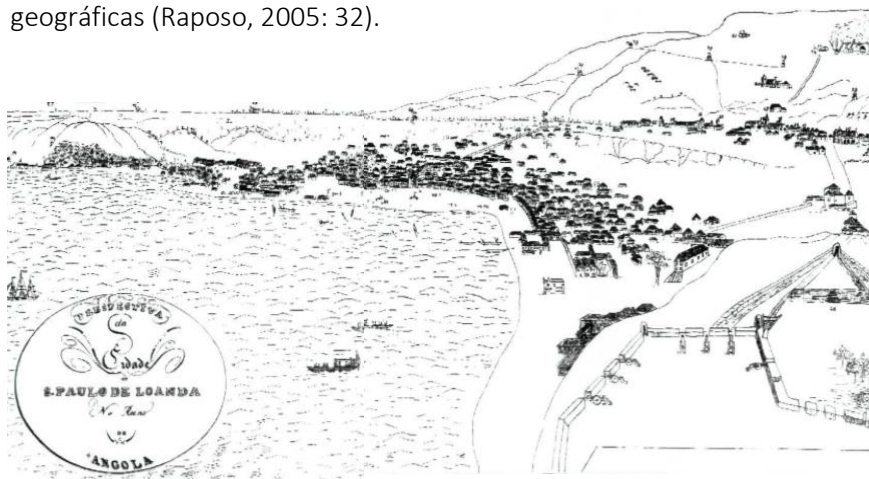
2 | Fachada do Bairro da Chicala, Luanda.

⁹ Viana, David Leite. *Cidade Africana - urbanismo (in)formal: uma abordagem integrada e sistémica*. Congresso Ibérico de Estudos Africanos. Lisboa, 2010, pp. 5.

O urbanismo em Angola é um facto colonial “(...) e tanto os princípios seguidos pela colonização como os meios por ela utilizados estão quase sempre na origem das cidades contemporâneas”¹⁰. Estas testemunham com grande expressividade o que foram as etapas anteriores. A sua estrutura e os seus papéis materiais simbólicos, sob influência das mudanças económicas, sociais e culturais, estão sempre em transformação (Raposo, 2005: 56). Como tal, a génese morfológica urbana e o património arquitectónico angolano têm a marca de cinco séculos de presença portuguesa.

O sistema urbano destes territórios, surge inicialmente em aglomerados litorais, com a função de ligar a colónia e a metrópole. Tinham uma relação territorial entre o porto - cidade, e as ilhas económicas, mineiras e agrícolas, feitas pelos caminhos-de-ferro. Esta concentração de actividades comerciais e de serviços, ligadas à agricultura, permitiu o crescimento dos centros urbanos (Raposo, 2005: 40).

A origem das cidades angolanas modernas passou por várias fases: uma primeira estruturação, de persistência da história e da tradicional ocupação costeira com uma penetração lenta e fragmentada para o interior, que foi resultado de iniciativas pontuais, de tipo pré-urbano; uma segunda fase de implementação das chamadas *povoações comerciais*, pelos comerciantes portugueses no interior do território e uma terceira num *modelo mestiço* que era resultado de misturas comerciais, étnicas e geográficas (Raposo, 2005: 32).



3| Gravura, Luanda, 1816. Cidade Baixa vista da Fortaleza S. Miguel.

¹⁰ Mendes; Coelho; et al. Cit. In Raposo, Isabel. *Cidades Africanas*. Ur Cadernos FAUTL, nº 5. Artes Gráficas. Lisboa, 2005, pp. 40.

1.1.1 | LUANDA

“Loanda assenta sobre um terreno duma topografia caprichosa e irregular. A sua história é a história de todas as nossas terras; foi-se edificando ao acaso das rugosidades e recortes do solo.”¹¹

Luanda¹² foi a primeira cidade de fundação portuguesa em África. Esta desenvolveu-se naturalmente e, apesar de seguir o modelo de cidade de expansão marítima portuguesa nunca houve nada escrito que fundamentasse esse desenho.

A estrutura da cidade, inspirava-se no modelo tradicional da cidade portuguesa de expansão, numa implantação litoral, em baía resguardada, com carácter basicamente defensivo e comercial.

CONTEXTO HISTÓRICO

Chefiados por Paulo Dias Novais¹³, os portugueses chegaram em 1575, à ilha das Cabras, a que mais tarde chamaram *Ilha de Luanda*. Uma vez que o local não tinha condições defensivas instalaram-se no território em frente – Morro de São Miguel - onde construíram uma fortaleza¹⁴ e fundaram a vila de Luanda.

O local tinha uma excelente morfologia defensiva, oferecia uma protecção natural, com a ilha como barreira e um extenso planalto, que facilitava o controlo militar. Como descreve F. Batalha: *“O sítio eleito, satisfazendo plenamente à finalidade económica, política, era,*



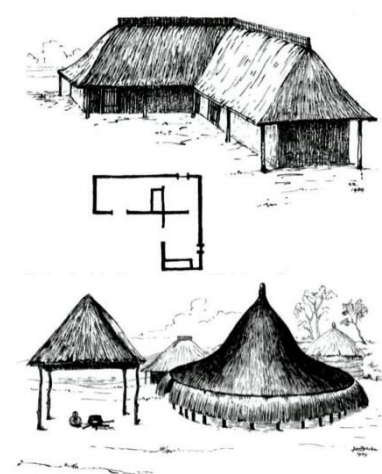
4| Diogo Cão dirigindo a colocação do Primeiro Padrão (S. Jorge) na costa africana, 1482.

¹¹ O Município de Loanda – Proposta orçamental para o ano económico de 1917-1918. Luanda, 1917.

¹² Área envolvente do rio Quanza e Benguela, à qual se resumia praticamente todo o território angolano até ao século XIX (Fernandes, 2005: 32).

¹³ “(c. 1510-1589) Fidalgo e explorador português. Foi-lhe concedido o título de Governador e Capitão-Mor, conquistador e povoador do reino de Angola pela carta de Doação que obteve do rei D. Sebastião. Este tinha de expandir o território para norte, para sul e para o interior. Tinha ainda a obrigação de construir uma igreja, fortalezas e doar sesmarias para assentamento dos colonos.” (https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Dias_Novais)

¹⁴ Foi a primeira fortificação em Luanda, no século XVI, durante o governo de Paulo Dias de Novais, primeiramente construída em taipa e adobe, substituídos em 1638 por barro, taipa e adobes. E mais tarde, em 1669 em alvenaria (...) concluindo-se já no século XX. Ficava assim completa a maior obra de engenharia militar de Angola, que do ponto de vista urbano, foi sempre um marco ordenador do espaço da cidade. (Martins, Isabel in <http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra?a=55>).



5| Exemplos de cubatas.

Processos de Assentamento
Séc. XVII – XIX

geograficamente, privilegiado para tal efeito, visto possuir uma magnífica baía para ancoradouro dos barcos, dominada por um magnífico ponto estratégico, e visto dispor de terras agricultáveis nas vizinhanças, assegurando o abastecimento da população e da navegação.”¹⁵

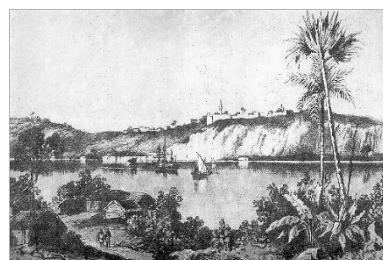
A habitação existente era precária, sem saneamento e construída com materiais locais. Denominada de *cubata*¹⁶, caracterizava-se pela autoconstrução e pela ausência de regras e orientação no espaço territorial que ocupavam.

A invasão e ocupação da cidade pelos Holandeses, entre 1640 e 1648, quebrou o desenvolvimento natural de Luanda que apesar de quase destruída reflecte um pequeno desenvolvimento, com a construção de edifícios religiosos, militares e alguns políticos que garantiam a gestão do território (Raposo, 2005: 57).

A topografia e as exigências defensivas, dividiram a cidade em dois núcleos, que hierarquizaram o espaço ao modo tradicional da cidade portuguesa.



7| Primeiros assentamentos.



8| Vista da Ilha para o Morro de São Miguel.



6| Cidade de São Paulo de Loanda), Angola. Desenho a aguarela de Johannes Vingboons, 1665.

¹⁵ Batalha, Fernando. Angola: arquitectura e história. Vega. Lisboa, 2006, pp. 1.

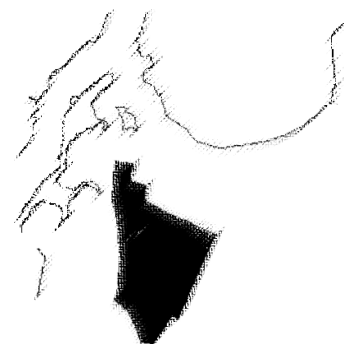
¹⁶ A cubata era construída com ramos de coqueiro e barro (pau-a-pique), planta circular ou semicircular, telhado cónico coberto de folhas ou palha, utilizando os materiais existentes no local (Ferraz, 2005: 42).

A separação, das duas partes da cidade, era mesmo física, devido às características morfológicas do sítio, marcado por um desnível acentuado, em que a ligação era feita pelas ladeiras que desciam até a praia, utilizando a suavidade do terreno e os caminhos de pé-posto que, mais tarde se tornaram importantes ruas. A cidade alta tinha um eixo natural que ligava os seus extremos e centrava o poder militar, religioso e civil, era uma única via ao longo do morro onde foram construídos edifícios públicos e as residências para os “altos” funcionários (Raposo, 2005: 57). Na cidade baixa, as casas eram construídas junto à praia e tinham como principais funções a habitação e o comércio.

A implementação da política pombalina em Angola, entre 1698 e 1755, resultou num pequeno desenvolvimento que adensou a cidade e aumentou o número de edifícios civis na cidade Baixa. Começaram a desenhar-se as ruas (rua direita e dos mercadores), as travessas, as ladeiras, os largos (do pelourinho e da Feira Grande) e as praças (do Açougue de Peixe, da Feira dos Coqueiros e da Feira do Bungo) que tinham apenas uma função comercial. Mostra-se assim uma tentativa de ordenação do espaço aliada à construção de edifícios públicos (Raposo, 2005: 57).



9| Cidade Baixa



10| Cidade Alta



11| Principais locais de comércio



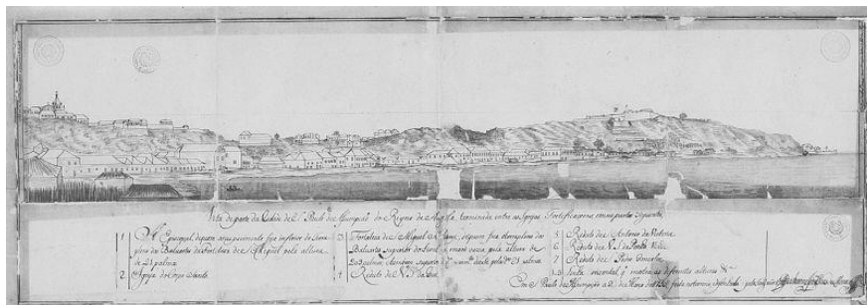
12| Vista panorâmica de Luanda – 1755.

A *tipologia*¹⁷ de origem, de Luanda, vai ser alterada com o aparecimento de uma arquitectura doméstica de grandes dimensões, que desafia o clima rigoroso e utiliza novas materialidades e, consequentemente vai expandir e enriquecer a cidade.

¹⁷ Quatremère de Quincy foi o primeiro teórico a estabelecer o conceito de *tipo*. Este conceito, como estudo da tipologia, é retomado por Rossi, Aymonino, Muratore, Caniggia, Panerai, entre outros. Rossi defende a ideia de que a tipologia “é uma constante que recebe influência da técnica, da função, da estética, do carácter colectivo e do momento individual do facto arquitectónico”. ROSSI, Aldo. *Arquitectura da cidade*. Lisboa, 2011, pp. 24. Cit in AMORIM, Flávia Pereira; TANGARI, Vera. *Paisagem Ambiente: ensaios* nº 22. São Paulo, 2006, pp. 61-73. (consultado em Outubro de 2017 in <https://www.revistas.usp.br/paam/article/viewFile/89805/92605>).

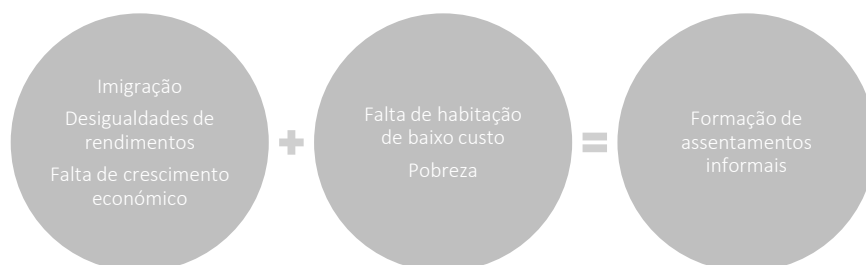
Em 1836, após a abolição da escravatura, Luanda sofre uma crise económica e social, que provocou uma diminuição da população europeia, uma vez que esta abandonou a cidade. Esta crise teve várias consequências, como por exemplo, a construção de fraca qualidade e a acumulação de lixo.

13| Cidade de S. Paulo de Luanda vista da Ilha de Luanda, Lobo & Calheiros, 1862.



As primeiras normas de construção¹⁸ foram introduzidas em 1862, o que levou à demolição das cubatas, sendo os seus residentes realojados em comunidades da periferia da cidade, em zonas que passaram a ser conhecidas por *musseques*¹⁹. A cada fase de urbanização correspondia um desaparecimento de dezenas ou centenas de cubatas. Logo, a população destas foi engrossando os musseques ou criando outros em locais mais distantes do núcleo urbano.

O aspecto construtivo é influenciado pela origem dos seus habitantes, sendo de notar que todos possuem um aspecto comum: a organização do espaço.



15| Formação de assentamentos informais.

¹⁸ O plano de 1862 mostra os vazios internos da cidade, que começam a serem ocupados, é o primeiro a apontar os musseques, sendo a partir deste momento, o termo musseque a tornar-se uma característica específica da cidade. (consultado em Outubro de 2017 in <http://www.chicala.org/historia/seculo-xix/>).

¹⁹ Musseque - Do Kimbundo; mu seke. Nome dado à areia vermelha característica de Luanda. A designação passou a ser referência dos bairros periféricos da cidade por não terem as ruas calçadas e os pavimentos das casas serem de terra batida. Surge em 1864 com o primeiro acto conhecido de gentrificação na história das cidades em Angola. (Moreira, 2012: 25).

Musseques são, portanto, bairros de construção precária com uma lógica própria de ocupação, formados por becos e ruas, quintais de terra vermelha e texturas de materiais diversos, marcados pela ausência de urbanização e saneamento²⁰.

Mais especificamente, o musseque é caracterizado pelo complexo enlaçado e orgânico de ruelas, pracetas e corredores, fechado sobre si mesmo, sem qualquer tipo de planeamento. De ruas estreitas e pequenas passagens com a largura de um homem, respondendo apenas à possibilidade de acesso pedonal aos espaços mais escondidos, resultado dos espaços sobranceiros entre cada construção. São assentes em terrenos argilosos, considerados áreas de risco, tais como taludes acentuados e linhas de drenagem naturais.

Essas habitações são construídas em ripado de madeira, blocos de cimento à vista, chapa de zinco e camadas de betonilha, os espaços são reduzidos e improvisados, sendo o quintal o espaço principal. É no quintal que estão agregadas duas zonas indispensáveis: a cozinha e a casa de banho, sendo este o espaço de maior permanência, é no quintal que se recebem os amigos e são feitas as refeições à sombra de uma árvore. O interior da casa serve apenas para dormir e guardar os bens.

Apesar da configuração caótica e fechada, esta, proporcionou a formação da identidade e personalidade da população e do desenvolvimento da resistência ao colonialismo.

A partir de meados da década de 1880, e daí em diante, o imposto sobre as cubatas e o recrutamento de mão-de-obra para novos programas governamentais (a construção de estradas, de pontes e do caminho-de-ferro) foram vigorosamente implementados por oficiais coloniais, que já não toleravam a recusa dos chefes em não acatar as leis coloniais.

Nesta época, a grande área fora dos limites da cidade correspondia a uma cintura verde onde se desenvolviam plantações de algodão, legumes e tapioca.



17| Exemplo de um bairro de Musseques em Luanda.



16| Musseques nas barrocas, Luanda.



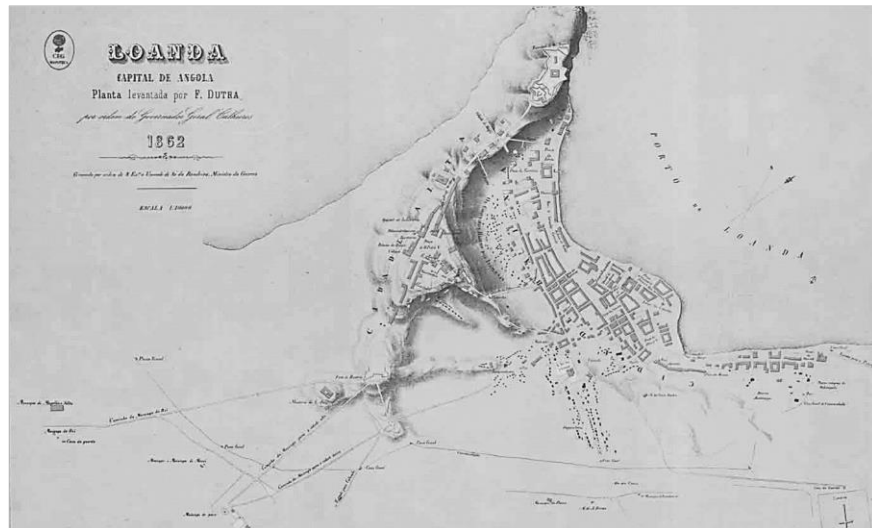
18| Quintal de uma habitação no Bairro da



19| O mercado de rua no Bairro Popular, Luanda.

²⁰ Louro, Margarida; Oliveira, Francisco: Casas para um Planeta Pequeno – Projecto Angola Habitar XXI. Edições Pixelrint. Lisboa, 2009, pp. 45.

Com a exportação da borracha e outros produtos, Luanda tem um ligeiro crescimento económico, que influenciou o desenvolvimento da cidade baixa, na sua extensão de ocupação espacial em direcção ao Bungo. Assim, nasceu a Rua Direito do Bungo²¹, que se vai tornar num novo elemento estruturante de desenvolvimento urbano.



20| Planta de Luanda, 1862. Perceptível a diferença entre a cidade baixa e a cidade alta.

Até meados do século XIX, Luanda era o centro Litoral mais importante, pois tinha o papel de entreposto, no início de marfim e de escravos e, posteriormente, de outros produtos. Durante este tempo, a economia dependia, quase exclusivamente do comércio de escravos, sem sanções do direito e da moral, proporcionava aos habitantes avultados lucros e um elevado nível de vida. Durante centenas de anos, Angola assistiu à saída forçada de milhares dos seus naturais, para o Brasil, sendo este um negócio importante para a economia angolana.

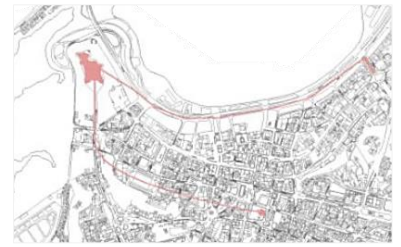
Porém no século XIX, Luanda sofre grandes mutações com a construção do caminho-de-ferro até Malange, que abriu novas possibilidades para o comércio e permitiu a conquista de novas terras no interior. Mas, com abolição do comércio de escravos, surgiu a necessidade de reformular os processos comerciais, a estrutura económica e social e as tendências humanitárias impuseram-se.

²¹ A Rua Direito ia do Largo do Bungo à Ermida de N^ª Sra. Da Nazaré.

É também neste século que se inicia a estrutura radial urbana, que se mantém até a actualidade, com o alinhamento dos edifícios paralelamente à linha da costa. Surgiram novas ruas e muitas das que se mantiveram mudaram o nome, que se oficializaram com a sua publicação no Boletim Oficial do Governo Geral de Angola. O nome dos lugares era ainda, na maioria dos casos, em quimbundo (língua nacional), só mais tarde os nomes se foram aportuguesando. Até ao final do século, Luanda encontrava-se assim configurada: a cidade alta estruturada pelo eixo da fortaleza de S. Miguel e o Convento de S. José; e a cidade baixa pelo eixo principal que ligava o Forte de N. Sra. Da Guia à Ermida da Nazaré, este eixo era atravessado por pequenas ruas em que a cidade baixa se desenvolveu. (Raposo, 2005: 58).

O início do século XX, foi marcado por uma evolução na organização do espaço da cidade, este foi estruturado de forma racional seguindo a estrutura radial iniciada na Baixa por um lado e, por outro, aumentando a sua área através do planalto, criando uma nova estrutura em quadrícula. Com o aparecimento de novas vias, praças e largos surgem também edifícios para equipamentos diversos. Também a construção do caminho-de-ferro abre novos horizontes à produção e aos mercados para a exportação de novos produtos altamente qualificados na Europa, como o café, a borracha, o sisal, etc. Também a instalação da energia eléctrica na cidade, foi crucial para o seu crescimento e desenvolvimento, uma vez que estimulou um aumento na população *branca* que ocupava a zona entre a Baixa da cidade e os musseques da periferia. Era o progresso e o investimento que foi de novo interrompido com a Segunda Guerra Mundial (Raposo, 2005: 58).

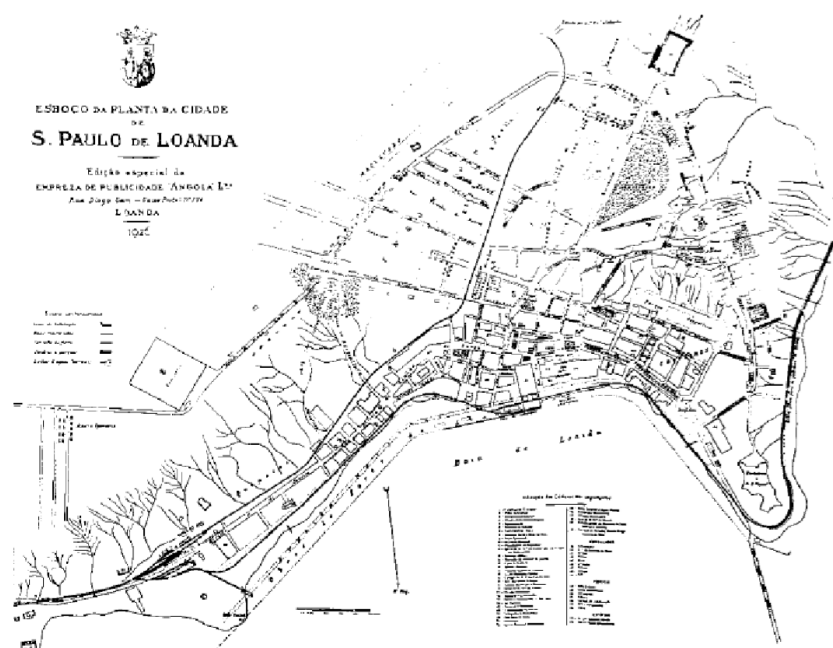
Com o passar do tempo e com a chegada dos primeiros pensamentos de ordenamento urbano, as cubatas foram sendo empurradas para a periferia à medida que a cidade consolidada ia crescendo. O espaço começa a ser cada vez mais organizado e a cidade expande-se de forma racional através do planalto que não lhe oferece qualquer entrave topográfico (Raposo, 2005: 49).



21| *Planta actual de Luanda, com a marcação dos eixos estruturantes da cidade baixa e cidade alta.*

Período Moderno e pós-independência
Séc. XX

Entre 1920 e 1945, fruto das mudanças nas políticas ultramarinas, acontece um aumento na construção de obras públicas na cidade: além de obras de engenharia de grande porte, os equipamentos começaram a expandir na cidade baixa. A arquitectura destes edifícios rompia com a tradição construtiva do passado e acentuava a arquitectura moderna. Baseada, fundamentalmente nos novos materiais e novas tecnologias, tal como o betão armado, estas técnicas construtivas possibilitavam uma linguagem formal distinta, funcionalista e racionalista que dava uma nova imagem à cidade (Raposo, 2005: 58).



22| Planta de Luanda, 1920.

Primeiro Plano urbano de Luanda
1942

Mas este desenvolvimento não passava de intervenções pontuais e a cidade exigia um plano de apoio ao seu crescimento. Essa consciência deu-se em 1942 com o desenvolvimento do primeiro plano de urbanização da cidade, pelos arquitectos De Gröer²² e David Moreira da Silva²³,

²² Arquitecto e Urbanista, Polaco. Frequentou a escola em Nice, sul da França, e formou-se na Academia Imperial de Belas Artes em São Petersburgo. Groër iniciou o estudo do desenvolvimento urbano para a cidade de Lisboa, dos quais destacam o estudo de Urbanização Preliminar da Área de Lisboa, Cascais e Estoril e o Plano de Urbanização da Costa do Sol. Além do Plano Director de Desenvolvimento Urbano para a cidade de Lisboa, em 1948, também foi responsável por vários outros planos urbanos, incluindo os Planos Urbanísticos de Abrantes, Almada, Beja, Braga, Coimbra, Évora, Sintra, bem como para Luanda, em Angola (Fonte, 2007: 71).

²³ Arquitecto pela Escola de Belas Artes do Porto, onde concluiu o Curso Especial de Architectura Civil em 1929. Frequentou ainda Escola Superior de Belas Artes de Paris e o Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, tendo concluído em 1939 os cursos de Architectura e Urbanismo. Colaborou com Étienne de Gröer na elaboração do primeiro antepiano de urbanização da cidade de Luanda, na sequência de idêntica e anterior colaboração no antepiano de urbanização de Coimbra. Foi também um dos primeiros urbanistas portugueses, tendo realizado, entre outros, os antepianos de urbanização

convidados pela Câmara Municipal de Luanda. O plano assentava na organização territorial, económica e social. Os dois urbanistas, propõem a aplicação da teoria da cidade-jardim, baseada no conceito da cidade policêntrica, tentando controlar o crescimento e congestionamento da cidade de Luanda.

O plano propunha a construção de cinco cidades satélite, em redor da cidade *principal*, aplicando, em redor da mesma, uma faixa verde com dois quilómetros de largura que funcionaria como zona de protecção, de forma a interligar as cinco cidades satélite.



24| Primeiro Plano de Urbanização para Luanda, 1942.

23| Planta de Luanda e seus satélites, 1942, Etienne de Gröer e David Moreira da Silva.

As relações entre europeus e indígenas são consideradas determinantes na organização da cidade colonial. A organização e composição dos planos da cidade, a orientação das habitações e a localização dos bairros indígenas são elementos a considerar. Ao núcleo central habitado por europeus junta-se a população indígena, que se constitui como mão-de-obra ao serviço do núcleo dos europeus. Esta está ao serviço da população branca, não devendo haver um afastamento grande, para não tornar excessivo a distância entre casa e trabalho.

de Moledo do Minho, Águeda, Paredes, Matosinhos, Aveiro, Barcelos, Elvas, Valongo, Guimarães, Chaves. Consultado em Setembro de 2017: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=p%C3%A1gina%20est%C3%A1tica%20gen%C3%A9rica%202171.

Quanto à rede viária, o plano previa três níveis distintos, tendo em atenção o princípio habitar e circular, a circulação rápida, a lenta e para peões. Também as funções eram separadas, sendo a rua comercial distinta dos núcleos habitacionais e unicamente destinadas aos peões, com alguns edifícios construídos parcialmente sobre pilotis para valorizar a ventilação (Fonte, 2007: 88). Constava ainda no plano, a criação de uma estrada de circunvalação em que nos extremos da mesma estariam as duas saídas principais da cidade. No entanto, este plano nunca chegou a ser aprovado, por falta de recursos e problemas jurídicos.

Neste seguimento, em 1944, é criado em Lisboa, o Gabinete de Urbanização Colonial²⁴ (GUC), por Marcello Caetano²⁵, mais tarde transformado no Gabinete de Urbanização do Ultramar, com o objectivo de iniciar a elaboração disciplinada de Planos Gerais de Urbanização ou Anteplos de Urbanização para os principais centros urbanos das antigas províncias ultramarinas (Mendes, 2005: 42). O GUC era formado por arquitectos, engenheiros e especialistas em higiene tropical e climatologia e foi promovido como um organismo comum a todas as colónias de África e, mais tarde estendido às restantes províncias ultramarinas (Índia, Macau e Timor).

Os planos urbanos desenvolvidos e obras de arquitectura construídas até então retractavam as diferentes fases da cultura de projecto que foi desenvolvido nesta época. Isto permitia aos arquitectos alguma liberdade de acção, principalmente nas metodologias de abordagem aos projectos arquitectónicos e urbanos (Milheiro, 2014: 4).

Como resultado das equipas multidisciplinares desenvolve-se uma arquitectura de *representação colonial*, funcional e tectonicamente consistente, que progride em três etapas: primeiro inspiram-se na

²⁴ O GUC constituiu um núcleo de projecto urbano e de arquitectura, inserido no Ministério das Colónias. Foi criado durante o Estado Novo, no sentido de se adequar a possíveis mudanças nos quadros coloniais europeus no fim da Segunda Guerra mundial (Milheiro, 2014: 6).

²⁵ Uma vez que era, nessa altura, o Ministro das Colónias (1944-1947). Marcello Caetano foi um jurisconsulto, professor de direito e político português. Importante figura durante o regime salazarista, foi também o último Presidente do Conselho do Estado Novo (Consultado em Outubro de 2017: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcello_Caetano).

arquitectura popular portuguesa do Alentejo e do sul do país; seguida de uma arquitetura de tipologias mais monumentais e históricas, relacionado ao regime ditatorial, mostrando mudanças legislativas; e por fim, deixando-se contaminar pelas tradições construtivas locais e experimentando uma primeira expressão de *nativismo africano*, numa procura de independência e autonomia construtiva. Em 1950, foram criadas delegações provinciais com o objectivo de conhecer os problemas e compreender melhor a relação entre o projecto e o território. (Milheiro, 2014: 4).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e o desenvolvimento do caminho-de-ferro, a cidade sofre novas transformações com a construção do porto de Luanda, em 1945. A cidade ganhou grande importância gerada em torno do porto, por ser um elo de comunicação entre o interior e o exterior de Angola. Como consequência, inicia-se um novo ciclo de investimentos, que gerou também um progresso urbano, numa melhoria das vias de acesso à cidade e na qualidade de edificações.

Mas um dos períodos mais significativos para o desenvolvimento de Luanda foi entre 1950 e 1974, não só pelo crescimento da cidade, por um maior investimento por parte do Estado na construção, aplicando-se uma nova política de Obras Públicas, mas também pela elaboração de vários planos urbanos.

O segundo plano, foi projectado em 1952 pelo arquitecto João António Aguiar, já regido pelo GUC, estabelecia o que seriam as áreas consolidadas e as de expansão urbana e definia, também, as zonas industriais e rurais de modo a estabelecer os limites da cidade. Como no plano anterior, foram criados vários eixos viários estruturantes e vias de acesso para sul (Raposo, 2005: 43). Em suma, o plano propunha a baixa da cidade para o sector administrativo e de negócios; a cidade alta para funções residenciais e governamentais, com novos bairros; uma zona industrial provida de um parque e um sistema viário com vias circulares radiais e de vias que entravam no núcleo da cidade.

Mas, devido à incapacidade de resposta da Administração colonial quando à acelerada e crescente necessidade de produção de habitação para os novos cidadãos, Luanda assistiu à multiplicação dos *musseques*. As áreas periurbanas consolidaram-se em torno dos núcleos urbanizados da cidade e mostraram o que os mapas do GUC evitavam revelar: a exclusão social. Uma vez que este plano ignorou a existência dos *musseques* que rodeavam a cidade, os *brancos* residiam no centro, enquanto os *negros* e *mestiços* habitavam nos *musseques* (Viegas, 2015: 62).



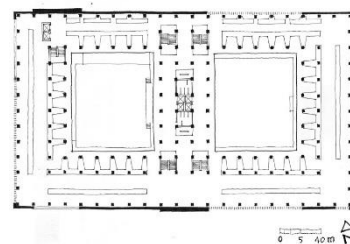
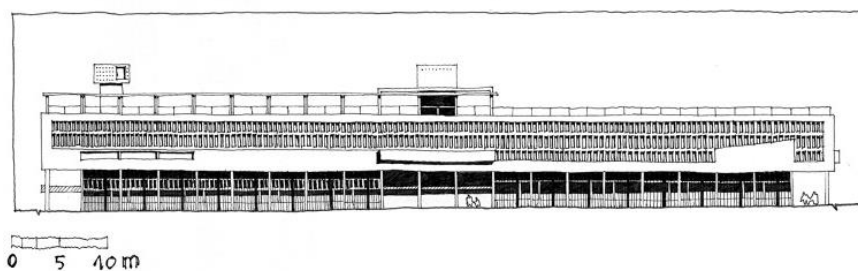
25| Plano de Urbanização de Luanda, GUC, João António Aguiar, 1949.

No entanto mais uma vez, o plano não foi aprovado, continuando a ser admitido o crescimento desordenado da cidade.

Apesar das dificuldades em aprovar e implementar planos, outros projectos de menor dimensão iam sendo realizados, como o Plano para a Baía de Luanda, do Arq. Vasco Vieira da Costa. Este propunha uma frente contínua de edifícios com um *skyline* ondulante que rematava a cidade, cujos edifícios ofereciam uma galeria continua no piso térreo, permitindo percursos protegidos da radiação solar (Fonte, 2012: 121-125). O Mercado do Kinaxixe foi um dos edifícios que transformou a cidade de Luanda, organizando o espaço circundante com a sua geometria simples e reinventando o lugar.



26| Mercado de Kinaxixe,



27| Fachada e Planta do Mercado de Kinaxixe.

“A construção de edifícios de carácter oficial contribuiu para a transformação do perfil da cidade, sendo disso exemplo o da Fazenda, o das Obras Públicas na Mutamba, o Mercado Quinaxixi no então Largo dos Lusíadas, o do Banco de Angola na Marginal, e o do Porto de Luanda no remate da mesma Avenida, no Largo Diogo Cão.”²⁶

Na década de 60, era clara a diferença entre a cidade urbanizada, desenvolvida em torno da baía, dos novos desenvolvimentos espontâneos, na periferia de grandes manchas de musseques. Mas é a partir desta época e com o aumento explosivo de população que o crescimento da cidade se torna descontrolado e caótico, destruindo grande parte das construções portuguesas tradicionais (Raposo, 2005: 58).



28| Planta de Luanda. A cidade formal e a mancha de musseques (1970).

“Há uma dezena de anos, ainda, Luanda oferecia o encanto das suas características construções e das suas ruas e praças típicas. Há uns anos, porém, começou uma sistemática destruição de todas essas obras que testemunhavam um esforço construtivo multissecular.”²⁷

Uma nova fase no desenvolvimento da cidade aconteceu com o Arq. Fernão Simões de Carvalho²⁸, que orientou uma equipa

²⁶ Fonte, M. Manuela. *Urbanismo e Arquitectura em Angola: de Norton de Matos à Revolução*. Lisboa: Caleidoscópio & Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2012, pp. 125.

²⁷ Fernando Batalha (1950) Cit. in RAPOSO, Isabel. *Cidades Africanas*. Ur Cadernos FAUTL, nº 5. Artes Gráficas. Lisboa, 2005, pp. 50-51.

²⁸ Arquitecto e urbanista, nasceu em Luanda em 1929. Estudou em Portugal e depois em Paris onde, estagiou com o arq. Le Corbusier (com quem Vieira da Costa também trabalhou), durante quatro anos. Em 1959 voltou a Angola e começou a trabalhar para a Câmara Municipal de Luanda. Em Luanda encontrou edifícios com características especiais. *“Os quebra-sóis, as protecções solares, as varandas... Qualquer arquitecto tem que fazer arquitectura adaptada ao clima. Se é no interior é de uma maneira, se é na faixa marítima é de outra. Claro que havia ali soluções que não fariam sentido para a Avenida António Augusto de Aguiar, por exemplo”*. Regressou a Portugal em 67, e depois do 25 de Abril foi para o Brasil, *“o país onde fui mais acarinhado, onde trabalhei mais, projectei três cidades”*. A Angola não voltou. Sabe que o plano director que fizera para a cidade nunca chegou a ser aplicado, desconhece se alguns dos projectos que desenhou chegaram ou não a ser construídos, mas sabe que o edifício da Radiodifusão, que fez com José Pinto da Cunha e Fernando Alfredo Pereira e de que muito se orgulha,

multidisciplinar do Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal. É neste contexto que é elaborado o Plano Director de Luanda, que serviu de documento orientador para a prática quotidiana da gestão da cidade, embora não tivesse sido aprovado (Raposo, 2005: 45).

A proposta do gabinete dividia, a cidade de Luanda, em: *“bairros compostos por três a quatro Unidades de Vizinhança, cada uma com cerca de 5.000 a 10.000 habitantes. Cada bairro é traçado após detalhados inquéritos às populações e inventariação de equipamentos²⁹”*. Era dividido num zoneamento funcional apoiado por um sistema viário hierárquico e estruturado por dois grandes eixos de acessibilidade convergentes num ponto central (Raposo, 2005: 45). Dentro da lógica, o Arquitecto Simões de Carvalho defendia que a estrutura viária rápida não atravessaria a cidade, existindo vias periféricas para tal, criando assim duas lógicas distintas: a dos grandes eixos viários e a dos pequenos percursos. As zonas habitacionais deveriam incluir zonas de trabalho e zonas industriais condicionadas, bem como estabelecimentos de ensino.

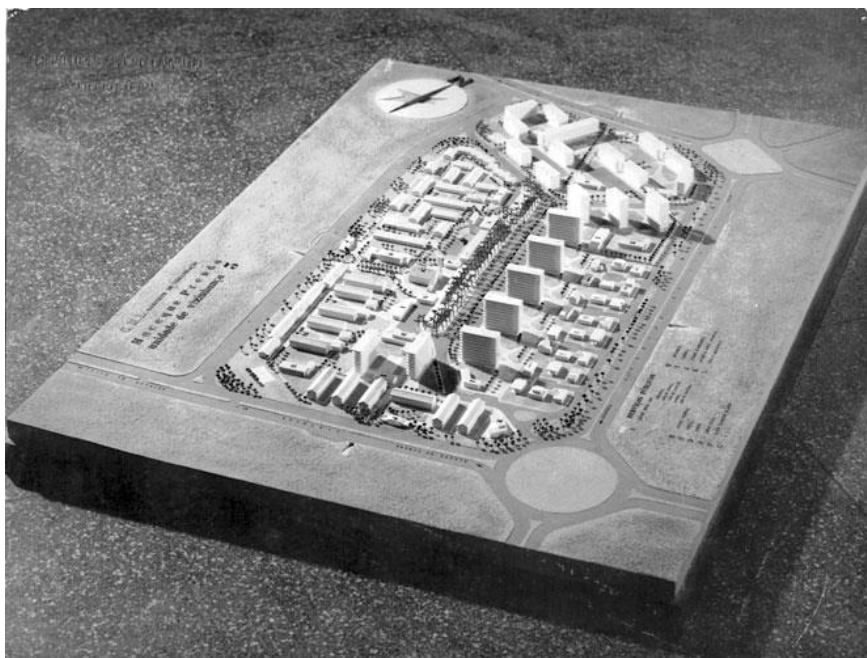


29| Plano Director de Luanda, Câmara Municipal de Luanda, Arq. Simões de Carvalho, 1962

é tratado com carinho pelos luandenses e é também para eles um motivo de orgulho na cidade (Modernidade Ignorada, 2001).

²⁹ Milheiro, Ana Vaz - *Nos Trópicos Sem Le Corbusier: Arquitectura Luso-Africana no Estado Novo*. Relógio D'Água Editores. 2012, pp. 2-3.

Considerava-se prioritária a execução de um plano viário constituído por dois grandes eixos de penetração, tratados como auto-estradas, ligando o centro da cidade ao interior de Angola, cruzando com quatro vias de cintura, completadas pelas vias envolventes das unidades de vizinhança. Esta estrutura viária seria completada pela construção de pelo menos três grandes parques de estacionamento em altura (Fonte, 2007: 187).



31| Bairro do Prenda, 1963-1965.

30| Maquete do Bairro do Prenda, 1963-65.

Ainda que não tenha sido implementado, o plano abriu caminho para a criação dos Planos Parcelares de Unidades de Vizinhança, da qual é exemplo o Bairro Prenda, Unidade de Vizinhança nº 1 (1963-1965), construído no musseque Prenda. Não obstante aos planos urbanos anteriormente propostos, o plano de Simões de Carvalho é o pioneiro na integração multicultural, até então nunca explorada nem aplicada no contexto da cidade de Luanda.

Já nos finais dos anos 60, a política portuguesa para as províncias ultramarinas caracterizava-se pelo esforço no seu desenvolvimento, organização e controlo administrativo, o que se mostrou na construção de grandes infra-estruturas e no desenvolvimento urbano. Os planos deste período passaram a ser encomendados por administrações locais, com o objectivo de definir uma política urbana que orientasse e organizasse o



32| Unidade de Vizinhança 1, Bairro do Prenda, actualmente.

território, de forma a solucionar a rivalidade de coexistência entre a cidade europeia e da cidade informal, não reconhecida como espaço urbano (Raposo, 2005: 45).

A partir de meados do século XX, um aumento explosivo da população, ocasionado por uma diferente posição política da metrópole que passa a incentivar a emigração, vai alterar o desenho da cidade. Uma produção substancial de riqueza vai fazer crescer e transformar radicalmente a cidade e o seu carácter mais directamente português (Raposo, 2005: 60).

“É finalmente, a modernização urbana que destrói a arquitectura do passado, aquela que personalizou a cidade com o título de cidade dos telhados múltiplos.”³⁰

Em 1975, com a Independência de Angola³¹, um grande número de pessoas, das zonas rurais, fugiu para a capital de forma a encontrar um sítio mais seguro, instalando-se em musseques existentes ou construindo-os. Mas a ausência ou a não implementação de instrumentos reguladores, resultou na formação de novos bairros informais, uma vez que, devido ao agravamento da guerra, os refugiados ocupavam qualquer espaço vazio, muitos deles vazios urbanos e espaços públicos da cidade.³²

Devido a este grande aumento de população, Luanda, sem qualquer planeamento urbano ou controlo de construção, aumentou significativamente o número de bairros informais e o número de habitantes a residir neles pois, a maioria da população imigrante era, e é, extremamente pobre.

A cidade começa a aumentar e a avançar sobre o planalto numa *“quadricula impressionante que se articula perfeitamente com a*

³⁰ Idem pp. 59-60.

³¹ Com a independência de Angola, Luanda torna-se a sua capital.

³² Segundo o Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) esta situação acontecia perante a ‘ausência da mão do Estado’ e o ‘cerco das necessidades’ as populações criaram alternativas de sobrevivência, autoconstruindo habitações e gerando novos bairros que posteriormente foram sendo reconhecidos pelo Estado.

*radicalidade da cidade baixa e o eixo único da velha cidade alta.*³³ A continuidade dos eixos existentes foi feita através de grandes avenidas que apontam para diferentes saídas da cidade (Martins, 2005: 60).

Ao mesmo tempo assiste-se a um importante surto de novas construções, especialmente de equipamento público, bem como a promoção de estudos e projectos de habitação social. *“Produce-se uma arquitectura moderna e internacional com referências, sobretudo, à arquitectura brasileira. (...). Uma menor vigilância política, em Luanda, permitiu que a nova arquitectura se desenvolvesse com maior liberdade e criatividade (...).”*³⁴. Acentuando cada vez mais um contraste entre o *formal* e o *informal*, e nunca resolvendo os problemas de crescimento urbano descontínuo e desordenado.

Luanda é a maior cidade, e a mais densamente habitada, de Angola. Inicialmente projectada para uma população a rondar os 500 mil habitantes, é hoje uma cidade sobre habitada. Segundo os RGPH 2014, vivem actualmente em Luanda mais de 2 milhões de pessoas.³⁵

³³ Martins, Isabel cit. In Raposo, Isabel. *Cidades Africanas*. Ur Cadernos FAUTL, nº 5. Artes Gráficas. Lisboa, 2005, pp 60.

³⁴ Idem, pp. 57.

³⁵ Resultados definitivos do recenseamento geral da população e da habitação de Angola de 2014, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em colaboração com outras instituições do Estado.



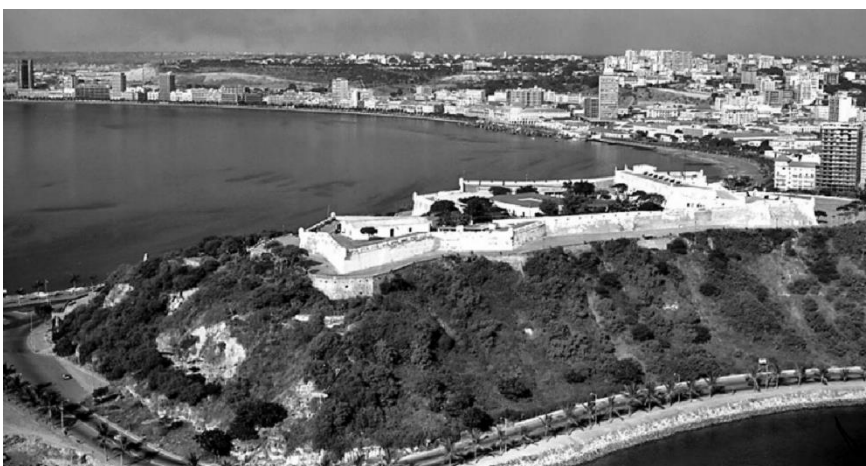
33| *Cidade Baixa de Luanda 1935.*



34| *Avenida Marginal de Luanda, 1965.*



35| *Baía de Luanda, anos 60.*



36| *Fortaleza de S. Miguel.*



CONTINENTE: ÁFRICA

a: 30.370.000 km²



PAÍS: ANGOLA

a: 1.247.000 km²



PROVÍNCIA: LUANDA

a: 18.826 km²



CIDADE: LUANDA

a: 113 km²



MUNICÍPIO: INGOMBOTA

a: 9,6 km²



BAIRRO: CHICALA

a: 385.055 m²



CHICALA II

a: 201.095 m²

37| Contexto geográfico: África, Angola, Luanda, Chicala.

1.1.2 | GEOGRAFIA FÍSICA

“Luanda situa-se numa terra semiárida e quente, pobre de riqueza do solo e do subsolo”³⁶

Luanda é a capital de Angola, um país da costa ocidental Africana que representa um dos mais importantes territórios de influência portuguesa da África Subsaariana. Esta é a maior cidade e também o principal porto e centro económico do país. Faz parte de um dos 13 distritos urbanos da Província de Luanda³⁷, sendo o mais densamente habitado³⁸. É uma cidade costeira que se localiza entre o equador e o trópico de Capricórnio, aproximadamente a 8° 50' 18" de latitude Sul e a 13° 14' 4" de longitude Este, numa zona de savana entre o Rio Cuanza³⁹ e o Rio Bengo (Amaral, 1999: 11).

Marcada por uma baía, formada pela Ilha de Luanda, a cidade baixa desenvolve-se litoralmente ao longo de uma plataforma pouco uniforme, mas, bastante limitada pelas barrocas. Já a cidade alta, foi construída na colina⁴⁰ numa superfície de planalto, com solos secos e arenosos e uma escassa vegetação, exposta a ventos fortes. Onde, a partir do morro da Fortaleza de S. Miguel, a cidade se expande maioritariamente para sudeste (Amaral, 1999: 17). Esta desenvolveu-se em conformidade com a topografia, resultando, nas duas partes já referidas: cidade baixa e cidade alta.

Angola possui diferenças climáticas bastante acentuadas, resultado da diferença de latitudes entre os extremos Norte e Sul, das diferenças de altitude e da proximidade ou afastamento do mar. Assim, de acordo com a classificação climática de Köppen-Geiger⁴¹, Angola tem 4

³⁶ Amaral, Ilídio. *Luanda: Estudo de Geografia Urbana*. Edições Colibri. Lisboa, 1999, pp. 11.

³⁷ A província de Luanda tem 6.945.386 habitantes, segundo dados provenientes do Recenseamento Geral da População e Habitação de 2014, divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

³⁸ Um total de cerca de 2,1 milhões, ou seja, aproximadamente 32% dos 6,5 milhões de habitantes de toda a Província (Censos 2014).

³⁹ É o maior rio de Angola que faz o limite sul entre a província de Luanda e a província do Bengo.

⁴⁰ Com uma altura de 40 a 80 metros em relação à cidade baixa.

⁴¹ Classificação climática de Köppen-Geiger, é o sistema de classificação global dos tipos climáticos mais utilizada em geografia, climatologia e ecologia. Esta classificação divide o clima da Terra em 5

tipos de climas: Clima tropical com estação seca no inverno (Aw), Clima árido quente (BWh), Clima semiárido quente (BSh) e Clima tropical de altitude (Cwa, Cwb) (Quintã, 2009: 75).

Luanda encontra-se numa zona de clima semi-árido quente (BSh), este caracteriza-se pela ausência de Inverno e por ter duas estações bem definidas: uma estação quente e chuvosa (correspondendo a 60-70% do valor de precipitação anual); e uma estação seca com temperaturas mais amenas, mas com uma elevada humidade relativa em que não chove, mas a cidade fica coberta de nuvens – *cacimbo*⁴² (Quintã, 2009: 78). Apresenta um clima uniforme, ao longo do ano, sem grandes variações de temperatura e humidade. No entanto, beneficia de uma proximidade ao mar, que lhe impede de atingir temperaturas muito elevadas (Quintã, 2009: 81).

*“Intervir num lugar exige do arquitecto um compromisso no sentido da aprendizagem da condição desse lugar (...). Intervir particularmente em climas quentes e húmidos exige que as construções obedeçam a disposições especiais. Implica, portanto, o conhecimento dos factos climáticos e o entendimento de um clima específico, para além de toda a compreensão fenomenológica mais abrangente.”*⁴³

Para projectar num clima tropical, é fundamental entender os fenómenos climáticos que actuam no lugar, assim como o impacto que cada elemento exerce sobre o ambiente, de forma a usá-los para benefício do projecto e gerando um ambiente confortável.

regiões: Tropical Húmido, seco, temperado com Inverno suave, temperado com Inverno rigoroso e Polar. A classificação é baseada, com excepção do clima Seco, nas temperaturas médias de cada região. O clima Seco é definido com base na precipitação e evapotranspiração da região. Cada um destes tipos de clima divide-se ainda em sub-climas, tendo em conta a precipitação. (Fonte: <https://www.ipma.pt/pt/educativa/tempo.clima/index.jsp?page=clima.pt.xml>).

⁴² Nome dado apenas em Angola à estação seca (sem chuvas), porém bastante húmida com uma frequente e intensa névoa – a *cacimba* - e decorre de Maio a Agosto (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cacimbo>). A estação das chuvas dura de Setembro a Abril e com períodos de chuva bastante intensa, podendo atingir os 120 mm em Abril, e provocar sérios problemas de escoamento.

⁴³ Quintã, Margarida. *Arquitectura e Clima, Geografia de um Lugar: Luanda e a obra de Vasco Vieira da Costa*. Luanda, 2009, pp. 50.

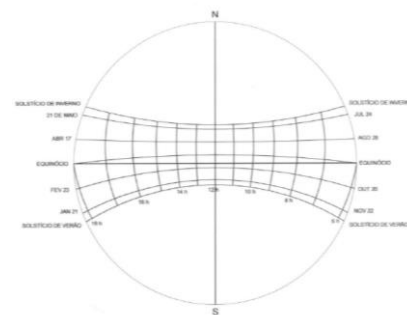
Um dos grandes factores que influenciam o conforto humano e a arquitectura nestas latitudes é a insolação. Quanto mais perto está um local do equador (latitude zero), como é o caso de Luanda, mais constante é a posição do sol, que leva a um aumento da temperatura. A insolação diária é bastante elevada, sendo que os dias e as noites, têm uma duração muito semelhantes e próximas das 12 horas, todos os dias do ano (Quintã, 2009: 80). Assim o principal objectivo é proteger o edifício da fonte de calor. Através da carta solar é possível conhecer o percurso do sol, de forma a dimensionar sistemas de sombreamento, que ofereçam essa protecção.

Em Luanda, o sol chega ao zénite o que faz com que a cobertura, nos edifícios de poucos andares, seja o suficiente para sombrear totalmente o edificado. É necessário ter em atenção que os ensombramentos são mais eficazes quanto mais perpendiculares aos raios solares estiverem posicionados. Deste modo, nas fachadas Norte e Sul o sombreamento será mais eficiente se se recorrer a elementos horizontais e nas fachadas Este e Oeste, a verticais (Quintã, 2009).

“A luz de Luanda, de múltiplas variações e cambiantes, é uma das qualidades ambientais mais impressionantes da cidade e das que mais influencia a sua arquitectura.”⁴⁴

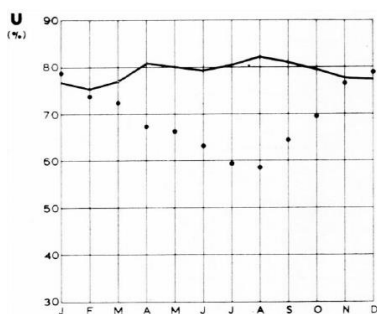
Relativamente à temperatura do ar, os meses mais quentes são Fevereiro e Março e os menos quentes são Julho e Agosto. Como já referido, devido à proximidade com o mar, Luanda não tem temperaturas assim tão elevadas, devido à corrente fria vinda de Benguela, que regula a temperatura e a mantém constante, sem grandes oscilações. Com valores máximos pouco acima de 30 °C e mínimos que raramente descem além dos 14 °C, a temperatura média do ar é de 24 - 25 °C (Amaral, 1999).

Mas o grande problema, em proporcionar um ambiente confortável num clima tropical, não é apenas a descida da temperatura, mas o desconforto gerado pela temperatura juntamente com a elevada



38| Carta Solar para a latitude aproximada de Luanda.

⁴⁴ Batalha, Fernando. Angola: arquitectura e história. Veja. Lisboa, 2006.

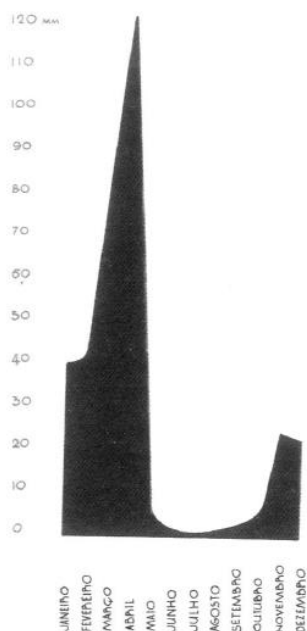


39| Gráfico a humidade relativa do ar média mensal de Luanda.

percentagem de humidade relativa. Pois, quanto mais humidade, maior é a sensação de calor. Segundo Jacques Dreyfus, aumentando-se 20% a humidade relativa, a sensação é que a temperatura sobe 1,5 °C⁴⁵.

*“O ar quente, húmido, pesado, pegajoso, que se me pegou instantaneamente ao corpo, como um grude invisível (...). O bafo escaldante de uma terra onde (...) só através desta respiração morna e pastosa me parece real.”*⁴⁶

De todos os elementos climáticos que caracterizam o território de Luanda, a humidade é o que maior regularidade apresenta na sua distribuição. A sua média anual ronda os 80%, atingindo um valor máximo em Agosto (época seca) e um mínimo em Fevereiro (época quente ou das chuvas). Ou seja, a humidade relativa média é maior no período em que as temperaturas são mais baixas e menor quando as temperaturas são mais elevadas.



40| Gráfico da distribuição mensal das chuvas em Luanda.

As chuvas em Luanda, assim como nas regiões tropicais, caracterizam-se por ter períodos de precipitação de curta duração, mas de forte intensidade, a ser na ordem de 1 mm ou mais de precipitação por minuto. Esta ocorrência de precipitação em Luanda, dá-se nos meses com temperaturas elevadas, é em Abril que temos o máximo absoluto de precipitação, chegando a atingir os 120 mm, enquanto a precipitação anual é de 405 mm. No entanto, na época do cacimbo, a quase absoluta ausência de chuva resulta na época seca⁴⁷, sendo então fácil distingui-la da das chuvas.

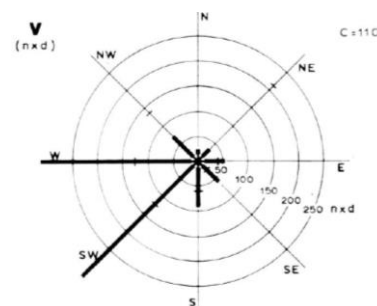
Estas chuvas intensas, associadas a uma deficiente rede de esgotos, provocam grandes danos devido às graves dificuldades no escoamento de águas, também a sua violência traz prejuízos materiais elevadíssimos, que afectam o funcionamento da cidade (Amaral, 1999).

⁴⁵ Segundo Jacques Dreyfus, em “le Comfort fans l’habitat en pals tropical”, cit. in Quintã, 2009.

⁴⁶ Torga, 1973 Cit. in Quintã, Margarida. *Arquitectura e Clima, Geografia de um Lugar: Luanda e a obra de Vasco Vieira da Costa*. Luanda, 2009, pp. 82.

⁴⁷ Período Seco é aquele em que a quantidade de precipitação mensal é, em média, inferior a 60 mm.

De acordo com a rosa dos ventos para a cidade de Luanda, constata-se que a cidade é atingida por ventos de direcção dominante, provenientes de sudoeste (SW). Relativamente à intensidade, é na época de maior calor que se registam os ventos mais fortes, ou seja, entre Outubro e Março. Anualmente, a intensidade é sempre reduzida variando nos 20 a 35 km/h. Segundo a escala de Beaufort⁴⁸, é considerada vento fraco. A direcção e a intensidade variam pouco no decurso dos meses, porém é de referir que ocorrem, ocasionalmente, rajadas de 100 km/h, de direcção variável e de pouca duração, associadas a fenómenos de instabilidade atmosférica, como aguaceiros ou trovoadas (Quintã, 2009: 82-84).



41| Rosa-dos-ventos predominantes em Luanda.

Estas características climáticas a par das matérias-primas, influenciam a arquitectura e as soluções a adoptar para projectar em Luanda, pois “(...) nunca se observam condições de bem-estar, o que requer um projecto que permita modificar essas condições.”⁴⁹

O projecto deve, antes de mais, ser adequado ao clima e a sua forma projectada como resultado da aplicação de princípios que minorizem as consequências da exposição solar.

*“O recuo das montras, a varanda das habitações e a abada cobertura, bem como o rotulado sobre a entrada e a sequência de palas que guarnecem o vão da caixa de escala são uma interpretação estética dum sistema indispensável de protecção contra o Sol. A ventilação é o segundo item considerado, reflectindo-se na configuração dos vãos e na colocação do alçado.”*⁵⁰

⁴⁸ Concebida no início do século XIX por Francis Beaufort, a Escala de Beaufort classifica a intensidade dos ventos, tendo em conta a sua velocidade e os efeitos resultantes das ventanias no mar e em terra.

⁴⁹ Quintã, Margarida. *Arquitectura e Clima, Geografia de um Lugar: Luanda e a obra de Vasco Vieira da Costa*. Luanda, 2009, pp. 82.

⁵⁰ Hernâni Gandra e Fernando Peres Cit. in Quintã, Margarida. *Arquitectura e Clima, Geografia de um Lugar: Luanda e a obra de Vasco Vieira da Costa*. Luanda, 2009, pp. 171.

1.1.3 | A CIDADE DE HOJE

Luanda é uma cidade de crescimento descontínuo, que tem sofrido grandes alterações de cariz identitário. Como descreve Isabel Martins: *“os velhos casarões, com os seus telhados múltiplos, que foram demolidos levando consigo a imagem da cidade portuguesa (...), para dar lugar às novas construções de betão armado, com utilização predominante de materiais pré-fabricados.”*⁵¹ Este crescimento tem sido caracterizado pelo desenvolvimento de edifícios em altura de cariz internacional e de uma arquitectura de autor, que tem alterado drasticamente a imagem da cidade.



42| Contraste urbano de Luanda.

Mas é a dicotomia entre a cidade urbanizada e as grandes manchas de musseques, que tem causado inúmeros problemas na organização do espaço urbano, pois nunca existiu uma estratégia de desenvolvimento planeado e só nos anos 30 se tomou consciência da desordem urbana.

“Por incrível que pareça a cidade de Luanda, dos nossos dias, continua tão desordenada como nos princípios dos anos 30. (...) O mercado formal e informal, ocupa o espaço anarquicamente sem qualquer orientação planimétrica da cidade. (...), os planos reguladores urbanos continuam a não existir e apenas são implementadas algumas estratégias que resolvem problemas

⁵¹ Martins, Isabel Cit. in Raposo, Isabel. *Cidades Africanas*. Ur Cadernos FAUTL, nº 5. Artes Gráficas. Lisboa, 2005, pp. 60.

pontuais. Os instrumentos legais, como a lei do ordenamento do território recentemente aprovada, são difíceis de implementar devido à extensão do território e à falta de quadros qualificados”.⁵²

Ainda hoje, continua a crescer sem nenhum constrangimento, o espaço é usado sem qualquer rigor, orientação e/ou disciplina, pois não existe políticas que os imponham. E olhando a cidade, é perceptível que o problema não está apenas no tecido informal, mas também no processo de globalização que se apoderou de Luanda.

Tendo em conta os problemas até aqui descritos, é urgente criar políticas e estratégias exequíveis, “(...) capazes de provocar um desenvolvimento social, territorial e urbano equilibrado, tendo em conta a região, os seus recursos e actividades. Estas estratégias supõem a compreensão do problema no seu todo, tendo em conta a lógica de crescimento, fundamentalmente, num desenvolvimento sustentável e equitativo”⁵³.

⁵² Idem.

⁵³ Idem.



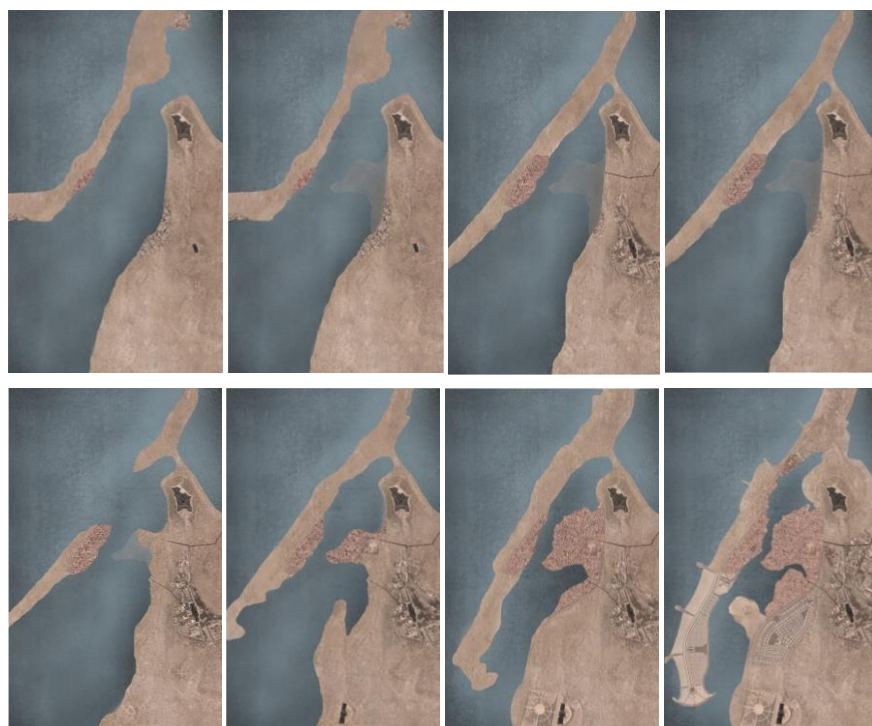
1.2 | O BAIRRO

“Situada bem perto do epicentro simbólico da cidade de Luanda, a Chicala surge marginal na cartografia axiomática que serve de apoio aos modelos dominantes de análise e intervenção urbana. Como tantos bairros da capital angolana (e inúmeros outros espalhados por todo um continente), o seu lugar no mundo tende a ser descrito aquém da modernidade. A Chicala é desordenada. A Chicala está sobrepovoada. A Chicala não cumpre os ambiciosos desígnios da nova cidade que está a nascer.”⁵⁴



43 | Fachada da Chicala.

⁵⁴ Moreira, Paulo. *Chicala não é um bairro pequeno*. Edição de autor. Porto, 2012, pp. 31.



44| *Evolução do território da Chicala, ao longo dos tempos.*
Séc. XVI-XVII | Séc. XVII | Séc. XIX | Séc. XX
1975-1991 | 1992-2001 | 2002-2013

1.2.1 | CHICALA

O Bairro da Chicala está localizado na frente marítima de Luanda, orientado a Oeste. *“Situado entre a ponta Sul da Ilha do Cabo e o centro político-administrativo da cidade, aos pés da Fortaleza de São Miguel”*⁵⁵.



45| Fotografia aérea de Luanda. Marcado o Bairro da Chicala, perceptível a relação com a envolvente consolidada.

Chicala é uma adaptação portuguesa da palavra *Kikala*, que se referia ao núcleo de sobreviventes das Sanzalas localizadas a Sul da restinga Ilha do Cabo⁵⁶ (Moreira, 2012: 23), onde começou por ser o terreno correspondente à Chicala. Porém, com a explosão demográfica, anteriormente referida, o território de assentamentos informais expandiu-se para o que hoje conhecemos de Bairro da Chicala II (território de intervenção) e Chicala III, que segundo Ângela Mingas, é um núcleo composto por uma tríade (Moreira, 2012: 21).

A Chicala, área de assentamento informal, “é morfologicamente um *Mussequ*.”⁵⁷ Apesar desta forma urbana estar originalmente ligada à periferia, neste caso, ela é interna à malha consolidada da cidade, aproveitando durante três décadas o mar, pesca, praia, sol e a proximidade ao centro da cidade.

No entanto, as suas fronteiras naturais proporcionam uma relação particular com a envolvente. Pois mesmo estando adjacente ao centro



46| Tríade, Bairro da Chicala.

⁵⁵ Moreira, Paulo. *Chicala não é um bairro pequeno*. Edição de autor. Porto, 2012, pp. 23.

⁵⁶ Actualmente denominada Ilha de Luanda.

⁵⁷ Moreira, Paulo. *Chicala não é um bairro pequeno*. Edição de autor. Porto, 2012, pp. 23.



47| Planta: Chicala e Envolve. Desenho de Paulo Moreira, com Lara Ferreira, 2012



48| Chicala II. Fotografia de Paulino Damião, 2011.



49| Chicala II vista da Fortaleza de S. Miguel.

histórico da cidade, a Baía do Samba, o Oceano Atlântico e o Morro de São Miguel, fazem deste musseque uma bolsa ilhada, que a isola do restante contexto (Moreira, 2012: 24).

Esta condição de isolamento, assim como a impossibilidade de expansão, gera diversas consequências. Por um lado estimula uma maior união entre a comunidade, semelhante ao que acontece com populações insulares; por outro lado a densificação permanente do lugar, em que o espaço privado habitacional exerce uma pressão permanente sobre o limitado espaço público, vai condicionar a mobilidade, acessibilidade, oxigenação, saneamento público, entre outros factores básicos urbanos (Moreira, 2012: 24).

Estes problemas continuam a existir, apesar das inúmeras tentativas de os solucionar, nem sempre as melhores, pois os interesses políticos e económicos são sempre sobrevalorizados aos da população que ali reside.

Entretanto, este lugar, que fora negligenciado e esquecido, tornou-se hoje – com a globalização dos mercados e a pressão imobiliária – um dos terrenos mais valiosos da cidade. Como tal, começaram a desocupá-lo, arrasando os musseques e deslocando a população para bairros periféricos. Os terrenos do bairro da Chicala mostram, as políticas de desenvolvimento urbano instituídas pelas autoridades de Luanda.

“Encontra-se já em marcha um plano explícito e determinado que visa expurgar da imagem da cidade qualquer sugestão de pobreza, subdesenvolvimento ou desigualdade social. (...) Os gigantes subúrbios informais de Luanda não representam mais do que empecilhos desagradáveis aos interesses do negócio imobiliário, em nome dos quais deverão ser cirurgicamente removidos, apagados, escondidos de vista. São válidos todos os meios pelos que se atinjam estes fins.”⁵⁸

⁵⁸ Bonifácio cit. in Moreira, Paulo. *Chicala não é um bairro pequeno*. Edição de autor. Porto, 2012, pp. 20.

A tendência constante de alheação face a esta realidade, faz com que ela não tenha espaço na cidade. Resultado disso, é o bairro da Chicala que se encontra totalmente desocupado - uma ampla *tábua rasa*, por outras palavras a ocupação informal precária foi condenada à demolição e a localização atraiu novos investimentos imobiliários, convidando assim para que a intervenção se realize numa lógica de renovação total.



50| *Evolução do território - formação da Chicala. 1967 a 2010.*



51| *Chicala.*



52| *Chicala III já demolida.*

II | (RE)CONHECER A CIDADE

*“Um organismo difuso tem sido o modelo adjacente com que se tem
entendido as transformações das cidades”⁵⁹*

⁵⁹ Solà-Morales. *Territórios*. Traduzido do castellano. Gustavo Gili. Barcelona, 2002, pp. 83.

2.1 | A CIDADE

Idêntica a um ser vivo, os órgãos crescem, adaptam-se e transformam-se, também a cidade, os seus órgãos, a sua arquitectura, crescem, adaptam-se e transformam-se, numa interacção constante com um meio natural e social que preestabelece o âmbito destas mesmas transformações (Solà-Morales, 2002: 83).

Numa tentativa de definir a cidade, é consensual que, a primeira ideia é de aglomeração, densidade, diversidade. Assim, na sua interpretação ou leitura, pode considerar-se o espaço urbano como um objecto colectivo, que se organiza de acordo com vários elementos que o estruturam e definem (Rémy; Voyé, 1994: 14). No entanto, a cidade não deixa de ser um conceito ambíguo, e existindo inúmeras definições, nunca existiu um consenso entre elas, muitas já nem correspondem à realidade dos nossos dias (Sousa, 2010: 22).

O discurso de cidade corresponde a uma ampla realidade que, sobretudo, deve ser tomada como complexa e diversificada. Assim, pensar a cidade é juntar diversas dimensões e atributos que nela decorrem ou se aderem (Brandão, 2006: 21).

A estrutura física da cidade é, por conseguinte, o reflexo e testemunho dessas transformações. A sua compreensão passa, assim, pela consideração de que o espaço urbano se forma ao longo do tempo e que, é a realidade e o conhecimento dos *factos urbanos* que a estruturaram e modificam, que nos permite chegar ao seu entendimento (Rossi, 2011: 187).

*"O método histórico parece ser capaz de nos oferecer a verificação de qualquer hipótese sobre a cidade; a cidade é de per si depositária da história."*⁶⁰

Desde o início da civilização, a cidade assumiu-se como uma estrutura organizada e dotada para *"armazenar e transmitir os bens da*

⁶⁰ Rossi, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Edições Cosmos. 2011, pp. 187.

*civilização*⁶¹. Do mesmo modo, A. Rossi aponta a cidade como *facto humano* que se compõe como um depósito de *fadigas*, testemunho de memórias e valores, considerando-a como arte ou artefacto⁶². A forma e o carácter de uma cidade são, assim, resultado da evolução da civilização, que sendo espaço de encontro e contradição, estabelece-se como forma cultural (Mumford, 1998: 38).

Neste sentido, a cidade assume-se como um espaço de relações, de diversos factos que a gerem e a identificam. E é nesta ligação, entre o conjunto de factos físicos, que compõem a cidade, com o conjunto dos factos humanos, que a caracterizam e lhe conferem profundidade, que surge o espaço público. Este fenómeno cultural ao estabelecer-se como espaço de relação/comunicação, é simultaneamente produtor e produto de cultura urbana, que pode ser explicada pela *"peculiar combinação de criatividade e controlo, de expressão e repressão, de tensão e libertação, cuja manifestação exterior foi a cidade histórica"*⁶³ – urbanidade.

Deste modo, falar em cidade é também falar em espaço público. Porque o espaço público é a cidade (Borja, 2006) e a história de um é consequência da história do outro (Rossi, 2011: 189).

A história das cidades está intrinsecamente ligada ao espaço público, estas formaram-se e desenvolveram-se a partir da tradição do espaço público como elemento articulador do tecido urbano, de ligação física e simbólica das áreas densas (Borja e Muxi, 2003). A ágora grega, o fórum romano, o adro da igreja, o largo da feira ou o rossio, todos constituem locais de encontro - centralidades. O espaço público é, portanto, o elemento responsável pela estruturação da cidade desde a sua origem (Benevolo, 1993).

⁶¹ Mumford, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. Martins Fontes. São Paulo, 1998, pp. 38.

⁶² Na sua abordagem de cidade, A. Rossi, define-a como arte ou artefacto, o que em termos metodológicos, obriga ao reconhecimento histórico das relações dos homens no seu interior (Rossi, 2011), ou seja, para o conhecimento da cidade actual, tal como num artefacto, é necessário estudar o seu passado, a sua história.

⁶³ Mumford, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. Martins Fontes. São Paulo, 1998, pp. 38.

O conceito de espaço público, tal como o de cidade, abrange várias dimensões, pelo que uma só definição será sempre reducente. Neste sentido, na sua dimensão relacional, o espaço público, carece da relação entre noções como o de *urbs*⁶⁴, *polis*⁶⁵ e *civitas*⁶⁶, que resumem o conjunto das relações na cidade; relação física, política e social, respectivamente (Borja; Muxi, 2003). Deste modo, é impossível não associar a noção de espaço público à de cidade, uma vez que o espaço público urbano é o espaço quotidiano, das relações casuais ou habituais com os outros, do decorrer diário entre as diversas actividades, do encontro (Borja; Muxi, 2003). É a representação da cidade fisicamente e simbolicamente, como espaço mediador entre o território, a sociedade e a política (Solà-Morales, 2002).

O espaço público assume funções⁶⁷ essenciais no funcionamento da cidade pelo papel integrador que desempenha (Manso, 2001: 33), estabelecendo uma ligação de continuidade no território, tanto de ser vistos como uma *estrutura continua*, considerada e gerida no seu todo, e não como *unidades isoladas e autónomas* (Brandão, 2002: 24).

A compreensão do espaço público implica, assim, um amplo conhecimento dos diversos fenómenos que se relacionam entre si, ou seja, o entendimento dos factos físicos, que constituem a matéria urbana e simultaneamente de quem a ocupa, vive, usufrui, constrói e/ou visita, conseguindo assim determinar a sua importância e validade cultural.

O espaço público como palco da vida quotidiana, é espaço de representação e apresentação, de si e dos outros. É concebido a pensar num domínio público, de uso social colectivo e multifuncional, visto que a

⁶⁴ A *urbs*, como dimensão física, define-se pela aglomeração urbana, num território marcado pela densidade demográfica e pela diversidade social e funcional. De várias identidades e densidades de concentração do edificado e de usos (Borja; Muxi, 2003).

⁶⁵ A *polis* corresponde ao lugar político, de participação e "(...) *representação da identidade colectiva da sociedade urbana, assim como da oposição, expressão e mobilização social e mudança nas relações de poder*" (Borja; Muxi, 2003).

⁶⁶ Dimensão social, a *civitas* é o lugar de cidadania, baseado no convívio, com valores e elementos de identidade, de referências físicas e simbólicas (Borja; Muxi, 2003).

⁶⁷ O espaço público, segundo o arquitecto Álvaro Manso, pode conter variadas funções: de enquadramento e integração, de circulação e estacionamento, assim como funções económicas, sociais, recreativas, prolongamento das funções e interacção dos equipamentos, protecção do ruído, entre outras (Manso, 2001, pp. 33).

sua qualidade é avaliada, essencialmente, pela intensidade e qualidade das relações sociais que proporciona, assim como, pela mistura social, pela identificação simbólica e pela expressão cultural (Borja, 2006).

“O espaço público fantástico é aquele que capta o olhar e amplia a imaginação... é talvez aquele que não foi desenhado para ser fantástico, mas, tão simplesmente, para cumprir a sua função.”⁶⁸

Porém, é essencial que consideremos a cidade, não só como um produto cultural, mas como um complexo sistema aberto e em constante mudança, que se manifesta de várias formas, num processo urbano que Ascher refere como *modernização* (Ascher, 2010). A esse processo está associado o factor de incerteza, uma vez que não se conhece o fim, pois a cidade é o reflexo da sociedade, e prever a sua evolução era o mesmo que dizer que a sociedade tinha desaparecido ou estagnado. Assim é em função das necessidades da sociedade, que o espaço público, e consequentemente o espaço urbano, se vai modificando ao longo do tempo (Benevolo, 1993).

A cidade é um grande depósito, na sua globalidade, é o reflexo do que a sociedade acumula ao longo da sua história, uma vez que:

“A história da cidade é a história da civilização.”⁶⁹

⁶⁸ Alves, Fernando Manuel Brandão. *Avaliação da qualidade do espaço público urbano: proposta metodológica*. Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a ciência e Tecnologia. Lisboa, 2003, pp. 316.

⁶⁹ Rossi, Aldo. *A Architectura da Cidade*. Edições Cosmos. 2011, pp. 189.

2.1.1 | DO LOCUS AO CENTRO

A origem das cidades é remota. “(...) *as cidades primordiais apareceram há cerca de cinco milénios, (...) o longo processo de transformação de uma minúscula célula de povoamento de origem rural, num espaço organizado de características urbanas, será ainda muito anterior, correspondendo a um período histórico a que poderíamos chamar proto urbano.*”⁷⁰

Os lugares de ocupação humana foram-se modificando e tornando cada vez mais complexos. A cidade provem da pequena povoação – do campo/rural –, que por sua vez derivou do acampamento, da caverna. Mas, sempre, resultado da predisposição do Homem para viver em sociedade. Neste sentido, a cidade é, primeiramente, o reagrupamento organizado dos Homens (Mumford, 1998).

Assim, as primeiras cidades formaram-se com a junção dos habitantes e a concentração de várias funções, até ali espalhadas e desorganizadas, num espaço físico normalmente amuralhado – a *cidadela*⁷¹ (Fernandes, 2010: 26). Surgem, também, associadas à necessidade de unir os homens, em torno do templo⁷², uma vez que, os primeiros aglomerados urbanos não foram originados por um mercado, *fórum*⁷³ ou *ágora*⁷⁴, mas sim pela religião, que na altura assumiu um papel

⁷⁰ Barreto, cit. In Fernandes, José. *Cadernos de Doutoramento em Geografia*, nº 2. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Julho, 2010, pp. 26.

⁷¹ Cidadela é o nome que dado a qualquer tipo de fortaleza ou fortificação construída de uma cidade, para sua protecção. A cidadela pode, por vezes, ter castelo na cidade. A palavra deriva de *civitas*, que em latim significa “cidade”. (Consultado em Agosto de 2017 in <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidadela>).

⁷² Através de estudos sobre a função simbólica das cidades, arqueólogos e historiadores concluíram que, estas, eram construídas em torno de templos e palácios.

⁷³ O *fórum* era o espaço público existente no centro da cidade romana, que além de servir tradicionalmente como mercado, era também um ponto de encontro de grande importância social e palco de diferentes actividades, incluindo discussões e debates políticos, reuniões, entre outras funções. [consultado em Outubro de 2017: [https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%B3rum_\(Roma\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%B3rum_(Roma))].

⁷⁴ A *ágora* era onde os cidadãos costumavam ir, marcada pela presença de mercados e feiras livres nos seus limites, assim como por edifícios de carácter público. A *ágora* era a expressão máxima da esfera pública na urbanística grega, sendo o espaço público por excelência, da cultura e a política da vida social dos gregos. Estava normalmente rodeada pelos edifícios privados e públicos mais importantes. Era onde o cidadão grego convivia com o outro para comprar coisas nas feiras, onde ocorrem as discussões políticas e os tribunais populares: é, portanto, o espaço da cidadania. Por este motivo, a *ágora* era considerada um símbolo da democracia, na qual todos os cidadãos tinham igual voz e direito a voto. (Consultado em Agosto de 2017 in <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81gora>).

fundamental na formação, transformação e estruturação do espaço urbano (Mumford, 1998).

Mais tarde, à função centralizadora existente – poder religioso – é agregada uma nova, o comércio, que vai aumentar o núcleo urbano, no espaço à sua volta, num largo fronteiro ao templo, onde se realizavam as trocas entre a cidade e o campo, satisfazendo, dessa forma, as necessidades dos dois territórios complementares.

A praça, o largo, ou a rua mais larga, tornaram-se o local de encontro dos cidadãos, não só para discutir ideias, mas também para comercializar bens. Desta forma, o espaço urbano ficou assim configurado: no centro, o mercado e no espaço à sua volta, construções diversas, como habitações, oficinas, templos e edifícios públicos (Fernandes, 2010: 28).

Durante muito tempo, as cidades foram monocentricas, estavam organizadas em torno de um único centro, com funções religiosas, culturais e/ou militares (Mumford, 1998). Esta estruturação dominante provem do elevado aglomerado populacional em redor do núcleo central da cidade. Como exemplo, Roma, das cidades mais povoadas, estava organizada em torno do fórum, que era o centro da cidade, este, estava rodeado de templos e santuários, edifícios públicos⁷⁵ e por fim enormes quarteirões com edifícios multifamiliares “amontoados”, onde residia a classe trabalhadora.

Na cidade medieval, o espaço era organizado de acordo com a topografia, no entanto, não deixava de mostrar uma centralidade em torno do comércio e do poder religioso⁷⁶. O espaço era delimitado pela muralha, em torno do qual surge edificações e se estruturaram vias de comunicação com o exterior (Fernandes, 2010: 29).

Mais tarde, na Idade Média, ao poder religioso, no centro da cidade é agregado o poder político, fisicamente marcado pelo palácio

⁷⁵ Segundo Mumford (1998), o crescimento de Roma traduz-se também no aparecimento de novas áreas centrais em torno de equipamentos públicos, como o grande mercado central, construído no tempo de Catão (179 d.C.), ou de um novo fórum, próximo do primitivo, no tempo de Júlio César.

⁷⁶ Marcado por palácios e templos que lhe conferiam uma monumentalidade (Fernandes, 2010).

(habitualmente constituído por uma praça e torre). A centralidade, destes espaços urbanos, era mostrada colocando a praça principal no centro da malha urbana (Fernandes, 2010: 29).

“O crescimento das cidades, desde a civilização helenística⁷⁷ e da romanização⁷⁸, é um fenómeno que perdura até aos nossos dias, tornando-se mais intenso com o processo de industrialização que marca o início da época moderna.”⁷⁹ Este processo adopta um modelo capitalista de produção – fordismo –, que vai desencadear um aumento na divisão social e territorial do trabalho, com a construção de novas formas urbanas do processo produtivo⁸⁰ o tecido urbano vai sofrer grandes alterações. Por outro lado, estas modificações vão reforçar as relações sociais e económicas e o dinamismo da cidade, uma vez que a produção industrial leva à concentração de equipamentos, actividades e serviços (Fernandes, 2010: 29).

A *“(…) cidade moderna surge na sequência da explosão da revolução industrial e das transformações económicas, sociais, tecnológicas e políticas (...)”⁸¹*. Todo este crescimento, é marcado por uma explosão demográfica, que, devido à melhoria das condições de vida da população⁸² vai quebrar a taxa de mortalidade.

Com um conjunto de novas técnicas surge o processo de mecanização, que vai melhorar e transformar os tempos e formas de

⁷⁷ Período marcado por grandes interações culturais, Alexandre, o Grande, conquistou um vasto território: as cidades gregas todas, mas também o Egipto, a Palestina, a Mesopotâmia, a Pérsia, chegando à Índia. A civilização helenística baseava-se na convivência de muitos povos e as trocas culturais entre os diferentes grupos que se intensificaram. *Helenístico* referia-se à civilização que tinha como língua oficial o grego, uma vez que o termo provem de *Helenos* – nome dado aos gregos. (Paulo, Pedro. *Civilização Helenística*. Grécia e Roma. São Paulo, 2007. pp. 75-76. Consultado em Setembro de 2017: <http://www.tancredoprofessor.com.br/exercicio/25/civilizacao-helenistica>).

⁷⁸ Conceito criado por Theodor Mommsen na sua obra "História de Roma" onde pela primeira vez se leu o termo "*Romanização*" na descrição das acções de pensar, colonizar, controlar terras distantes e possuídas por outros povos na formação do Império Romano (Consultado em Setembro de 2017: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Romaniza%C3%A7%C3%A3o>).

⁷⁹ Barreto, cit. In Fernandes, José. *Cadernos de Doutoramento em Geografia*, nº 2. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Julho, 2010, pp. 29.

⁸⁰ Como as fábricas, o bairro operário, armazéns, novas vias de comunicação, entre outros.

⁸¹ Barreto, cit. In Fernandes, José. *Cadernos de Doutoramento em Geografia*, nº 2. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Julho, 2010, pp. 29.

⁸² Derivado à alteração na distribuição da população pela cidade, foi possível uma melhoria na alimentação, na higiene e saneamento que consequentemente vai influenciar as condições de vida dessa população (Fernandes, 2010: 30).

produção. O aparecimento do caminho-de-ferro e a construção de novas estradas vão, igualmente, melhorar as comunicações e transformar o território e a paisagem urbana, assim como aumentar a expansão industrial. A mina, a fábrica e o caminho-de-ferro foram os agentes geradores da “nova cidade” (Mumford, 1998). A fábrica, aparece assim, como um novo “elemento arquitectónico” da paisagem urbana (Angulo, 1991).



53| Gare l'Est. Paris, 1849.



54| Saint-Pancras station (Londres, 1868).

O caminho-de-ferro vai desenvolver um novo lugar de atracção, trocas e convívio, em torno da estação. Primeiramente construídas na periferia da cidade e só mais tarde na área central, as estações, em muitos casos⁸³, tornaram-se espaços públicos qualitativos que originaram novas centralidades às cidades (Fernandes, 2010: 30).

O crescimento acelerado vai modificar o núcleo tradicional da cidade e, também, aumentar gradualmente a construção nas periferias, construções de carácter basicamente industrial, desfasado da “homogeneidade social e arquitectónica da cidade antiga” (Fernandes, 2010: 31). O centro deixa de ser um lugar de preferência, devido à sua estrutura degradada e congestionada, passando a ser ocupado pela classe mais desfavorecida e a periferia transforma-se num amontoado de “bairros de luxo, bairros pobres, industriais, instalações técnicas, depósitos” (Mumford, 1998).

“A cidade moderna, ergue-se graças às sucessivas adaptações à evolução económica, cultural, social e técnico-científica ocorridas desde o início do século XX”.⁸⁴

A cidade industrial traduz o modelo produtivo assente numa lógica capitalista. A concentração das actividades produtivas da cidade, levou à emergência de áreas centrais em função dos diferentes usos do solo.

⁸³ Só mais tarde, na cidade pós-industrial, o caminho-de-ferro é prolongado até ao centro das cidades, onde são construídas estações monumentais. Como exemplo, em Paris as gares de Lyon (1901), du Nord: 1846, d’Orsay: 1898 e de l’Est 1849); e em Londres de London Bridge, de Waterloo, Blackfriars e de Sain-Pancras: 1868 (Fernandes, 2010: 31).

⁸⁴ Barreto, cit. In Fernandes, José. *Cadernos de Doutoramento em Geografia*, nº 2. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Julho, 2010, pp. 31.

O capitalismo introduziu, assim, grandes mudanças na cidade, como a alteração da forma urbana e a segmentação social e espacial, num espaço urbano mais alargado e mais complexo. O núcleo central, que até ao século XIX tinha um papel político-administrativo, passa a ter um novo papel económico. O centro da cidade transforma-se sobretudo no espaço de gestão da vida económica e de nó essencial dos transportes que permitem percorrer maiores distâncias e fácil articulação entre cidades e um processo de suburbanização mais acentuado e descontínuo. Paralelamente, as telecomunicações reduzem as distâncias e facilitam a organização empresarial e a vida quotidiana dos cidadãos. Modificada pelo aparecimento desta nova organização económica a cidade torna-se gradualmente multicêntrica.

“O centro tradicional passa a competir com os outros centros emergentes, de menor dimensão, que atraem a população da sua área de influência, configurando um processo de fragmentação e de hierarquização de partes da cidade. Neste novo puzzle urbano, os centros secundários afirmam-se como espaços objectivamente terciários e de acesso fácil, provendo a população de bens e serviços e reduzindo as deslocações ao centro principal.”⁸⁵

A evolução na dinâmica da centralidade traz à cidade contemporânea o aparecimento de novos centros de comércio e serviços, fornece aos consumidores novos espaços de consumo mais adaptados à concorrência sectorial, às estratégias do capital internacional e à evolução das técnicas de *marketing*, bem como à evolução da acessibilidade automóvel como modo dominante da mobilidade urbana.

Com o aparecimento de novas centralidades e novas acessibilidades no conjunto do espaço urbano, os centros tradicionais das cidades perdem importância como lugar de referência e deixam de ser, justamente, o lugar mais acessível da cidade e o único espaço integrador das funções comercial, financeira, político-administrativa e de lazer.

⁸⁵ Barreto, cit. In Fernandes, José. *Cadernos de Doutoramento em Geografia*, nº 2. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Julho, 2010, pp. 32.

A cidade contemporânea, passa a ser “produzida” numa lógica imobiliária e capitalista. O aumento da população e da produção de riqueza, transforma o promotor imobiliário num dos principais motores de desenvolvimento e investimento do espaço urbano. As cidades tornam-se gradualmente globais, começando uma disputa de *imagem de marca*, com uma procura de reestruturações do espaço público, conferindo-lhe grande atractividade, valor simbólico e identidade na criação de novas centralidades, destacando-as com edifícios de carácter icónico.

2.2 | CENTRO E CENTRALIDADE

A dinâmica das cidades está associada à mistura de usos e à concentração espacial de actividades e equipamentos, que associadas a um aumento dos fluxos, à melhoria das acessibilidades e à diversificação das formas de mobilidade, podem ser consideradas, por si só, sinónimo de densidade urbana, na medida em que esta aparece naturalmente associada à intensidade da vida urbana, ou seja, à urbanidade (Baptista, 2011: 4).

Nesta perspectiva, a concentração e diversificação, estimula a proximidade entre as pessoas e a formação de centralidades, a concentração é assim, uma característica dos centros urbanos. É nos centros onde se dá esse encontro, esse cruzamento constante de identidades que vivem o espaço público.

A concentração, combinação e compatibilização, numa mesma área e/ou edifício, de diferentes actividades, é um factor fundamental na construção de uma condição central. E esta condição não impede que a cidade se qualifique, também, pela vertente residencial, sendo esta indispensável à centralidade (Baptista, 2011: 8). Aliás, uma das características de um espaço urbano qualificado, corresponde à articulação de proximidade entre residência, trabalho, comércio e serviços sociais, educacionais e de lazer, resultando numa diversidade de coexistências num mesmo lugar - centralidade.

O centro urbano sempre teve um papel importante na concepção, transformação e articulação do espaço urbano, ao longo do tempo. Este, estrutura-se através da organização de espaços públicos que, funcionando como pontos de referência da cidade, são responsáveis pela concentração e atracção de pessoas, usos e serviços. Deste modo, a interacção de pessoas no espaço público é uma característica da condição central.

O centro urbano pode, assim, definir-se nas diversas formas do espaço urbano, como ruas, praças, edifícios, usos. Mas é a disposição e articulação destes elementos que contribuiu para a diferenciação física e

especial dos centros urbanos, em relação a outros espaços da cidade. Pode-se, então, considerar o centro como uma singularidade urbana, um espaço de ordem e de orientação, um lugar de pertença comum.

Na definição de M. Castells, o centro é caracterizado como um espaço onde se elaboram trocas e a partir do qual se organizam actividades que são desenvolvidas de modo descentralizado - comercial, económica, administrativa e política -, assim como as actividades que se destinam a favorecer a comunicação e a acessibilidade. Juntam-se variadas funções e actividades, estabelecendo uma comunicação entre o centro e os elementos da estrutura urbana; é um vínculo determinante no contexto das mobilidades territoriais, permitindo a ligação e articulação entre vários pontos da estrutura urbana (Castells, 2000: 312).

A “(...) *noção de centro, utilizada pelos urbanistas, é uma noção sociológica, na medida em que ela exprime mais um conteúdo do que uma forma.*”⁸⁶. Sendo definido como um local geográfico e localizado num determinado ponto ou em vários, onde há uma fixação social. Tem uma função integradora e simbólica, o que remete para uma identificação simbólica das actividades humanas, ou seja, uma ideia de comunidade urbana que é manifestada nas relações sociais e de valores culturais, em pontos de hierarquização, diferenciação e integração. É a sociedade em interacção no espaço (Castells, 2000: 314-315), espaço esse que se caracterizando pela concentração das actividades que estimulam a comunicação e a acessibilidade, resulta numa centralidade. Neste contexto, o sector terciário⁸⁷ assume uma marcante presença no centro, tendo assim, os serviços, um efeito dinâmico e catalisador que promove a centralidade.

Numa distinção entre centro e centralidade, o centro é definido pelo modo como toda a sua espacialidade se diferencia da restante estrutura urbana, como núcleo de maior concentração e densificação. Por sua vez, a centralidade corresponde a uma situação urbana e territorial,

⁸⁶ Castells, M. *A Questão Urbana*. Paz e Terra Editora. São Paulo, 2000, pp. 314.

⁸⁷ Representado por actividades de consumo e serviços.

refere as qualidades de uma estrutura central; isto é, tem menos a ver com as características físicas e espaciais do centro enquanto lugar, e tem mais a ver com os atributos funcionais e qualitativos. A centralidade define-se, assim, como uma qualidade imposta ao centro, pelas características formais, espaciais e funcionais que o mesmo reúne.

O espaço público é o elemento responsável pela estruturação da Cidade, esta estando em constante transformação, influencia o processo de descentralização das actividades centrais e a formação das novas centralidades, as quais transformam a estrutura da cidade e redefinem as funções da área central.

O processo de descentralização das actividades centrais e a formação das novas centralidades, pode ser compreendido através da dinâmica dos espaços públicos, uma vez que estes são o elemento responsável pela estruturação da cidade.

O centro das cidades tem sido objecto de estudo por vários investigadores de diferentes domínios científicos, procurando compreender a estruturação urbana e os padrões de uso do solo. A partir de meados da década de 1910, na chamada Escola de Chicago de Sociologia Urbana, no interesse pela explicação da complexidade do fenómeno urbano, foram elaboradas teorias explicativas das formas urbanas, com referência ao centro da cidade, destacando-se especialmente o *modelo urbano das zonas concêntricas*, de Ernest Burgess, o *modelo dos sectores*, de Hoyt, e o *modelo multinucleado*, de Harris e Ullman (Fernandes, 2010: 32-34).

A importância da acessibilidade é um factor dominante que caracteriza o centro urbano, exercendo influência directa sobre as actividades desenvolvidas na área central. Esta área assume-se como a memória da cidade, o coração da urbe. O visitante procura-a para descobrir o passado, conhecer as características arquitectónicas, o ambiente social e cultural e os espaços comerciais que ali se concentram. No entanto, hoje, o centro assume novas características, emergindo a

novas centralidades, aliadas, sobretudo, ao consumo e lazer, novos lugares associados a inovações técnicas e tecnológicas.

“O centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo o ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se deslocam para a interacção destas actividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela.”⁸⁸

Destacando-se do resto da cidade, *“a área central de qualquer povoação, individualiza-se sempre das restantes pela concentração de actividades terciárias, pela grande intensidade de usos do solo e a redução do número de alojamentos, pela atracção que exerce sobre visitantes ocasionais para fazer compras, tratar de negócios, da saúde, ou por simples lazer e, ainda, pelo importante volume de emprego que fornece. O centro é o local onde a cidade se mira e se apresenta, por isso é caracterizado por um grande dinamismo, o solo é muito disputado, os edifícios crescem em altura e as ruas mostram grande movimento, quer de peões, quer de viaturas”.*⁸⁹

Beaujeu-Garnier na sua abordagem, refere que a expressão do poder da cidade é a existência de um centro de negócios. O CBD (Central Business District) das cidades é, segundo a autora, *“o local onde se reúnem as actividades que dirigem e que relacionam, tal como as que visam dar à população a possibilidade de satisfazer as suas mais elevadas exigências. Objecto de intensa concorrência, o solo atinge, aí, os mais elevados preços que repelem a função residencial e só podem ser suportados”.*⁹⁰

Os centros urbanos constituem-se, pela sua importância na dinâmica da cidade, como espaços atractivos, onde coexistem os aglomerados de pessoas, automóveis, capitais, decisões e,

⁸⁸ Sposito, 1991 cit. in Fernandes, José. Cadernos de Doutoramento em Geografia, nº 2. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010 pp. 34.

⁸⁹ Salgueiro, 1992 cit. in Fernandes, José. Cadernos de Doutoramento em Geografia, nº 2. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010 pp. 35.

⁹⁰ Beaujeu-Garnier, 1997 cit. in idem.

essencialmente, mercadorias. Pela sua intensidade, esses fluxos, inerentes à acessibilidade e às vantagens da proximidade, são responsáveis pela concentração de várias actividades, que propiciam uma maior acumulação de capital. Nesse sentido, a forma urbana reflecte também os efeitos da concentração de pessoas, de actividades e equipamentos.

Na cidade, contudo, nem sempre se verifica a sobreposição entre o CBD e o centro da cidade. Nalgumas cidades onde se observam os vestígios do passado histórico, de ruas irradiando de um núcleo primitivo, irregulares, estreitas, recheadas de relevantes elementos arquitectónicos, o centro foi sendo abandonado em favor de novas áreas emergentes, morfologicamente diferenciadas, espaçosas, arejadas, adaptáveis e, sobretudo, acessíveis.

“Na paisagem urbana das cidades, as formas do centro sobressaem de entre a construção massificada. Num relance, a sky-line informa o visitante onde é o centro da cidade.”⁹¹

Monnet, referindo-se ao centro da cidade como espaço simbólico, sublinha que é um lugar específico, caracterizado por um conjunto de factores que o distinguem de outros lugares com os quais mantém uma relação dominante, de acordo com diferentes escalas de medida da sua “superioridade”, considerando que as superfícies são aí mais caras devido à concorrência na sua obtenção, onde o poder está sediado e onde se concentram os utilizadores que procuram bens e serviços diversificados. Estas escalas de medida e de valor são aquelas que definem as centralidades diferenciadas (Fernandes, 2010: 36).

Yves Lacoste, sintetizando o espaço interno da cidade, refere que *“a noção de centro associa-se à ideia de convergência ou de irradiação de actividades e à ideia de lugar a partir do qual se exerce o poder sobre territórios mais ou menos vastos que se encontram nas redondezas (...)”. É o lugar teórico do poder, o lugar onde se acumulam riquezas, o lugar de*

⁹¹ Beaujeu-Garnier, 1997 cit. In Fernandes, José. *Cadernos de Doutoramento em Geografia*, nº 2. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Julho, 2010, pp. 35.

onde parte a dominação do poder sobre a periferia. A centralidade é a propriedade do que está no centro de um espaço ou de um território e, sobretudo do que é considerado centro.”⁹²

Utilizada muitas vezes com conteúdos significativos diversos e inapropriados, centralidade é a propriedade conferida a uma cidade para oferecer bens e serviços a uma população exterior, esta definição foi proposta em 1933 por W. Christaller na sua *Teoria dos Lugares Centrais*. Este conceito generalizou-se e adaptou-se ao espaço intra-urbano, sendo utilizado para caracterizar um lugar de oferta de serviços, polarizando um consumidor específico (Fernandes, 2010: 36).

Deste modo, a centralidade depende do poder de atracção ou de difusão de um elemento, centro urbano, ou de um equipamento polarizador. A centralidade resulta, assim, da eficácia do pólo central e da sua acessibilidade, sendo esta condição fundamental para a sua existência (Choay, 2007). A centralidade pode também ser vista como a combinação, em determinado momento, das actividades económicas, das funções políticas e administrativas, da prática social, da representação colectiva, que contribui para o controlo e a regulação do conjunto da estrutura da cidade. O autor considera que o centro deve reunir as funções centrais, económicas, políticas e ideológicas e a concretização das necessidades que lhe estão associadas pressupõe a conectividade dos espaços através de redes de transporte e de telecomunicações.

A centralidade varia em função das mudanças técnicas, económicas ou políticas, podendo desenvolver-se ou mudar espontaneamente. A implantação de grandes equipamentos de uso colectivo, tem a capacidade de gerar novas centralidades. A condição de centralidade resulta não só da funcionalidade que marca um espaço concreto da cidade, mas também da imagem, do bem-estar e do prazer visual, sustentada na qualidade da arquitectura e do espaço público.

⁹² Lacoste, 2005 cit. Raposo, Isabel. *Cidades Africanas*. Ur Cadernos FAUTL, nº 5. Artes Gráficas. Lisboa, 2005, pp. 35.

2.3 | NOVAS CENTRALIDADES

As novas centralidades exprimem a saturação dos centros tradicionais. A tendência global perante esta descentralização está associada à constante transformação das cidades e consequentemente às necessidades impostas pelas novas formas contemporâneas de reprodução e acumulação de capital.

Baseada na produção de conhecimento, informações e serviços a nova economia trouxe novas dimensões de competição económica, neste sentido a cidade assumiu um papel preponderante como promotora do desenvolvimento económico (Almeida, 2010: 20).

A actual situação de competição global tem conduzido a transformações urbanas consideráveis que dão prioridade ao desenvolvimento da qualidade de vida e à própria imagem da cidade, em termos de equipamentos para a educação, cultura e lazer.

Neste sentido, é importante referir que a imagem da cidade não é apenas o conjunto das aparências visuais físicas urbanas, mas sim, a sua *imagem de marca*, que lhe confere identidade e uma crescente participação nas políticas de desenvolvimento urbano (Almeida, 2010: 3).

A concepção de lugares passa a ter um valor económico, pois as cidades têm a necessidade de comercializar a sua *imagem*, sobretudo no sector do lazer e do turismo. Procuram criar locais atractivos que ajudem a reforçar a sua imagem, mas também que os tornem mais qualificados, não só para os residentes, mas também ao nível da cidade de forma a atrair visitantes e turistas (Almeida, 2010: 3). Assim, pode-se considerar as centralidades como a imagem de marca das cidades. Uma vez que as características das áreas centrais, são os efeitos que a imagem pretende transmitir.

Quando pensamos sobre os valores, as imagens e as actividades que identificam os diversos espaços da cidade, pensamos automaticamente nas recordações que guardamos desses lugares, ou seja, as imagens que observámos, as situações que experienciámos, as

actividades em que participámos, entre outros factores. Em suma, a caracterização de um *lugar* é determinada pela própria experiência individual, pela relação que se estabelece com o local, e também, pela selecção dos signos que nos marcam, aos quais atribuímos mais significado.

“A cidade é a memória colectiva dos povos; e como a memória está ligada a fatos e a lugares, a cidade é o locus da memória colectiva.”⁹³

É neste sentido que o edifício assume um papel importante na construção da cidade contemporânea, mostrando-se útil enquanto marca distinta da cidade, podendo obter uma distinção global e atrair turistas, e simultaneamente abrigar programas que aumentem a oferta de lugares urbanos.

Edifício icónico é o nome atribuído a esses marcos da cidade. C. Jencks foi quem primeiramente utilizou o termo em *Iconic Building: The power of the enigma* para denominar o fenómeno decorrente no campo da arquitectura e do urbanismo, que se iniciou no chamado *Efeito Bilbao*. Este fenómeno surge do caso de sucesso do Museu Guggenheim em Bilbao, projectado por Frank Gehry, como peça-chave da revitalização urbana e económica da cidade espanhola.



56| Antes da reestruturação e construção do Museu Guggenheim



55| Museu Guggenheim.

⁹³ Rossi, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Edições Cosmos. Lisboa, 2011, pp. 192.

O museu Guggenheim foi assim, o elemento principal do programa de obras e investimentos da cidade, que pretendia a substituição da economia industrial de origem no século XIX, para uma economia de serviços do século XXI (Almeida, 2010: 20). O que antes fora uma zona de contentores junto à margem do rio Nervión, transformou-se num dos lugares mais atractivos da cidade. Em dez anos, os turistas duplicaram, sendo necessário construir diversos hotéis e empresas ligadas à cultura, lazer e turismo, de forma a dar resposta a esta crescente afluência. O museu tornou-se o elemento de reestruturação urbana e revitalização da cidade, gerando um rápido crescimento no turismo e na economia da cidade. Neste sentido, o objecto arquitectónico pode tornar-se singular, destacando-se como elemento marcante do lugar, um elemento de elevada vivência e qualidade ambiental que pode ser usufruída como elemento turístico.

O *edifício icónico* é, assim, um investimento na construção de um edifício, que actua como *imagem de marca*, tanto para a cidade como para o arquitecto, procurando o sucesso imediato do público, visibilidade social, impulso na economia local e consequente retorno financeiro. Herdeiro do expressionismo, o *edifício icónico*, procura imprimir um maior significado às obras de arquitectura moderna, esta corrente estilística opôs-se à corrente racionalista dominante durante a primeira metade do século XX, substituindo a máquina como matriz formal em prol de temas como o vernáculo e as formas orgânicas da natureza, adoptando um destaque no tratamento livre das coberturas (Montaner, 2001: 36). É um regresso ao destaque do valor escultórico das formas arquitectónicas, da preferência pela figuração sobre a abstracção, da sensualidade e das formas não-convencionais em oposição à contenção formal.

A ideia de *ícone* está associada à concepção de K. Lynch de *marcos urbanos*, que desempenham uma função de identificação e representação

mental de ambientes urbanos, ajudando na imaginabilidade de uma respectiva cidade.⁹⁴

Porém, C. Jencks sugere outras relações entre ícone e arquitectura, definindo os edifícios contemporâneos como *duplamente icónicos*: num primeiro plano são como imagens reduzidas, como um logo ou uma marca; num segundo plano apresenta semelhanças entre imagens visuais que propiciam o surgimento ‘*metáforas surpreendentes*’ (Jencks, 2005: 28). Num primeiro momento dá-se a identificação, de uma forma sintética; depois cativam pela capacidade de surpreender, de encantar, de seduzir, devido ao carácter sensual e à aptidão de comunicação quase directa que tais formas são capazes de empreender.



58| Torre Eiffel, Paris.



57| Big Ben, Londres.



59| Doumos, Florença.

O destaque que é dado ao carácter sintético e sensual destas formas é um dado fundamental pois, evidencia a grande capacidade de identificação e atracção visual que estes edifícios têm, facilitando a sua divulgação social num mundo inflacionado de imagens e marcas. Ainda assim, a possibilidade de este ser reduzido ao tamanho de um selo (ícone gráfico), possibilitando que a própria representação do edifício funcione como uma marca de si mesmo e da cidade, não dependendo de um símbolo gráfico.

Por sua vez, a identificação e retenção visual de um objecto pressupõe a capacidade de ser nomeado. Desta forma, estes edifícios têm de sugerir lembranças de *objectos* exteriores ao mundo convencional da arquitectura – *metáforas extra-arquitectónicas* – pois, estas são formas interpretadas que acabam por identificar o edifício icónico (Jencks, 2005: 13). A capacidade que os edifícios icónicos têm de sugerir várias fisionomias divergentes para as coisas mais estranhas e contraditórias, é segundo Jencks: “o primeiro motivo pelo qual tais obras são, frequentemente, tão potentes e admiradas.”⁹⁵

⁹⁴ Como por exemplo, quando falamos na Torre Eiffel, associamos a Paris, ou como o Doumos a Florença, ou o Big Ben a Londres.

⁹⁵ Jencks, Charles. *Iconic Building*. The power of enigma. 2005, pp. 22.

Considerando que linhas rectas e a ortogonalidade fazem parte tanto do repertório formal moderno clássico assim como do convencional, que permite solucionar e se adequam à quase totalidade dos casos de arquitectura, em oposição as formas escultóricas e não-ortogonais do expressionismo, e consequentemente do edifício icónico, aparecem como formas incomuns. E quanto mais incomum ou diferente as formas, mais um objecto pode vir a destacar-se (Almeida, 2010: 7).

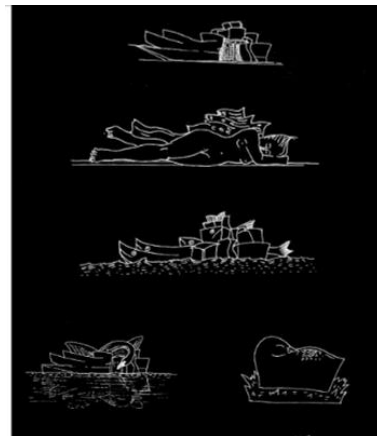
Os ícones são signos que possuem alguma relação de semelhança com o objecto que representam, assim, devido a essa diversidade de sugestões, *“acabamos por mapear o desconhecido e um edifício icónico bem-sucedido provocará sempre várias comparações bizarras.”*⁹⁶

O Guggenheim foi sem dúvida positivo para Bilbao, não apenas por proporcionar a presença de um museu, mas também, pela concepção de um *lugar*. A experiência do turismo e do *lugar* em Bilbao vai muito além do próprio museu, o Guggenheim faz parte de um projecto de reestruturação urbana e de *(re)branding* da identidade da cidade como um todo (Almeida, 2010: 15).

Neste seguimento, pode o edifício icónico ser considerado como um *branding* da cidade?!

Num mundo cada vez mais competitivo e global, a noção de promover um lugar de forma a competir com os territórios concorrentes, levou a que nos últimos anos se tenham adoptado estratégias de *marketing* na gestão das cidades. O *marketing das cidades* assume-se, assim, como um processo de gestão para fazer face aos desafios contemporâneos de atingir o desenvolvimento económico e social, gerando uma cidade mais competitiva e sustentável (Guerreiro, 2013: 8).

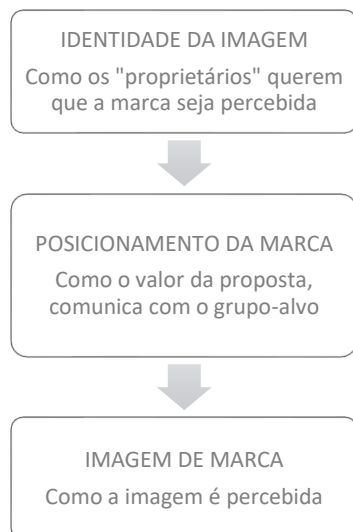
*“a relação entre os conceitos de iconográfica, arquitectura, consumo e turismo fazem do arquitecto um ‘agente’ de marketing, cuja função é produzir e transmitir imagens”*⁹⁷



60| *Fisionomias: possíveis interpretações das formas do Guggenheim, Bilbao.*

⁹⁶ Idem, pp.33.

⁹⁷ Choay, Françoise. A Alegoria do património. 2000, pp. 215.



61| Relação entre Identidade e Imagem.

Uma das estratégias de aplicação do marketing de cidades é o *branding*. “A aplicação de marketing às cidades está dependente da construção, comunicação e gestão da imagem da cidade, porque simplesmente, o encontro entre as cidades e os seus usuários tem lugar através de percepções e imagens. Portanto o objecto de citymarketing é a imagem da cidade, que é o ponto de partida para o desenvolvimento do branding da cidade (...)”⁹⁸, então é a imagem da cidade que deve ser desenvolvida, pois um dos objectivos do marketing de cidades é o desenvolvimento de uma imagem positiva da cidade.

O *branding* da cidade, fornece a base para identificar e unir uma sucessão de imagens pretendidas para a cidade e os significados a si atribuídos. (Guerreiro, 2013: 8). Neste contexto, o *branding* é utilizado para identificar e comunicar as qualidades e mais-valias da cidade, e o sucesso desta impõe a compreensão de como desenvolver uma identidade e um posicionamento diferenciador.

*“Como o branding é um processo de comunicação e a comunicação é um processo de duas vias, dois conceitos centrais são a identidade e a imagem da marca. A identidade é percebida como um conceito emissor e a imagem como um conceito receptor.”*⁹⁹

⁹⁸ Ashworth, 2005 cit. in Guerreiro, Rúben. *Branding Urbano. A revitalização urbana na construção da identidade da cidade*. Projecto de Mestrado em Arquitectura e urbanismo. FAUTL. Lisboa, 2013, pp. 8.

⁹⁹ Idem.

2.3.1 | IDENTIDADE

A identidade territorial transforma-se no factor-chave sobre o qual uma cidade constrói a sua imagem, esta “(...) inclui os elementos principais de atracção da cidade (...)”¹⁰⁰. A identidade é uma construção abstracta, mas ancorada na realidade, nos atributos da cidade que a diferencia em relação aos seus concorrentes: “(...) é um conceito emissor, que remete para um fenómeno dinâmico entre a dimensão política, os tangíveis territoriais e os resultados das interações sociais, económicas e tecnológicas das pessoas no espaço (...)”¹⁰¹. Este conceito “(...) combina o que a cidade parece ser com o que efectivamente é e faz realmente, e, especialmente, o que pretende vir a ser e fazer.”¹⁰²

A cidade é, portanto, um produto complexo, dela fazem parte recursos físicos, culturais, históricos, sociais e económicos que são determinantes para a formação da sua identidade. Se estes atributos fazem da cidade o que ela *realmente é*, então é de grande importância os valores a si associados e a sua visão de futuro, ou seja, o que a cidade pretende vir a ser, de forma a criar um relacionamento entre a cidade e os seus *clientes* com uma proposta de valor que integra os benefícios funcionais, emocionais e de auto-expressão (Guerreiro, 2013: 20).

*“Dizemos, o acontecimento tem lugar. Na cidade, que é o lugar do acontecimento, não há acontecimento sem lugar. Dizemos o que o lugar “é”, referindo não só o cenário desenhado, mas também as próprias coisas que ali acontecem.”*¹⁰³

Se as cidades são entendidas enquanto espaços onde podemos satisfazer as nossas necessidades, e procurar soluções para os nossos

¹⁰⁰ Azevedo, A.; Magalhães D.; Pereira J. (2010). *City Marketing – Myplace in XXI*. Vida Económica – Editorial, SA. Porto, 2010, pp. 204.

¹⁰¹ Gaio, S. e Gouveia, L. *O Branding Territorial: uma abordagem mercadológica à Cidade*. Revista A Obra Nasce. Edições UFP. Porto, 2007, pp. 3.

¹⁰² Azevedo, A.; Magalhães D.; Pereira J. (2010). *City Marketing – Myplace in XXI*. Vida Económica – Editorial, SA. Porto, 2010, pp. 89.

¹⁰³ Brandão, Pedro.; Remesar, António. *Design de Espaço Público: Deslocação e Proximidade*. Centro Português do Design. Lisboa, 2003.

desejos, neste sentido é essencial que a cidade transmita os seus valores, de forma a que nos identifiquemos com ela, de modo a fidelizar como *cliente*. Assim a identidade da cidade desempenha um importante papel na criação do sentido de pertença e de auto-estima dos seus residentes. A marca a ser construída com base na identidade da cidade coloca em evidência, a individualidade do lugar, enquanto espaço insubstituível que deve ser preservado (Guerreiro, 2013: 19).

Neste caso é importante o papel do *branding* na sociedade moderna, segundo Freire as marcas têm um papel muito importante na construção da identidade dos *consumidores*. Se as marcas estão associadas a determinados valores e significados são “(...) usadas de forma a definir a personalidade do usuário da marca e a transmitir aos outros grupos na sociedade um sinal do seu próprio estilo de vida (...), uma marca pode assim proporcionar benefícios de auto-expressão fornecendo uma forma para a pessoa comunicar a sua própria imagem.”¹⁰⁴

No caso da cidade, se esta criar uma relação com os seus habitantes, se estes sentirem orgulho em viver na sua cidade, pode ser uma maneira de transmitir a sua própria personalidade. Mas são vários os factores que podem contribuir para a construção da imagem ou posicionamento da identidade de um lugar de forma distinta: os aspectos físicos, a forma e o espaço; os aspectos funcionais, isto é, as actividades; e os aspectos psicológicos, como a emoção e significados atribuídos. Ou seja, a imagem tenta dotar a cidade, ou colocar em evidência, uma específica e distinta identidade que possa ser reconhecida e percebida na mente de quem habita o lugar, como detentor de qualidades superiores.

Os lugares ganham significado e identidade através da experiência vivida, enquanto indivíduos ou enquanto grupos, as pessoas alteram os espaços em lugares, através da atribuição de significado a esses espaços. Assim, a experiência é a grande intermediária da relação entre os lugares, as pessoas e os actos, e é esta união que torna possível a atribuição de

¹⁰⁴ Freire, J. R. *Geo-branding, are we talking nonsense? A theoretical reflection on brands applied to places*. 2005, pp. 8.

sentido aos lugares. Deste modo, poderá colocar-se um fim à ideia de que os espaços públicos são “*arenas para multidões passivas*”¹⁰⁵.

O papel dos indivíduos, na criação da identidade de lugar passa então pelo seu modo de utilização dos espaços, baseado na interacção, que definirá o sentimento urbano, e contribuirá para a redescoberta da atitude activa dos cidadãos. Seguidamente, o indivíduo atribuirá - consciente ou inconscientemente - significados a esses espaços, através das experiências desenvolvidas e das diferenças/semelhanças existentes entre essas experiências e as que foram desenvolvidas noutros locais, gerando uma sucessão de relações entre acontecimentos, reacções e os locais.

Assim se gera a noção de lugar, algo muito mais pessoal e com muito mais sentido, não sendo de todo certo afirmar que existe uma identidade dos lugares relacionada com a sua essência existencial, mas sim que esta deriva das experiências desenvolvidas pelas pessoas nos locais. Em suma, existem tantas identidades quanto o número de pessoas que conhecem aquele local.

¹⁰⁵ Tackara, J. Architecture, spectacle, performance. 2012. Consultado em: <http://www.doorsofperception.com/archives/place/>.

2.3.2 | IMAGEM

A imagem está associada ao conceito receptor. Esta remete para um conjunto de percepções, associações e juízos na mente dos vários públicos da cidade e é bastante importante na vida e desenvolvimento desta. A maneira como se percebe a cidade é um factor determinante para o seu futuro.

A comunicação de uma cidade é feita de duas formas: directa e indirecta. A percepção dos públicos pode ser feita do contacto directo com a identidade territorial ou indirectamente através das estratégias comunicativas das cidades.

Distintividade, é o desejo e a necessidade de os indivíduos se sentirem únicos e especiais podendo o facto de habitar um determinado lugar servir para se diferenciar dos outros. A comunicação da imagem pode ser feita de três maneiras distintas, nomeadamente, primária, secundária e terciária.

A comunicação primária resulta das acções da cidade, é a comunicação feita quando esta não é o principal objectivo – comunicação indirecta – e é constituída por quatro áreas: paisagem, infra-estruturas, estrutura administrativa, e comportamento da cidade. A comunicação secundária é a comunicação intencional (directa) que acontece através de estratégias de *marketing*. A comunicação intencional deve ser um espelho da realidade da cidade. A comunicação terciária, não é controlada, é a que se transmite entre pessoas - falando, descrevendo.

Este ponto de vista vem colocar em evidência que a imagem resulta da interacção de uma série de características que compõe a cidade, ou seja, da identidade do local que pode ser reforçada pelo esforço comunicacional. A comunicação primária, que é feita quando o objectivo não é a comunicação, ou seja, é a imagem formada na mente de cada pessoa quando em contacto com a cidade. Os factores que a compõem – paisagem, infra-estruturas, estrutura administrativa, comportamento e visão dos seus líderes – podem ser alvo de uma estratégia de revitalização

urbana de forma a melhora-los e consequentemente levar a uma melhoria da imagem da cidade.

Ao pensar sobre os valores, as imagens e as actividades que identificam os diversos espaços da cidade, pensamos automaticamente nas recordações que guardamos desses espaços, ou seja, as imagens que observámos, as situações em que estivemos envolvidos, as actividades em que participámos, entre outros factores. Em suma, a caracterização do local é determinada pela própria experiência individual de cada um, pela relação que se estabelece com o local, e também, pela selecção dos dados que consideramos mais marcantes para nós¹⁰⁶, aos quais atribuímos mais significados.

¹⁰⁶ O factor primário para a selecção de dados é o background cultural de cada indivíduo, pois esse estabelece o modo como observamos, assimilamos e analisamos o panorama urbano.

2.3.3 | (RE)IMAGEM DA CIDADE

Em suma, o *branding* é uma aplicação do marketing às cidades, de forma a reestruturar a imagem da cidade.

Ou seja, “(...) *re-imaging da cidade é a (re)apresentação e (re)configuração deliberada da imagem da cidade para obter capital económico, cultural e político (...)*”¹⁰⁷, que são objectivos do marketing de cidade. Assim, o processo de *re-imaging* da cidade pode passar pela criação de eventos e a construção de edifícios icónicos que vão ter um papel determinante na construção de uma imagem positiva da cidade.

É pouco provável reter-se a imagem de uma cidade na sua totalidade, por isso tendemos a relembrar a cidade através de imagens das suas características memoráveis, assim uma maneira de influenciar e melhorar a imagem da cidade pode passar pela transformação de pontos-chave da cidade, ligados entre si, que possam sintetizar toda a cidade e estimular uma imagem positiva.

Como referido, o caso do Museu Guggenheim em Bilbao, onde o edifício promove a imagem da cidade. Este fenómeno é melhor explicado pelo conceito de *imaginabilidade*. Em *Imagem da Cidade*, Kevin Lynch destaca a forma com cada indivíduo percebe a cidade e de como essa imagem se estrutura. Segundo o autor, essa percepção é parcial e fragmentada, envolvendo outras referências. Lynch conclui que os elementos que as pessoas utilizam para estruturar a imagem da cidade podem ser agrupados em cinco elementos: as vias, os limites, os bairros, cruzamentos e pontos marcantes. Além disto, apercebe-se também que a percepção da cidade é feita com o passar do tempo, sendo este último um elemento essencial na compreensão urbana (Lynch, 1996: 10).

¹⁰⁷ Smith, Andrew. *Conceptualizing City Image Change: The 'Re-Imaging' of Barcelona*. Tourism Geographies, Vol. 7, No. 4, 2005.

*“Uma cidade com imaginabilidade (aparente, legível ou visível), nesse sentido, seria bem formada, distinta, memorável; convidaria os olhos e ouvidos a uma maior atenção e participação”*¹⁰⁸

A arquitectura, seja à escala do edifício ou à escala do aglomerado (rural ou urbano), tem a faculdade de representar a identidade cultural e o grau de civilização da sociedade concebida, os aspectos dinâmicos do desenvolvimento da civilização e do intercâmbio cultural entre os povos.

“É provável que este valor da história, entendida como memória colectiva, portanto como relação da colectividade com o lugar e com a ideia deste, nos dê ou nos ajude a perceber o significado da estrutura urbana, da sua individualidade, da arquitectura da cidade que é a forma desta individualidade”.¹⁰⁹

¹⁰⁸ Lynch, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Coleção arquitectura & urbanismo. Edições 70. Lisboa, 1996, pp. 10.

¹⁰⁹ Rossi, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Edições Cosmos. Lisboa, 2011, pp. 193.

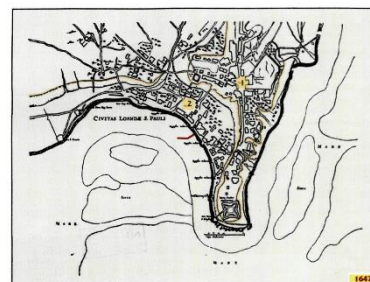
2.4| DA TEORIA À REALIDADE DE LUANDA

Todas as cidades são compostas por vários espaços geradores da *urbe* - as centralidades -, que interagem entre si e entre o desenvolvimento da cidade de forma intrínseca e mutuamente casual, como já referido. Deste modo, na cidade de Luanda como em muitas outras, a sua multiplicação e a sua diversificação funcional, acompanhou sempre o desenvolvimento e o crescimento da cidade.

A construção da imagem da cidade e a concepção do espaço público em Luanda, são influenciados por duas características morfológicas e sociais: uma tem a ver com as condições geográficas e topográficas naturais do lugar¹¹⁰ e a outra é coexistência de duas *cidades* diferentes¹¹¹, com uma linguagem própria e de uma manifestação significativamente diferentes na *urbe* (Ferraz, 2005: 89). Sendo já referidas e estudadas essas características, achou-se ainda pertinente uma exploração quanto aos espaços públicos mais relevantes existentes em Luanda, detentores de significado.

Enquadrada numa implantação adaptada à topografia do local, resultando na Cidade Alta e na Cidade Baixa, Luanda foi progressivamente fundida. Embora de naturezas diferentes, cada *cidade* possuía o seu elemento gerador de *urbe* – a praça (fig. 62). Na *Cidade Baixa*, as construções concentravam-se ao longo da costa, misturando-se edifícios portugueses e nativos, gerando o plano frontal da orla costeira, já na *Cidade Alta* a formação da povoação fez-se em torno das igrejas¹¹².

Neste sentido, através de uma análise urbana, foram marcados os espaços públicos (fig. 63), de acordo com uma classificação tipológica. Uma vez que este, pode ser classificado sob variados aspectos, a classificação adoptada, destacando as identidades culturais e o valor patrimonial do espaço público em causa, é a relativa à sua concepção, isto é, as motivações e o significado inerentes (Ferraz, 2005: 89).



62| *Civitas Loanda S. Pauli*. Barlaeus, 1647. A amarelo os espaços públicos e destacado o recorte das barrocas. Na cor avermelhada a marcação da plataforma de acostagem.

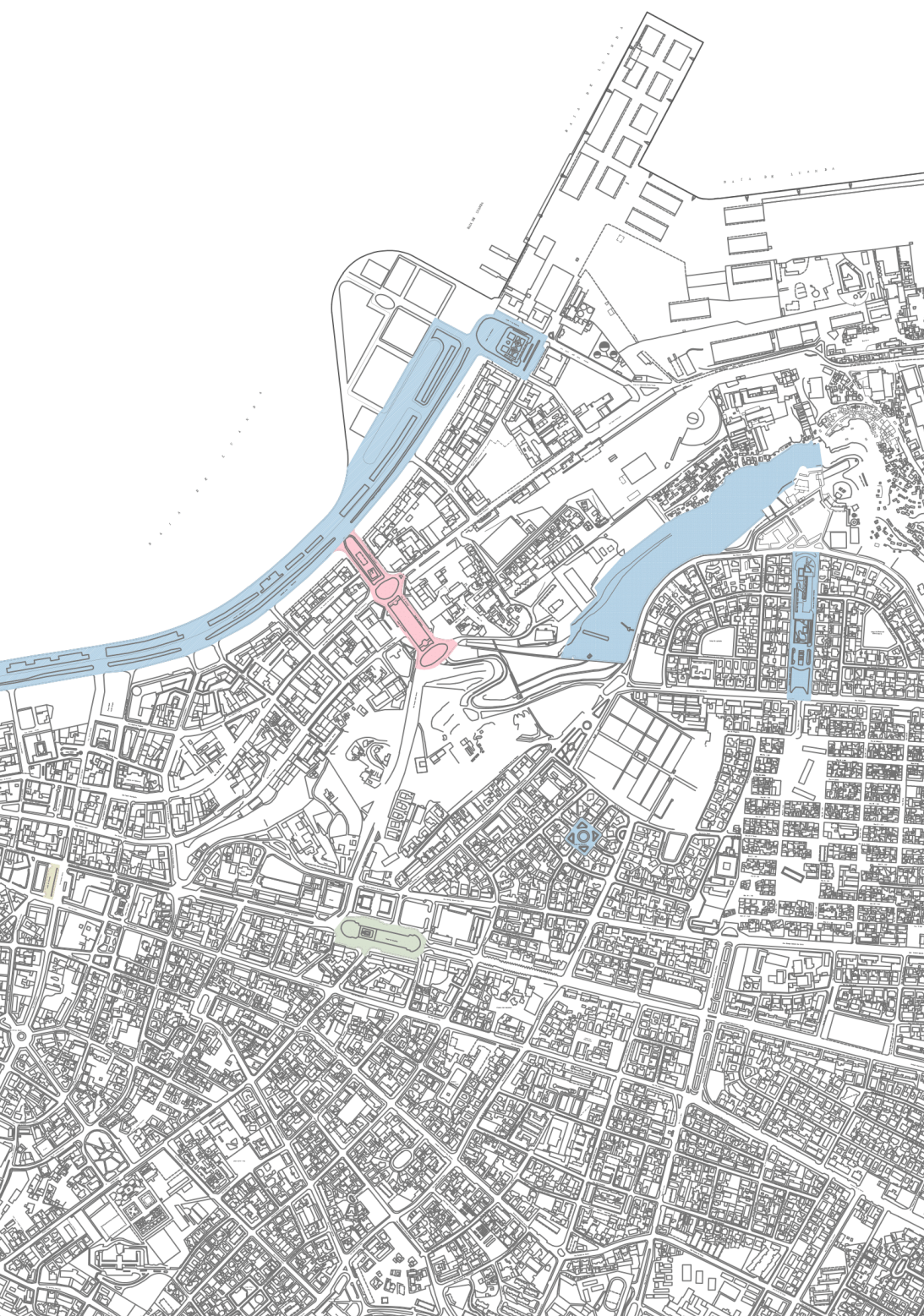
¹¹⁰ O acentuado desnível marcado pelas barrocas, que a divide em cidade alta e cidade baixa.

¹¹¹ A *cidade colonial*, considerada a cidade formal e urbanizada; e a *cidade suburbana*, não planeada, de génese espontânea e raiz local, desenvolvida segundo as necessidades mais básicas da população.

¹¹² Igreja de Nossa Senhora da Conceição e Igreja dos Jesuítas.



63| Planta actual de Luanda - centralidades.



- Tipologia 1
- Tipologia 2
- Tipologia 3
- Tipologia 4
- Chicala II

A **Tipologia 1** corresponde aos espaços públicos cuja origem foi constatada através da relação entre as características **geográfico-topográficas** e das funções predominantes da época. Ou seja, a cidade alta, marcada pela função governativa e defensiva, e cidade baixa, marcada pela função comercial e portuária. As sucessivas transformações da marginal, foram criando uma segunda linha de construção, cada vez mais para o interior, deixando progressivamente de ser marginal. A este grupo pertencem essencialmente os espaços com uma origem temporal mais remota.

A **tipologia 2** corresponde aos espaços públicos que emergiram do vazio criado pela demolição de alguma construção, atribuindo-se a permanência desse vazio como espaço público – **desconstrução**.

A **tipologia 3** caracteriza-se pelo **planeamento urbanístico e projecto arquitectónico**, ou seja, corresponde aos espaços públicos que foram resultado de planos urbanos de reestruturação, desenvolvimento e crescimento da cidade; e os espaços submetidos a uma transformação arquitectónica. *“O plano e o projecto acompanham também o surgimento de novas funcionalidades e interesses, respondendo a elas e promovendo-as (...)”*¹¹³.

Já a **tipologia 4** corresponde aos espaços públicos que são o resultado de vazios residuais entre construções, de cruzamento e entroncamento de vias, ou seja, o **espaço intersticial**. Alguns dos vazios não têm qualquer uso, mas outros, de maior dimensão, são utilizados para actividades, desde a pequena feira ao parque automóvel, etc. Também, alguns cruzamentos, entroncamentos e vias de circulação são vitalizados pela centralização de comércio ou serviços.

¹¹³ Ferraz, Susana. *Espaço Público de Luanda. Património Arquitectónico Colonial Angolano e Português*. Dissertação de Mestrado: FAUP. Porto, 2005, pp. 89.

III| (RE)IMAGINAR A CIDADE

*“A cidade do futuro não é mais do que a cidade do presente
reinterpretada, subtraída de alguns elementos ou acrescida de outros,
mas definitivamente alterada.”¹¹⁴*

¹¹⁴ Coelho, Carlos D. *Cadernos de morfologia urbana: estudos da cidade portuguesa. Os elementos urbanos*. Argumentum. Lisboa, 2013, pp. 10.

3.1 | CIDADE CONTEMPORÂNEA

O crescimento acelerado que se tem verificado nos meios urbanos, como em Luanda, tem vindo a acentuar o desequilíbrio das cidades. Reflectido nas mudanças da estrutura social e económica, na organização espacial e na própria forma da cidade.

“As cidades estão sujeitas a uma mudança permanente mais ou menos intensa. Novas situações, novos padrões de vida, novas relações económicas e culturais geram problemas novos com repercussões na gestão urbanística do território urbano e na qualidade de vida das suas populações.”¹¹⁵

O mundo contemporâneo está repleto de desequilíbrios. E perante cidades permanentemente instáveis e inconstantes, vê-se a necessidade de novas formas de organização urbana que privilegiem acima de tudo as pessoas, as suas necessidades e a sua qualidade de vida. Novos modos de ocupar os espaços, de viver a cidade, de reestruturar a cidade para as novas necessidades.

“A cidade contemporânea atinge assim uma forma dominadora, uma escala visual cujo domínio o homem não pode controlar, e domina e absorve no seu crescimento todo o espaço que a envolve, quer o espaço horizontal onde assenta, quer o espaço vertical que as possibilidades da técnica lhe permitem ocupar. E no seu crescimento incontrolado arrasa tudo, desde a paisagem natural até ao próprio homem que a cria (...). E cresce, cresce sempre porque para a cidade parar é morrer”.¹¹⁶

As cidades, estão adensadas, ocupadas, sufocadas, cheias de movimentos apressados. *“Vivem-se mudanças repentinas e constantes, (...) uma sociedade em constante transformação, uma sociedade mais*

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Távora, Fernando. *Da Organização do Espaço*. FAUP Publicações. Porto, 2006, pp. 35.

*racional, mais individualista e mais diferenciada*¹¹⁷. As vivências, o encontro social e as relações que a cidade proporcionava, estão a desaparecer. Os laços sociais mudaram, já não são como antes, está-se a perder o que de melhor a cidade tem.

Esta é a essência que estão a *tirar* a Luanda, com a globalização. Uma população com uma cultura social de encontros, à volta do lazer, do comércio, do habita. Uma população que usufrui e tira partido da relação com a cidade, mas que não sabe viver na cidade de hoje.

Com as novas tecnologias e a ideia da globalização, o Homem do século XXI tornou-se mais universal, com novas necessidades de comunicação e interacção com o outro. O meio virtual transformou as relações. A facilidade de acesso à informação e os diversos modos de comunicação, começou a substituir o encontro físico pelo mundo virtual, onde, muitas vezes, o Homem constrói as suas relações. Relações essas que acabam por assumir um carácter mais frágil e superficial.

O entendimento de espaço público ou privado, as relações de vizinhança, de proximidade ou de distância já não se limitam ao território físico, porque a tecnologia permite que à distância de um *click*¹¹⁸ se possa *estar do outro lado do mundo*.

Estas novas vivências estão reflectidas nas alterações de intervenção na cidade. O isolamento social transpôs-se para a arquitectura e urbanismo, resultado disso tem sido uma implantação generalizada do edifício isolado no lote e fechado para a rua, associado à redução de pedestres, à dependência do carro, à padronização e fragmentação de paisagens e ao surgimento de patologias urbanas. Vê-se, assim, uma associação entre um tipo de arquitectura e de vida urbana - ou a falta dela.

O aumento do uso do automóvel, tem gerado um crescente fluxo de movimentos e deslocação, uma evolução tão rápida, que a cidade não

¹¹⁷ Ascher, François. *Novos Princípios do Urbanismo: seguido de Novos Compromissos Urbanos*. Edição Livros Horizonte. Lisboa, 2012.

¹¹⁸ Termo recorrentemente utilizado nas novas tecnologias, nomeadamente na selecção de itens no computador.

consegue acompanhar e que culmina, quase sempre, em infindáveis filas de trânsito. Esta evolução tem gerado grandes alterações no desenho da cidade, tem-se aumentado a mobilidade automóvel e reduzido a mobilidade de pedestres – e consequentemente os espaços públicos. Estes factores têm induzido à dependência do carro, levando à micro-segregação e à insegurança no espaço público. (LeGates, Stout, 2000: 195-196).

3.1.1 | INTERVIR NA CIDADE

“Hoje, desenhar a cidade e nela intervir é também compreender e conhecer a cidade antiga e a cidade moderna, as suas morfologias e processos de formação.”¹¹⁹

Neste cenário onde as cidades se encontram permanentemente instáveis e inconstantes, vê-se a necessidade de novas formas de organização urbana que privilegiem acima de tudo as pessoas e a sua qualidade de vida, adaptando os espaços e edifícios já existentes, a novos usos e funções, de modo a dar resposta às necessidades da sociedade contemporânea e simultaneamente respeitando o património existente.

A intervenção na cidade reflecte-se como uma constante inevitável ao longo do tempo. E só a partir dos anos 80, demonstra uma qualificação urbana com base nos princípios de sustentabilidade, destacando a importância do espaço público na dinamização e revitalização do espaço urbano.

Num mundo cada vez mais urbanizado, competitivo e global, a qualificação do espaço público torna-se determinantes na concepção da imagem da cidade.

“Temos a oportunidade de formar o nosso novo mundo citadino como sendo uma paisagem ideal, visível, coerente e clara. Será necessária uma nova atitude da parte do habitante desta cidade, dando novas formas ao meio físico que ele domina, formas essas que agradam à vista, que se organizam gradualmente ao tempo e no espaço e que podem ser símbolos representantes da vida urbana.”¹²⁰

Neste sentido, K. Lynch, relativamente à intervenção na cidade, induz a necessidade de introduzir uma certa flexibilidade e polivalência, uma vez que *“a forma de uma cidade ou de uma área metropolitana não apresentará uma ordem gigante, estratificada. Será uma estrutura*

¹¹⁹ Lamas, António. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a ciência e a tecnologia. Lisboa, 2000, pp. 28.

¹²⁰ Rossi, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Edições Cosmos. Lisboa, 2011, pp. 103.

*complicada, contínua como um todo, contudo intrincada e móvel. Tem de ser elástica aos hábitos de milhares de cidadãos, aberta a mudanças de função e significado, receptiva à formação de novas imagens.”*¹²¹ A possibilidade de variar e ajustar a rigidez dos instrumentos de planeamento, oferecendo mais adaptabilidade dos planos à evolução das exigências circunstanciais urbanas, sem, no entanto, perder a noção global e coerente das estratégias e objectivos seguidos (Portas, 2000).

A questão da cidade e da sua evolução, é fundamental para o entendimento do mundo em que vivemos e para o planeamento de *novas cidades* e de *novas arquitecturas*, que saibam inovar, não contrariando a lógica orgânica urbana, nem destruindo funcionalidades preexistentes.

*“De facto, os desafios de produzir cidade do ponto de vista físico, a sua forma, ou melhor ainda a sua matéria, far-se-á em grande medida sobre a cidade existente, tendo-a como realidade a criticar ou como modelo a seguir.”*¹²²

A intervenção na cidade possibilita projectar o espaço urbano. Num desafio que reside na capacidade de propor novos modelos de construção urbana, que, apostando na promoção de intervenções integradoras, permitam dar resposta à complexidade contemporânea e estabelecer elementos de articulação entre as várias fracções que a compõem. A concepção dos espaços públicos é tida como factor decisivo, ainda que não único, no tipo de resposta à (r)estruturação da cidade.

O espaço público é simultaneamente o espaço principal do urbanismo, da cultura urbana e da cidadania. E é sobre essa importante e complexa relação que recai especial atenção na proposta projectual de reestruturação urbana da Chicala. Como referem M. Castells e J. Boja, os espaços públicos desempenham um papel chave no sentido em que se

¹²¹ Lynch, Kevin. *A imagem da cidade*. Colecção arte & comunicação. Edições 70. Lisboa, 1996, pp. 132.

¹²² Coelho, Carlos D. *Cadernos de morfologia urbana: estudos da cidade portuguesa. Os elementos urbanos*. Argumentum. Lisboa, 2013, pp. 13.

ajustam como criadores de centralidade e potenciadores de uma dinâmica integradora na cidade (Castells; Borja, 1997).

Como F. Ascher defende, existe a necessidade de passar de um urbanismo dos espaços ocupados para o urbanismo dos vazios. Um urbanismo que conceda o espaço colectivo como estruturador da cidade, da sua urbanidade e relação com o território, um urbanismo que eleja o espaço público como referencial base e centralizador da complexidade relacional inerente à cidade (Ascher, 1998).

“O espaço público é a base de tudo, e se o tiver traçado posso aplicar regras tradicionais, experimentadíssimas, para controlar as construções e os usos.”¹²³

Torna-se essencial a reestruturação e o redesenho da cidade com a elaboração de novos planos urbanos que privilegiem acima de tudo as pessoas, as suas necessidades e a sua qualidade de vida. De modo a contrariar esta tendência de isolamento e fragmentação, projectando espaços públicos como promotores do encontro, das vivências e interacções físicas.

Assim, no sentido de compreender a implementação destas medidas de intervenção, é importante considerar um caso de estudo que, a partir destas intenções, conjugadas de outras mais, teve como resultado uma evolução urbana positiva para a cidade. A cidade de Barcelona é o caso de estudo escolhido, não só pelo seu planeamento urbano, mas também pela sua imagem, resultado de várias reestruturações urbanas pontuais.

¹²³ Aguiar, José. *Cor e cidade histórica*. Estudos cromáticos e conservação do património. FAUP publicações. Porto, 2002, pp 128.

3.1.2 | BARCELONA COMO CASO DE ESTUDO



64 | Bairro Eixample, Barcelona.

A cidade de Barcelona é vista como um exemplo marcante da Arquitectura da Cidade, actualmente. Na sua evolução urbana é clara as intenções que levaram à sua organização urbana actual, intenções essas que resultaram numa vivência e funcionamento positivos. A organização actual da cidade é resultante de dois momentos marcantes: o plano de expansão metropolitana (*Eixample*¹²⁴) iniciado em 1855 e o evento dos Jogos Olímpicos¹²⁵ de 1992.

Barcelona, capital da Catalunha¹²⁶, está localizada na costa nordeste da Península Ibérica. Actualmente, com 1,6 milhões de habitantes é a cidade com mais habitantes do país (censos 2011¹²⁷). Nunca foi capital de uma monarquia ou estado importante. Esse carácter marca profundamente a sua concepção ao nível dos espaços públicos, não existia a experiência do espaço público, a única coisa que havia, na Barcelona Medieval, era a *Rambla*, que fazia ligação até ao mar.

¹²⁴ O termo *Eixample* em catalão é o mesmo de *Ensanche* em castelhano, que significa ampliação.

¹²⁵ O evento dos Jogos Olímpicos iniciou o período de transformações urbanas, na cidade de Barcelona, conhecido como a *Segunda Renovação*.

¹²⁶ Catalunha é uma comunidade autónoma da Espanha, situada a nordeste da Península Ibérica. Ocupa um território de cerca de 32.000 km², limitada a norte pela França e por Andorra, a leste com o Mar Mediterrâneo, a sul com a Comunidade Valenciana e a oeste com Aragão. A capital e área urbana mais populosa da Catalunha é a cidade de Barcelona (consultado em Setembro de 2017 in <https://pt.wikipedia.org/wiki/Catalunha>).

¹²⁷ INE – censos 2011 (consultado em Outubro de 2017 in <http://www.ine.es/jaxi/Datos.htm?path=/t20/e244/avance/p02/l0/&file=1mun08.px>).



65| Mapa de Barcelona. Proposta de novas vias de acesso entre a Barcelona Medieval e os novos bairros.



66| Planta de Barcelona Medieval (século XVI). Visível as muralhas que delimitavam a cidade e a Rambla que fazia a ligação ao mar.



67| Rambla actualmente

Entre o séc. XVI e o séc. XVII, de um levantamento realizado dos espaços vazios da cidade concluiu-se que, a maioria eram pátios interiores das habitações unifamiliares, a que se poderia designar de espaços *públicos domésticos* (Narciso, 2008), ou seja, apesar de não haver uma manifestação pública dos espaços, as pessoas tinham necessidade de um contacto com o exterior, mesmo que o convívio fosse apenas familiar. Esta característica de espaços abertos interiores tem uma similaridade com a cidade angolana.

Na primeira metade do séc. XIX, durante a revolução industrial, a cidade continuava a ter um urbanismo medieval, ou seja, entre muralhas, com uma malha extremamente densa, comprimida pela instalação recente de indústrias e com uma expansão demográfica acelerada. O fato das próprias muralhas e todos os terrenos exteriores a esta serem militares, impediram que as novas indústrias se instalassem à sua volta, uma vez que era totalmente proibido construir nesse espaço, tendo exclusivamente um uso agrícola. Desta forma, o crescimento industrial demográfico de Barcelona produziu-se dentro do seu contorno municipal, mas também se expandiu para diversos bairros suburbanos¹²⁸, que receberam ao longo do século XIX uma grande quantidade de indústrias e de operários, que ali se alojavam com maior facilidade.

A necessidade de comunicação entre esses bairros e a cidade, fez nascer várias ligações, que ainda hoje fazem parte do tecido urbano. Entre elas está o *Paseo de Gracia* que liga o centro de Barcelona (medieval) ao actual Bairro de Gracia. Durante esse tempo, não era apenas um meio de comunicação, mas um lugar de encontro, onde as pessoas passeavam nos fins de semana, uma vez que era ali onde haviam os parques, jardins e outros fins recreativos (Muxi, 2010).

No final do XIX, a urgente necessidade de expansão resultou na demolição das muralhas e conseqüentemente na elaboração de vários planos de expansão para a cidade, num concurso público.

¹²⁸ Esses municípios em redor de Barcelona eram Sants, Gràcia, Sant Andreu del Palomar e Sant Martí de Provençals, que no final do séc. XIX são anexados à malha urbana da cidade.

Em 1859 é projectado um plano de organização urbana com uma visão estratégica e de grandes avanços para a época, o Plano de Reforma e Extensão de Barcelona projectado por Ildefonso Cerdà¹²⁹- *Plan de Ensanche ou Eixample*. Este, previa a expansão da cidade de um modo tal que pudesse antecipar e solucionar os problemas que viessem a surgir com o aumento populacional (Santana, 2012).

Deste modo, a formação da Barcelona contemporânea, pode compreender-se a partir de duas categorias: o *Ensanche* e os seus núcleos suburbanos.

PLANO DE CERDÀ - *ENSANCHE*

O principal objectivo do plano de Cerdà, era aumentar a área da cidade, permitindo a sua expansão além dos limites da antiga muralha, assim como a articulação das seis povoações envolventes, resultando numa organização urbana com grandes espaços abertos e verdes, edifícios separados por ruas largas e iguais, sem diferenciação entre classes sociais.

A proposta tinha duas componentes básicas: *higienismo* e circulação. A ideia de cidade higiénica e funcional consiste numa igualdade entre habitantes, cidadãos e veículos no uso do espaço urbano. Com base nesta condição de igualdade, projecta uma malha urbana homogénea através de iguais formas edificadas. A componente higienista, procurou responder às precárias condições de habitação, principalmente da classe operária. Já a segunda componente consistiu na análise da circulação na cidade de Barcelona (Leote, 2015: 27). Ou seja, com esta proposta Cerdà, pretendia melhorar as condições de vida da sociedade de forma igualitária, assim como a fluidez dos transportes e mobilidade dos cidadãos.

A base do plano urbano comportava um sistema de *vias* e *intervias*, que definiam a estrutura urbana da cidade, de uma forma única e interdependente, que se poderia estender indefinidamente. Projectadas

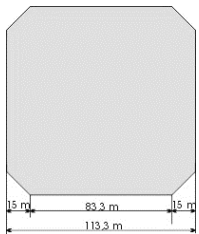


68| *Plan Cerdà*. A parte em preto do mapa indica a antiga cidade medieval. A mais clara corresponde à expansão proposta por Cerdà.

¹²⁹ Ildefonso Cerdà foi um engenheiro, urbanista e político catalão responsável pelo plano de extensão e reforma (*Plan de Ensanche*) da cidade de Barcelona. Formou-se em engenharia de caminhos em Madrid e foi um dos fundadores do urbanismo moderno.

como espaços de circulação, as vias, por contraste, definiam as *intervias*. Estas eram o espaço intersticial que resultava do sistema de circulação da cidade, eram o espaço construído, não apenas de edificado, mas também, a parte construída de um espaço urbano livre. O espaço público assumiu um papel preponderante no plano com ruas entre 20 a 60 metros.

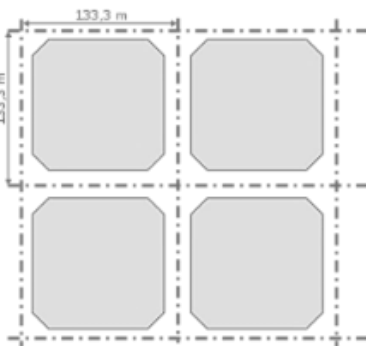
A *manzana*¹³⁰ projectada por Cerdà, que servirá de modelo na concepção de todo o plano, resulta de um quadrado com 113,3 metros de lado, chanfrados nos cantos, fazendo com que as intersecções das avenidas de vinte metros de secção gerassem espaços amplos, lidos como acontecimentos e lugares.



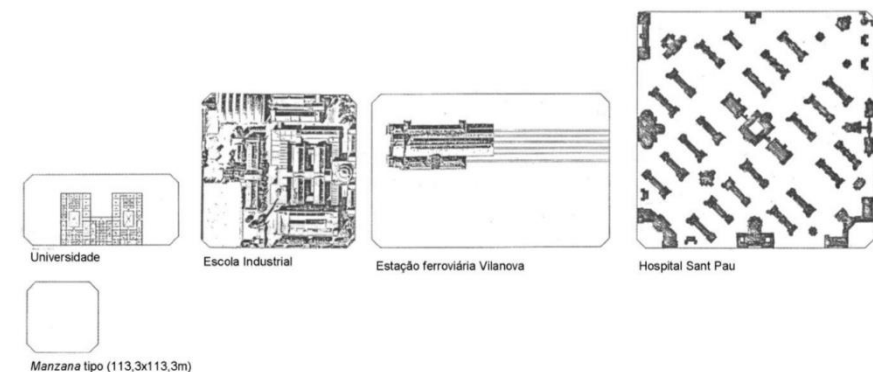
69| Manzana projectada por Cerdà.

Definida esta regra, repetível indefinidamente, Cerdà gera momentos de excepção que dão uma identidade ao desenho urbano. À métrica cardo-decumana definida previamente, são projectadas duas grandes avenidas diagonais e no seu cruzamento surge um grande momento urbano, a *Plaça de Les Glòries Catalanes* que dá origem a uma nova centralidade na cidade. De facto, um dos muitos méritos do plano é a proposição de uma cidade policêntrica.

Resultado da adaptação ao traçado das duas diagonais, muitos bairros sofreram subtis ajustes no traçado nas zonas de relação com a Barcelona medieval e os núcleos envolventes. Também na colocação de grandes equipamentos, foram agregados bairros, dando origem as “*supermanzanas*”.



70| Quarteirões.



71| Agregação de quarteirões - Supermanzanas.

¹³⁰ *Manzana* é o nome dado por Cerdà ao quarteirão.

Considerado o primeiro plano urbano da história, o plano d'Ensanche, contém toda a dimensão de infra-estruturas, nomeadamente esgotos em toda a nova cidade, uma rede eléctrica subterrânea, o porto e o desenho de percursos de comboios urbanos, ainda pouco frequentes na época, incluindo regras para a localização de equipamentos públicos e zonas verdes, repartidos de forma uniforme e socialmente consciente pela cidade.



72| Plano de Cerdá.

O plano foi executado na sua quase totalidade e veio definir a imagem e evolução da cidade até ao último quadrante do séc. XX.

Com o aparecimento da revolução industrial, Barcelona, como muitas outras cidades europeias, assistiu ao surgimento de bairros industriais, cuja evolução é caótica e desviante do crescimento planeado da cidade. Mas, o bairro Poble Nou, na zona norte da cidade, sofreu uma transformação, assumindo-se como o grande motor económico da Catalunha, resultando daí um novo desenho próprio e complexo, afastado das intenções de Cerdá. O período de desindustrialização, que se inicia na década de 60, com o abandono das fábricas, o bairro degrada-se e perde a sua função na cidade.

É neste contexto de crescente deterioração que, em 1986, se dá em Barcelona o segundo momento catalisador da renovação da cidade. Com o início das obras de preparação para os Jogos Olímpicos que

decorreriam na cidade em 1992, define-se um novo plano de evolução da cidade, baseado num novo modelo económico de terciarização e com uma forte aposta na qualificação dos espaços públicos urbanos para a população e o turismo. A renovação urbana despoletada pelos Jogos Olímpicos dá início a um período de renovações a que se chamou *la Segona Renovació* e que resultou numa nova centralidade.

PLANO 22@BARCELONA – LA SEGONA RENOVACIÒ

Numa realidade um pouco diferente, mas de finalidade semelhante à intervenção proposta para Luanda, Barcelona também sofreu uma reestruturação urbana, que reestruturou a cidade e se consagrou numa nova centralidade.

Localizado no final da Avenida Diagonal, onde se encontra com a costa do Mediterrâneo, abrangendo o Litoral, o bairro *Poblenou*, chamado de *terreno vago*, apenas possuía instalações industriais, uma planta de tratamento de água residual e um posto de gasolina.



73| Vista aérea do Bairro Poblenou.

Esta intervenção, reinterpreta toda a estrutura urbana e redesenha-a, com o uso de novas infra-estruturas, gerando uma narrativa de espaços públicos ao longo da frente ribeirinha, devolvendo à cidade o

contacto com o Mediterrâneo. O *distrito 22@bcn* transformou 200 ha de solo industrial, oferecendo espaços modernos, destinados à inovação e criatividade e deste modo regenerando o espaço urbano que se encontrava em constante degradação. Uma nova ordenação do espaço, que permitiu uma nova designação chamada 22@, substituiu a designação industrial tradicional 22a. Esta nova ordenação do espaço, permitiu uma nova designação de terra chamada 22@, que substituiu a designação industrial tradicional 22a.



74 | Área de intervenção do plano 22@bcn.

O plano surge com dois objectivos: por um lado, de reestruturação urbana de um espaço degradado e por outro de revitalização devido à sua localização privilegiada em frente à costa, promovendo um crescimento de economia terciária e da inovação, veio reinterpretar os antigos tecidos industriais, aplicando modelos contemporâneos de espaço urbano, gerando um tecido mais rico e heterogéneo, com a presença de actividades diversificadas e complementares.

Nasce assim, uma nova centralidade em Barcelona, onde diferentes actividades e usos se difundem na mesma área e onde a reestruturação das vias permitiu minimizar o fluxo de tráfego de acesso local.



75| Estratégia de intervenção e relações com pontos chave da cidade.

O plano 22@Barcelona impulsionou também, vários projectos urbanos, entre os quais o Plano para Sant Andreu-Sagrera, que conecta a cidade ao novo sistema ferroviário internacional (TGV); o projecto urbano de requalificação da *Plaça de les Glòries Catalanes* como novo CBD da cidade e ainda a criação de todos os edifícios e infra-estruturas associados ao Fórum Universal das Culturas.

Este é um processo de reestruturação urbana que contribui para a concentração e densificação espacial de actividades produtoras de centralidade. Um caso de estudo que permitiu assimilar um modelo de intervenção dinâmico a nível social, económico e político.

(RE)IMAGEM DE BARCELONA

Barcelona, é hoje considerada uma das cidades europeias mais simbólicas. Não só pelo seu planeamento urbano, mas também pela sua imagem urbana. No entanto, a imagem actual da cidade nada tem a ver com o seu passado que, durante os anos 50, 60 e 70 era conhecida como “*La Barcelona Gris*” - Barcelona Cinzenta.

Nas ultimas décadas, a cidade tem sofrido um processo de *re-imagem* que permitiu atenuar o seu passado problemático, processo este, que teve três momentos (Smith, 2005).



76| Áreas de novas centralidades. Áreas com potencial no tecido urbano.

O primeiro momento foi a “Cidade modernista”, através da iniciativa “*Posa’t Guapa*”, uma campanha para promover o património arquitectónico da cidade, de forma a restaurar edifícios projectados por Doènech, Puig e Gaudi. Ao fazer isto a cidade pode usar edifícios para representar Barcelona como um todo. Assim para além de ajudar a melhorar a imagem da cidade através da reabilitação do edificado, esta iniciativa ajudou a associar valores a Barcelona tais com a *cidade artística*, a *cidade cultural*, a *capital do modernismo* (Smith, 2007).

O segundo momento foi a “Cidade desportista”. Para além dos Jogos Olímpicos realizados em 1992, Barcelona designou em 2003 o “Ano do desporto”, onde realizou variados eventos desportivos a nível mundial,

como o *World Swimming Masters*. “Este tipo de eventos permitiu a construção de novas infra-estruturas para a realização desportiva, que dotaram a cidade de novos equipamentos ao mesmo tempo que teve uma cobertura mediática mundial que promoveu a cidade e a sua imagem.”¹³¹

Associar a cidade ao desporto teve também como objectivo gerar significados que derivam da prática desportiva, tais como o universalismo, o heroísmo, a competitividade, a motivação individual e o espírito de grupo.

O terceiro momento é designado por Smith como a “Cidade monumental” que está associado à construção de edifícios icónicos projectados como peça-chave de revitalização urbana e económica, por arquitectos mediáticos. “Estes edifícios contribuem para construir uma imagem moderna da cidade tentando afirmar a sua identidade associandose a ideias como cosmopolitismo, globalização e design”¹³², que tem como objectivo final a atractividade e promoção da cidade.



77 | Imagem actual da cidade de Barcelona.

Como se pode constatar, Barcelona, através de um processo de reabilitação de edifícios, requalificação de espaço público e da construção de novos edifícios icónicos conseguiu desenvolver uma série de imagens positivas da cidade, que reunidas formam uma imagem global mais atractiva e competitiva.

¹³¹ Rowe, 1995 cit. in Smith, 2007.

¹³² Idem.

3.2 | CHICALA: UMA NOVA CENTRALIDADE



78 | *Chicala: a área de intervenção, com envolvente da cidade de Luanda.*

Luanda é uma cidade desfragmentada, desagregada, segregada socialmente e sem nenhum plano urbano. Uma vez que a sua estrutura urbana detém uma inexistente organização entre os diferentes tipos de tecido urbano, resultando numa cidade desagregada. Considerada, também, desfragmentada visto que os novos edifícios e empreendimentos estabelecem uma relação quase inexistente com a rua, ou seja, há uma barreira muito marcada entre o interior e exterior, perdendo as relações que o espaço público confere ao espaço privado, ou seja perdendo o conceito de cidade. Já a grande diferença de classes sociais existente é o que a torna segregada socialmente. E não tendo um plano de ordenamento do território definido pelas autoridades competentes, permite uma construção desenfreada, sem regras nem controlo, resultando não só numa desorganização da imagem urbana, arquitectónica e social da cidade, mas também gera uma fraca qualidade de vida.

A intervenção proposta procura assim, reverter estas situações desenvolvendo uma nova parcela da cidade, neste sentido é fundamental a compreensão não só em termos arquitectónico-urbanísticos, mas também sociais e culturais, de forma a atingir o equilíbrio.

O terreno no qual o projecto assenta, a Chicala II, anteriormente ocupada por musseques, é neste momento, um terreno vago e expectante. Este território encontra-se numa posição bastante privilegiada, pela zona marginal que possui, por estar no cruzamento de dois eixos viários importantes da cidade, como também constitui uma oportunidade de criar uma continuidade entre a Ilha e o centro de Luanda, neste sentido, torna-se incontornável não associar esta zona a uma, potencial, nova centralidade de Luanda.

3.2.1 | ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Assumindo a aplicação do *plano* existente para o Bairro da Chicala, a intervenção faz sentido a partir do momento que o antigo musseque é totalmente removido. Assim, como base para o desenvolvimento desta proposta e, após a análise e compreensão do território, estabeleceu-se estratégias de intervenção que visam a reestruturação e revitalização do bairro como uma **nova centralidade** na cidade.

Sendo Luanda uma cidade em constante mutação, é fundamental que se projecte de modo a ser sempre possível uma continuidade, um projecto capaz de dar resposta ao **processo evolutivo** da cidade, que não seja estagnado, pois a cidade também não o é.

A intervenção proposta pretende compreender a articulação da Chicala à demais envolvente, resultando numa **continuidade da cidade** consolidada e contrariando a fragmentação existente. Neste sentido, pretende-se **fomentar relações exógenas e endógenas**, reforçando o bairro enquanto entidade autónoma, mas sempre articulada com o exterior.

Assente no estudo do plano de Barcelona, pretende-se desenvolver uma estrutura urbana, que consista numa **igualdade entre pessoas e veículos** no uso do espaço urbano e minimizar a segregação social, projectando uma malha urbana homogénea. Ou seja, melhorar as condições de vida da população de forma igualitária, assim como o fluxo viário e a mobilidade dos cidadãos.

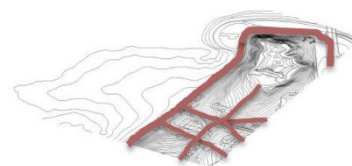
O plano urbano pretende dar à Chicala **diferentes tipos de espaço público**: uns de relação com a água e outros de relação com a terra, atendendo à ligação que este povo tem com estes elementos; simultaneamente a criação de espaços de arejamento/oxigenação, assim como se pretende diminuir a densidade de construção. Definindo cheios e vazios urbanos, de forma equilibrada, projectando o espaço urbano de modo a estabelecer relações entre o espaço público e o edificado e de forma a existir uma permeabilidade em todo o bairro.



79| Plano da Chicala e arredores - mostrando as áreas demolidas deste 2005.



80| Orientações topográficas.



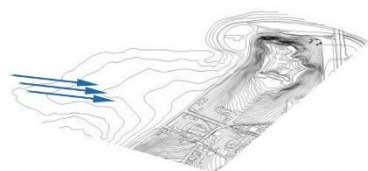
81| Circulação.

Dada a proximidade da Fortaleza de São Miguel, as cotas dos edifícios projectados não devem ultrapassar a do monumento, para que este possa conservar a sua importância histórica e visual e fazer parte integrante desta proposta urbana.

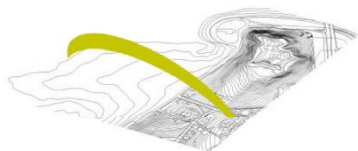
Numa procura pela concepção de uma **diversidade urbana** através da concentração, combinação e compatibilização de diferentes actividades, habitação, serviços e equipamentos, é atribuída uma série de usos variados que se misturam e interrelacionam, de maneira a evitar grandes movimentos pendulares que poderiam causar o desaparecimento de movimento e vida. Desta forma mantém-se uma ocupação permanente do espaço que impede a existência de dormitórios urbanos ou áreas exclusivamente de serviços, procurando gerar um bairro diversificado, dinâmico e denso.

Neste sentido, e para que o local seja identificado como um **centro urbano**, os movimentos que este deve atrair, querem-se gerados não só pelos edifícios e os espaços públicos que se localizam dentro dos limites da proposta urbana, mas também por fluxos vindos dos bairros vizinhos e de toda a cidade, só assim poderá gerar uma dinâmica que lhe confira uma **Centralidade** na cidade, uma vez que é nos centros onde se dá esse encontro, esse cruzamento constante de identidades que vivem o espaço público.

Intervir num território tropical é sempre um desafio. E é um desafio porque compreende uma nova aprendizagem, o descobrir de uma nova realidade, um pouco afastada da realidade europeia é certo, mas com uma metodologia projectual idêntica. Como tal, o clima tropical requer **estratégias bioclimáticas** que minimizem os efeitos da elevada insolação e humidade, como o sombreamento e a ventilação cruzada, tanto na escala urbana (com arborização, espaços sombreados), tanto na escala do edificado (cobogó, palas, brise-soleil).



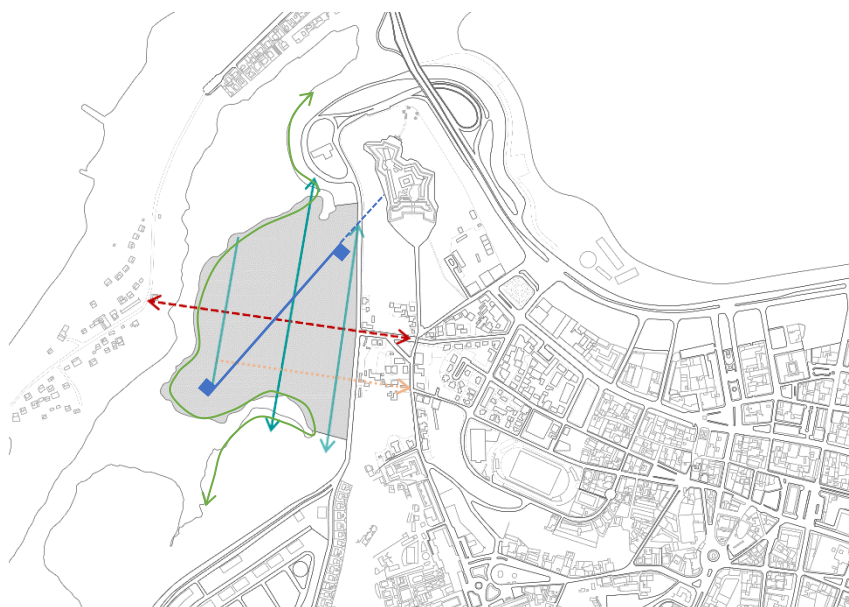
82| Ventos dominantes.



83| Orientação solar.

3.2.2 | DESENHO URBANO

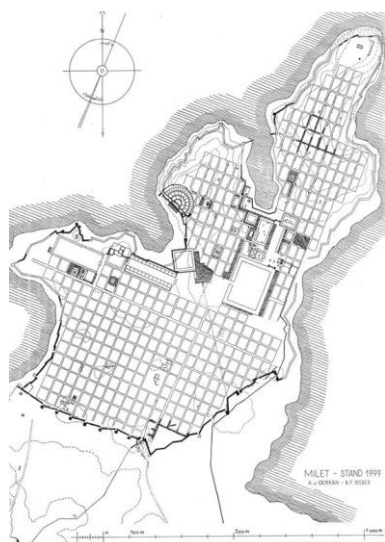
O desenho urbano para a nova Chicala, surge com base nas intenções anteriormente referidas, assente numa estratégia urbana de desenvolver um projecto que valorize e evidencie o espaço público qualitativo, sendo este quase inexistente na cidade. Deste modo, deu-se continuidade à Avenida Marginal, percorrendo o bairro e estendendo-se até à Chicala III, como espaço público, gerando uma extensão verde.



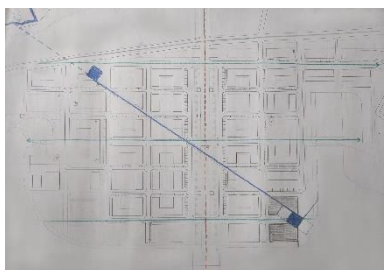
84 | Premissas da estrutura urbana proposta. Relações com a cidade – eixos estruturais principais.

A premissa aplicada na elaboração da estrutura urbana proposta, consiste no prolongamento visual da Rua Dr. Francisco de Soveral para o bairro da Chicala, como eixo principal e estruturador do tecido urbano. Este eixo proporciona uma nova ligação da cidade com ilha.

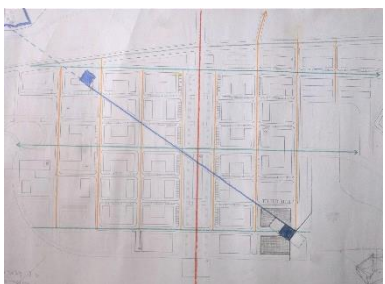
Aplicada a premissa na estrutura, são definidos os quarteirões, que como já referido, foram projectados de forma igualitária, com 40x60 metros, dispondo-se ao longo da estrutura urbana, sendo o seu lado menor paralelo ao eixo principal. Deste modo, o traçado proposto na organização da estrutura urbana é constituído por uma malha ortogonal, seguindo o eixo principal e um eixo secundário. Perpendicular ao eixo principal, este, funciona como minimizador de fluxos viários entre o bairro e a Av. Dr. Agostinho Neto, sendo o ponto de partida na organização da malha urbana. É também a única conexão viária entre a Chicala II e III.



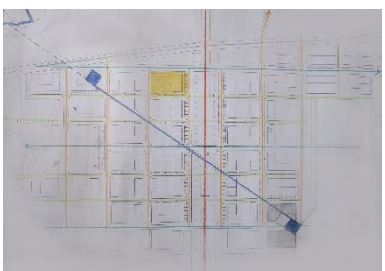
85| Plano urbano de Mileto, Arq. Hipódamo Mileto. Século V a.C. Quarteirões de 30 por 52 metro.



86| Eixos estruturais principais.



87| Eixos estruturais secundários.



88| Malha estrutural.

Neste sentido, o traçado urbano proposto é constituído por uma malha ortogonal, remetendo para as origens gregas na construção da cidade planeada - o Plano da cidade de Mileto¹³³. Em toda a sua rigidez e formalismo racial, este plano cartesiano, apesar de rígido na sua concepção viária admite uma grande flexibilidade nas construções do edificado nos seus quarteirões.

Como forma de quebrar esta monotonia e rigidez é gerado um grande momento de excepção que rasga o plano abrindo-o pelo eixo principal no qual se insere o passeio público. Este vai ocupar toda a extensão este-oeste do bairro prolongando-se até à Ilha de Luanda.

Na estruturação da malha urbana existem eixos secundários, que se situam perpendicularmente ao eixo principal e que definem relações importantes no plano urbano.

Pode considerar-se o eixo central do plano, uma vez que este atravessa todo o plano no sentido Norte-Sul. Além de fazer a ligação entre dois grandes equipamentos, a escola e o mercado, faz deste último um importante lugar de encontro entre dois os bairros, uma vez que existe uma ligação pedonal com a Chicala III através deste eixo. O outro é o eixo onde se insere a avenida mais próxima da marginal e que define uma zona de cultura, lazer, turismo, pelos equipamentos e espaços públicos que comporta.

Remetendo para o plano de Cerdà, o tecido urbano na sua grande flexibilidade vai tendo momentos de excepção onde, para inserir equipamentos, são agregados quarteirões. A estrutura urbana implementada permite assim uma clareza, funcionalidade e mobilidade, numa noção de unidade do traçado urbano obtida através das relações de continuidade, de organização e de articulação com a envolvente.

No seguimento da Rua Dr. Francisco de Soveral, a entrada viária no bairro da Chicala é marcada por duas torres destinadas a serviços. Nos

¹³³ Hipódamo de Mileto ou Hipodamo (498 a.C. - 408 a.C.) foi um arquiteto, planeador urbano, médico, matemático, meteorologista e filósofo. Tendo vivido no auge do período clássico, é considerado o "pai" do planeamento urbano em quadriculas, designado por "hipodâmico" em sua homenagem (https://pt.wikipedia.org/wiki/Hip%C3%B3damo_de_Mileto).

quarteirões que estão junto à Av. Dr. Agostinho Neto, projectou-se um extenso espaço verde que se prolonga tanto para norte como para sul, no sentido de camuflar o ruído dessa Avenida.

O Passeio Público em toda a sua extensão é arborizado na sua envolvente, permitindo um resguardo das Avenidas que o envolvem, é pontuado com quiosques, e contém uma galeria.

Na continuação do Passeio Público até à margem, encontram-se dois equipamentos nas laterais (um centro cultural e uma escola de dança e artes performativas) que demarcam essa continuidade e contribuem para o grande espaço público projectado na marginal. No culminar do bairro, um museu, num volume suspenso sob a ponte, que faz a ligação pedonal à Ilha de Luanda.

O edificado nos quarteirões adjacentes ao Passeio Público, tem 4 a 5 pisos (decrecendo com a proximidade à margem), que evidenciam o eixo principal do Passeio Público, estes comportam comércio e serviços no piso térreo e habitação nos restantes, numa forma de usos mistos que conferem movimento e uma dinâmica de fluxos.

Os quarteirões tipo são providos, na sua maioria, por habitação e pontuados com comércio e serviços no piso térreo, são maioritariamente espaço público que se relaciona com o edificado. Na margem Sul do Bairro, numa relação com a água é proposta uma igreja.

O Plano urbano contém outro momento de excepção, definido por um eixo pedonal diagonal que rasga o tecido urbano e vai gerar diferentes momentos. Num equilíbrio de formas o eixo pedonal sustenta e desenha duas torres, uma de cada lado do eixo, onde culmina nas praças dos equipamentos que são projectados, o Centro Cultural e o Hotel.

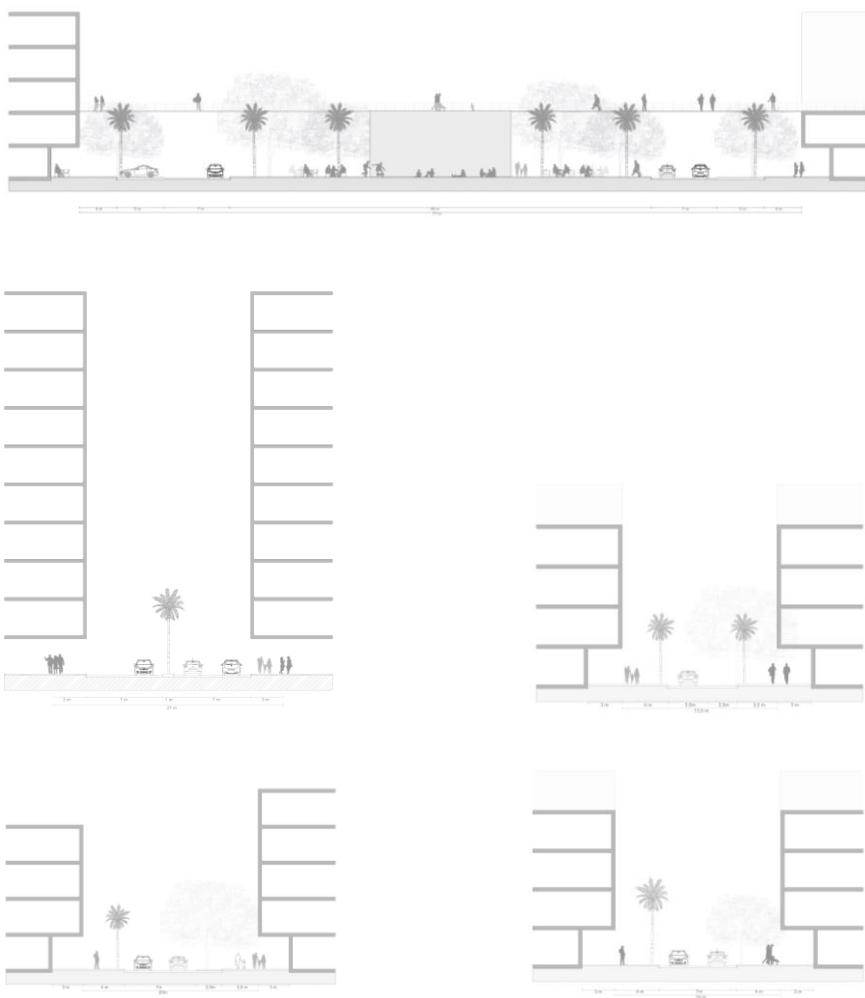
A mobilidade pedestre, assim como os espaços públicos foram projectados como elementos chave do plano urbano, promovendo o encontro, as vivências, as relações, privilegiando, desta forma, os residentes e os visitantes. Já o sistema viário é organizado hierarquicamente, de acordo com os fluxos que as actividades, os serviços e equipamento projectados tendem a gerar.

- — Via existente - duas faixas para cada sentido.
- Via principal - duas faixas.
- — Vias secundárias - duas faixas, uma para cada sentido
- Vias terciárias - uma faixa
- - - Percursos pedonais principais

89| Hierarquia viária. Percurso pedonal principal pontuado.



Com este plano urbano, pretende-se contribuir para a dinâmica da cidade, transformando este bairro num espaço urbano qualificado, articulando residência, trabalho, comércio e serviços sociais, educacionais e de lazer, resultando numa diversidade de coexistências num mesmo lugar - centralidade.



90| Perfis das diferentes vias propostas para o Bairro da Chicala.

Forte de São Miguel

Igreja e centro paroquial

Escola

Campo de jogos e balneários

Centro cultural

Complexo desportivo

Museu

Galeria de arte

Escola de dança e artes

Hotel

Mercado



92| Plano urbano Chicala.

91| Corte do plano urbano pela diagonal pedonal.



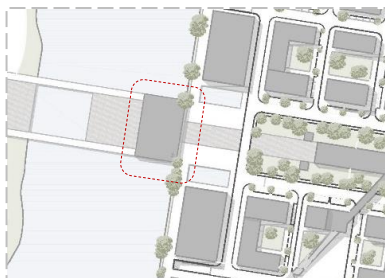
3.3 | O EDIFICADO

Como complemento ao desenho urbano, foram desenvolvidas diversas estruturas que apresentam um papel fundamental na constituição do sistema urbano proposto.

Sendo a concentração, combinação e compatibilização de diferentes actividades, um factor fundamental na construção de uma condição central, o plano projectado comporta uma concentração espacial de diferentes estruturas edificadas que, através da articulação aos espaços públicos, pretendem promover uma concentração e atracção de pessoas, usos e serviços.

MUSEU

O museu está localizado no Passeio Público, num volume sobreelevado, que proporciona um grande sombreamento, característica essencial do espaço público em Luanda.



93| *Museus de arte Moderna, São Paulo, Brasil - como referencia do conceito.*

<http://uploads.neatorama.com/images/posts/62/93/93062/1476974410-0.jpg>

Encontrando-se já sobre o plano de água, numa ponte pedonal que faz a ligação à ilha de Luanda. Neste sentido, o museu constitui-se num edificado que possibilita diversas vivências, relações e interacções.

O acesso ao mesmo, é feito pelas laterais, agregados aos elementos estruturais e comporta apenas um piso (sobreelevado) com 1350 m².

GALERIA DE ARTE

Localizada no Passeio Público, é desenhada pelas duas torres (que marcam a entrada viária no bairro) e pelos quarteirões laterais.



94| Localização da Galeria de arte na Chicala.

A galeria apresenta-se como um equipamento dinâmico do Passeio Público, que gera diferentes momentos e se integra no percurso, fazendo parte do mesmo, proporcionando assim uma noção de continuidade e não um obstáculo na vivência do espaço público. É constituída por um piso de 6 metros e 1125 m² de implantação.

96| Steven Holl, Storefront for Art and Architecture. Esquema.

Como referência foi tida em consideração o projecto *Storefront for Art and Architecture* do Arquitecto Steven Holl, que consiste na criação de uma dinâmica e atracção, através de uma simples parede que se abre e cativa a atenção de quem passa. No caso projectado não seria apenas uma parede, mas todo o volume.



95| Steven Holl, Storefront for Art and Architecture.

ESCOLA DE DANÇA E ARTES PERFORMATIVAS

Localizada na Avenida Marginal, este equipamento foi projectado com o intuito de preservar e promover uma actividade muito característica da população Angolana – a dança.

O piso térreo é praticamente todo vazado, permitindo e proporcionando uma vivencia exterior, interagindo com a envolvente, promovendo também o arejamento e o sombreamento. A escola é composta por mais 2 pisos que comportam diversas salas e um auditório.



97| Localização da Galeria de arte no Bairro.

COMPLEXO DESPORTIVO

Sendo o desporto bastante importante na qualidade de vida da população, o complexo desportivo assume-se assim, como um equipamento fundamental, na promoção a um melhoramento na saúde e consequentemente uma melhor qualidade de vida, na criação de uma dinamicidade ao bairro, assim como no apoio ao campo de jogos e espaços exteriores.

Este situa-se na margem, junto ao museu e à escola de dança, assim como adjacente a espaços verdes e ao campo de jogos, permitindo a extensão das actividades ao exterior.

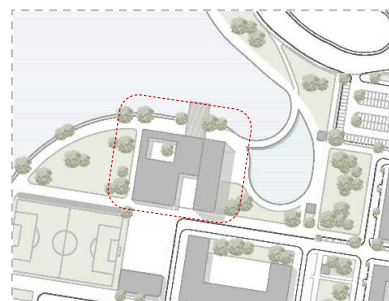


98| Localização do Complexo desportivo (vermelho), complementado pelo campo de jogos e balneários (azul).

IGREJA

A religião também tem grande importância na cultura deste povo. Neste sentido é fundamental integrar a Igreja neste espaço urbano. Esta estabelece uma relação com o plano de água e também com o espaço público envolvente: a praça, o espelho de água projectado.

A igreja comporta dois volumes, pois está integrado um centro paroquial, neste sentido o volume mais estreito é o mais alto e onde se projecta a igreja, sendo que no outro corpo adjacente se instale o centro paroquial.

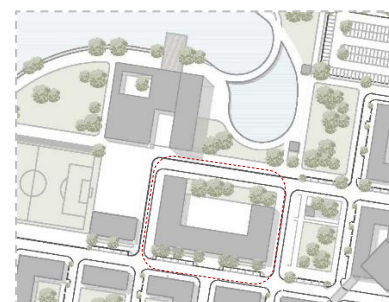


99| Localização da Igreja no Bairro.

ESCOLA

Como referido no plano urbano, a escola encontra-se no eixo central do bairro, é um equipamento elementar, uma vez que a educação é primordial. Sendo uma área central, tem de aceder às necessidades primárias da população que ali reside, evitando deslocamentos.

É constituída por dois pisos e é provida de uma envolvente de espaços públicos verdes, de um parque de diversões no quarteirão ao lado e do outro lado o campo de jogos, integrando o desporto à educação



100| Localização da Escola no Bairro.

MERCADO

Na cultura angolana, o comércio é fundamental nas relações sociais, verificando-se isso mesmo no comércio de rua. Neste sentido este equipamento encontra-se num local estratégico de encontro, permitindo também uma proximidade ao bairro vizinho, uma vez que existe uma ligação pedonal directa.

É constituído por um embasamento, e uma grande praça central, deixando livre uma grande extensão térrea, promovendo as vivências e convidando as pessoas a permanecer. Como referência à projecção do mesmo, foi estudado o Mercado de Kinaxixe.



102| Localização do Mercado no Bairro.



101| Mercado de Kinaxixe, Luanda.

CENTRO CULTURAL

O edifício projectado para o centro cultural, resulta de um momento de excepção, através da diagonal pedonal que atravessa todo o bairro. Este gera uma relação entre o hotel sendo os mesmos desenhados a partir das torres. num volume suspenso assente em pilotis, gerando uma enorme praça com vegetação possibilitando diversas actividades e eventos e numa torre, que agregará, diversas actividades culturais e didácticas. O volume suspenso tem três pisos e a torre 10.



103| Localização do Centro Cultural no Bairro da Chicala.

HOTEL

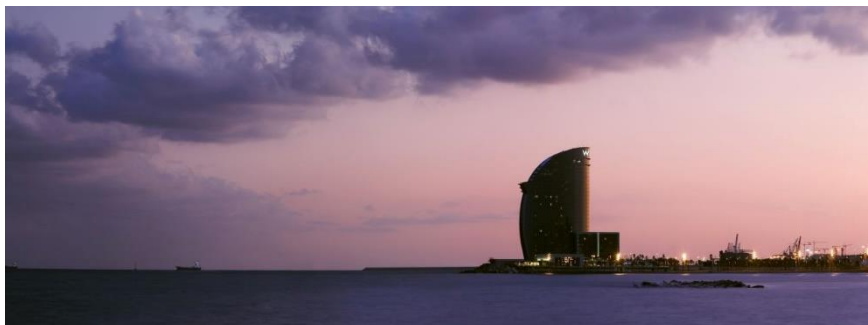
Situado no extremo oeste do plano urbano, o hotel é o equipamento de excepção escolhido para o projecto como motor de uma nova centralidade. Este está localizado num lugar privilegiado e incorpora diversas actividades, usos e serviços.

Neste sentido, primeiramente serão estudados dois hotéis, no sentido de compreender a complexidade destes e de perceber as relações entre os diversos espaços que os constitui, assim como a sua arquitectura e relação que estabelecem com a envolvente.



104| *Relação do percurso pedonal com o Centro cultural, a fortaleza (azul) e o Hotel (vermelho).*

3.3.1 | HOTEL W BARCELONA

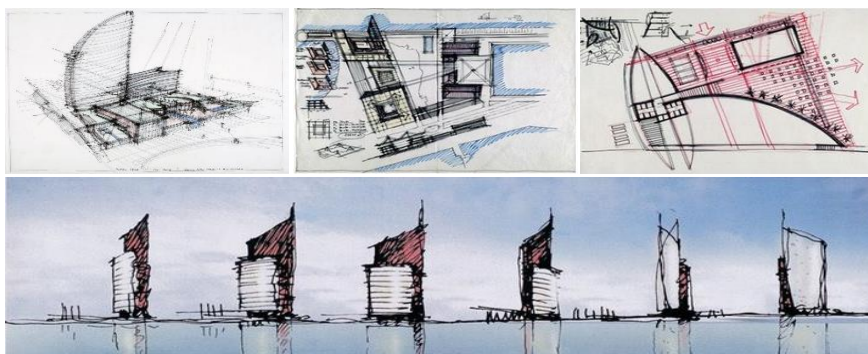


“O W Barcelona Hotel fica na nova entrada do porto de Barcelona e tornou-se um marco icónico para o horizonte e a costa de Barcelona.”¹³⁴

O Vela Hotel, como é conhecido, foi concluído em 2010, construído e concebido como uma adição ambiciosa ao plano de renovação urbana para o litoral de Barcelona. Faz parte da paisagem marítima e arquitectónica da cidade, recebendo o primeiro prémio do *Prix Villégiature 2010 Best Exterior Architecture Hotel Europe*.

A sua imagem e sua localização estratégica tornaram-no um ponto de referência na cidade de Barcelona. De acordo com o Arq. Bofill, a forma do edifício é uma resposta directa à presença deslumbrante do Mediterrâneo.

Como conceito pode associar-se a sua forma metafórica, como uma vela de um navio, que parece flutuar.



105| *O hotel visto da cidade.*
<http://www.ricardobofill.com/projects/w-hotel-barcelona/>



106| *Imagem conceito: como uma vela de um navio.*

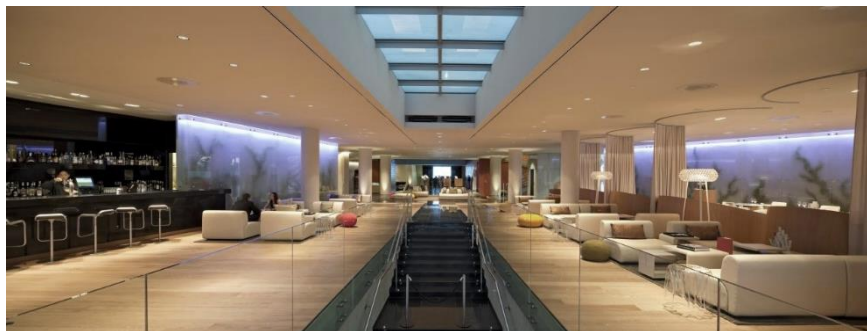
107| *Esquícios. Arq. Ricardo Bofill.*

¹³⁴ Descrição do Arq. Ricardo Bofill. Fonte: <http://www.ricardobofill.com/projects/w-hotel-barcelona/>.

O W Barcelona fica perpendicular ao cais, tem 26 pisos na sua forma de vela e tem vista dos quartos para o mar e para a cidade. Este volume em vela, é inserido no edifício do átrio de pouca inclinação, que contém o lobby, com grandes dimensões, com muita luz, derivada às clarabóias. Daqui acede-se à recepção, ao bar, à piscina ou à praia e também aos núcleos de circulação vertical comum a todos os pisos.



109| *Piscina exterior.*



108| *Lounge e bar.*

Os espaços públicos estão concentrados no piso térreo, numa plataforma projectada como se fossem dois enormes terraços, já o volume das salas de conferências, tem uma grande fachada de vidro, com vista para o mar, que quebra as linhas horizontais.

A fachada de vidro prateado, reflectora que brilha de acordo com a luz solar incidente e dos diferentes pontos de vista. A cor da *pele* exterior de vidro do edifício reflecte o céu e o mar, tentando misturar-se na paisagem.

Está classificado com 5 estrelas, possui 473 quartos, um spa, um restaurante com vista para a costa de Barcelona, um bar no último piso e instalações para convenções. O estacionamento é um edifício separado dividido em quatro partes, com capacidade para 745 veículos.

A fundação foi um ponto importante na projecção do hotel, em que foi feita uma análise das características da terra onde se destinava a construir, foi decidido aumentar o limite inferior do edifício para mais 2.30 metros que, embora reduzido, o espaço utilizável para instalações impediu o trabalho abaixo do nível do mar e a instalação de sistemas de bombeamento de água.



110| *Fachada de vidro.*

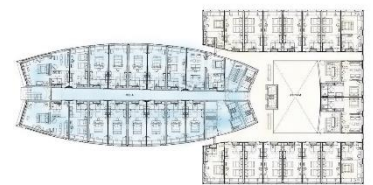
A estrutura interna da vela atende às necessidades funcionais do hotel e, embora a elevação se assemelhe a um plano de "vela", tem mais semelhança com a espinha dorsal de um peixe. A cabeça do peixe, que por sua vez é o mastro de vela, reúne os núcleos de elevadores, elevadores e escada principal, o tronco central é representado pelo corredor que conduz aos quartos. Na cauda dos peixes, onde a vela está dobrada, as suítes estão localizadas, as dimensões variam de acordo com a área da curva que navega.

Na sua composição geométrica o hotel é formado por quatro corpos: a **Vela** (azul), que é a imagem de marca do hotel; o **Atrium** (amarelo), um cubo que se cruza com a vela e onde se localiza a entrada do hotel. Este cubo de vidro incorpora alguns quartos também; o **Podium** (vermelho), uma plataforma formal de 17.812 m², onde se encontra os equipamentos principais e o **estacionamento** que está localizado no lado sul, com 745 lugares.

O hotel W Barcelona tornou-se um ícone da cidade, pela sua imagem e pelo dinamismo que promoveu na renovação urbana do litoral de Barcelona.



111| Hotel W Barcelona, corte esquemático. Vela a azul, o Atrium a amarelo e o Podium a vermelho.



112| Hotel W Barcelona, planta esquemática. Vela a azul e o Atrium a amarelo.



113| Fotografias de um quarto e Suite.

3.3.2 | HOTEL FASANO



114| Entrada Hotel Fasano.

Localizado em São Paulo, no bairro de Jardins¹³⁵, o Hotel Fasano foi inaugurado em 2003 e projectado pelos arquitectos Márcio Kogan¹³⁶ e Isay Weinfeld.¹³⁷

*“O Hotel Fasano é uma realização familiar que há mais de 100 anos é reconhecida por oferecer a melhor gastronomia e hospitalidade da cidade de São Paulo. (...) o hotel traduz um desejo antigo do ‘restaurateur’ Rogério Fasano (...) de criar um hotel com personalidade e excelência”.*¹³⁸

O projecto resultou da junção de diversas referências desde o minimalismo à Peter Zumthor, à influência da elegância e espacialidade do Arq. Aurélio Martinez Flores. Também as referências propostas pelo cliente, foram tidas em conta, este queria que o hotel transmitisse “um



115| Empire state Building.
http://www.billboard.com/files/styles/article_main_image/public/media/empire-state-building-2016-billboard-1548.jpg

¹³⁵ Jardins é uma região não-oficializada da zona oeste da cidade de São Paulo. Compreende as ruas de quatro bairros, todos pertencentes à *Subprefeitura de Pinheiros*, esta região é destacada pela qualidade e quantidade de serviços e comércio. (consultado em Setembro de 2017 in <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jardins>).

¹³⁶ Márcio Kogan é o arquitecto fundador studio mk2. Nasceu em São Paulo e formou-se em 1976 pela FAU-Mackenzie. É membro do AIA, professor da Escola da Cidade e professor convidado do *Politecnico di Milano*, onde recentemente concluiu o mestrado em educação, sociedade e cultura. (consultado em Setembro de 2017: <http://studiomk27.com.br/studio/>).

¹³⁷ O arquitecto Isay Weinfeld, formou-se pela FAU-Mackenzie, onde mais tarde leccionou Teoria da Arquitectura, também de Expressão Cinética na Faculdade de Comunicação da FAAP. Trabalhou em cinema, cenografia, design de mobiliário. (consultado em Setembro de 2017: <http://anualdesign.com.br/saopaulo/profissionais/isay-weinfeld/>).

¹³⁸ Cit. in <http://fasano.com.br/hoteis/fasano-sao-paulo>.

certo espírito da década de 30”, mencionando o Empire State Building, como referência a ter em conta (Figueirola, 2004).



116| *Fachada Principal.*

Neste sentido, o hotel reverte para o pós-modernismo, numa mistura de elementos clássicos, como a planta simétrica, os volumes compactos e rasgados por pequenos vãos, a relação com a rua; e moderno na ausência de ornamentos.

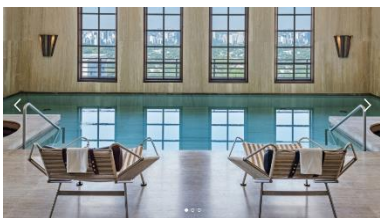
A volumetria aliada às diferentes texturas e materialidades conferem uma expressão única ao edifício. A base foi revestida a madeira; nas duas extremidades da torre e no volume do restaurante foi usada pedra; e no volume central tijolo inglês.

Tal como Luanda, São Paulo possui um clima tropical, neste sentido estas cidades requerem estratégias bioclimáticas que minimizem os efeitos da elevada insolação e humidade. No Hotel Fasano é perceptível a arquitectura tropical, nos pequenos vãos protegidos ainda por palas.

Ao entrar no lobby do hotel depara-se imediatamente com um bar e não com a recepção, isto porque se pretende chamar as pessoas a estar e que não seja apenas para as pessoas hospedadas.



117| *Lobby (esquerda) e o Bar (direita).*



118| *Piscina.*

Em termos programáticos, o hotel oferece diversas experiências: no último piso o fitness center e o spa com cinco salas de massagens; em exclusivo para os hóspedes tem a piscina de água quente, jacúzi e sauna; e também o business center que contem 4 salas de reuniões e um auditório.



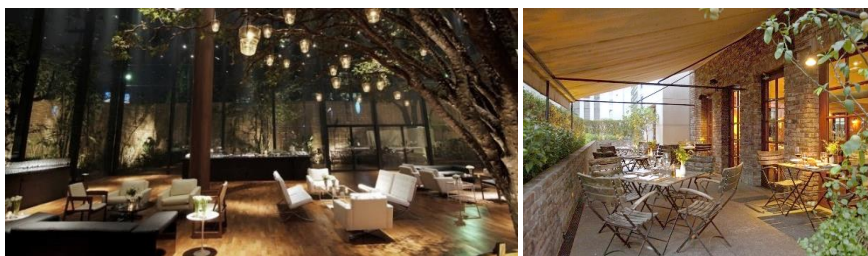
119| *Bar piano Baretto.*

Onde tudo começou foi pelo restaurante Fasano conhecido pela alta gastronomia Italiana desde 1982 do restauranteus Rogério Fasano. Como tal o Hotel possui um Restaurante Fasano no piso térreo com um bar e sala privada. O restaurante Nonno Roggero no primeiro piso, com

uma agradável varanda com vista para o Jardins. E o Baretto um bar piano também no piso térreo.

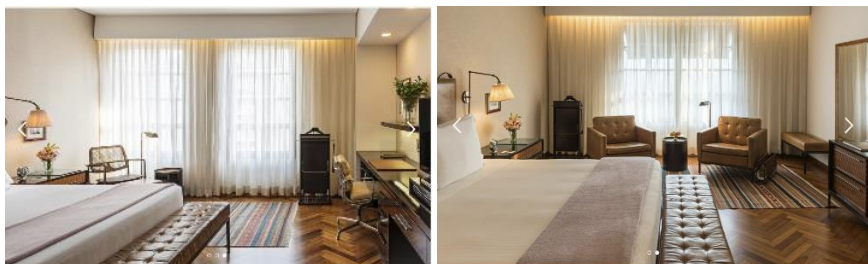


120| *Restaurante Fasano.*

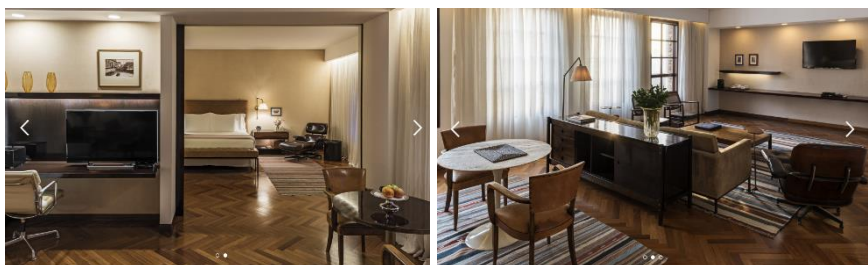


121| *Restaurante Nonno Ruggero.*

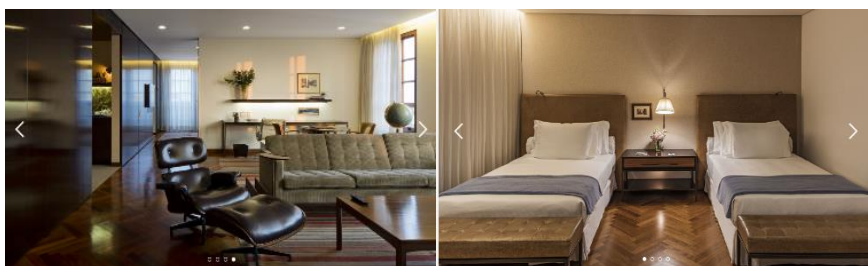
O Hotel possui 50 quartos e 10 suites, projectadas para oferecer conforto e espaço, todos com vista para o bairro dos Jardins.



123| *Apartamento superior 35 m²*



122| *Suite 75 m²(esquerda). Suite deluxe 115 m² (direita).*



124| *Suite dois quartos 120 m².*

3.4 | O HOTEL COMO MOTOR DE UMA NOVA CENTRALIDADE

O progresso dos meios de comunicação assim como das novas tecnologias, possibilitou a divulgação entre culturas e, praticamente, ligou o mundo, como área de interesse turístico, uma vez que a facilidade de acesso aproximou os países e regiões. A globalização incorporou novos interesses à sociedade de consumo, na qual o turismo se insere como um segmento importante e em contínuo crescimento. As viagens passaram a fazer parte do quotidiano da população, seja em trabalho ou em lazer, o turismo aumentou consideravelmente e o sector hoteleiro evolui em função desse crescimento, moldando-se gradualmente aos novos interesses. Deste modo, a expansão do mercado turístico tem exigido do sector hoteleiro uma crescente complexidade.

Em suma, o extraordinário desenvolvimento do turismo e a sua diversidade (cultura, lazer, negócios, congressos, etc.), sucedido nas últimas décadas, paralelamente ao encurtamento das distâncias e à diminuição do custo das viagens derivado à evolução dos transportes, tem imposto a necessidade de adaptação do hotel (Andrade, 2007: 47). A diversidade e competitividade existente, fez surgir, diferentes tipos de hotel, com características próprias em função não só da sua localização, mas também do cliente que pretende atrair.

Na antiguidade grega¹³⁹ um *hotel* compunha-se apenas por um conjunto de dormitórios comuns e uma grande sala de estar. Hoje, é impensável imaginar igual simplicidade programática.

Hoje, o programa de um hotel, pode variar bastante, dependendo dos serviços e actividades que dispõem. No entanto, não é a complexidade programática que define se um hotel é de classe económica ou de luxo, mas sim a quantidade de serviços prestados e espaços de lazer, ou seja, a

¹³⁹ Pode considerar-se a Grécia antiga o berço do turismo, apesar de séculos antes já existirem viajantes, não existia nenhum tipo de lugar próprio em alojá-los, ficando estes instalados em casas particulares. Só durante o período grego com o aumento do número de viagens, tanto de pessoas como de mercadorias e comerciantes, começaram a surgir nas cidades os primeiros albergues. É também nesta época que surgem as primeiras construções de hospedagem, motivadas por eventos pontuais, como exemplo das festas religiosas e dos jogos olímpicos (Fontainha, 2011: 2).

classificação do hotel define a oferta de espaços, instalações e serviços disponíveis.

O hotel tem como particularidade básica a sua complexidade, advinda da diversidade programática e o facto de ter de funcionar ininterruptamente. A diversidade do programa decorre da grande quantidade de funções normalmente exercidas pelo hotel e do conjunto de actividades complementares que acontecem nas suas dependências. Além da sua função principal ou primordial de hospedagem, que pressupõe quartos confortáveis, bem dimensionados e equipados, somam-se actividades administrativas, comerciais, industriais, além de outras actividades relacionadas com recreação, lazer e produção de eventos. A complexidade de um hotel e as suas dimensões, necessitam de ser viáveis economicamente, assim, o projecto necessita de ter dimensionamentos correctos, favorecer as circulações geradas e exigidas pelos regulamentos.

As imensas especificidades de organização espacial que um hotel exige, concedem-lhe um forte carácter e identidade, uma vez que dificilmente poderá ser convertido para outro uso. O dinamismo no turismo tem demonstrado um grande crescimento nos últimos tempos, porém pouca é a informação existente para o planeamento e projecto de hotéis.

Neste sentido, o equipamento proposto é um hotel que funcione como motor de uma nova centralidade, polarizadora de novas dinâmicas. Devido às novas exigências sociais, reflectidas no grande crescimento do turismo, tornou-se pertinente a escolha deste equipamento, não só com a sua função principal para acomodação de visitantes, mas também para usufruto dos residentes no bairro e da cidade.

Como Luanda é uma cidade que actualmente se encontra em grande crescimento económico, estando a tornar-se cada vez mais desenvolvida e procurada por turistas, tomou-se a decisão de se desenvolver um equipamento com a finalidade de tornar o local atractivo

e útil. Assim, o programa proposto comporta uma diversidade de actividades e serviços.

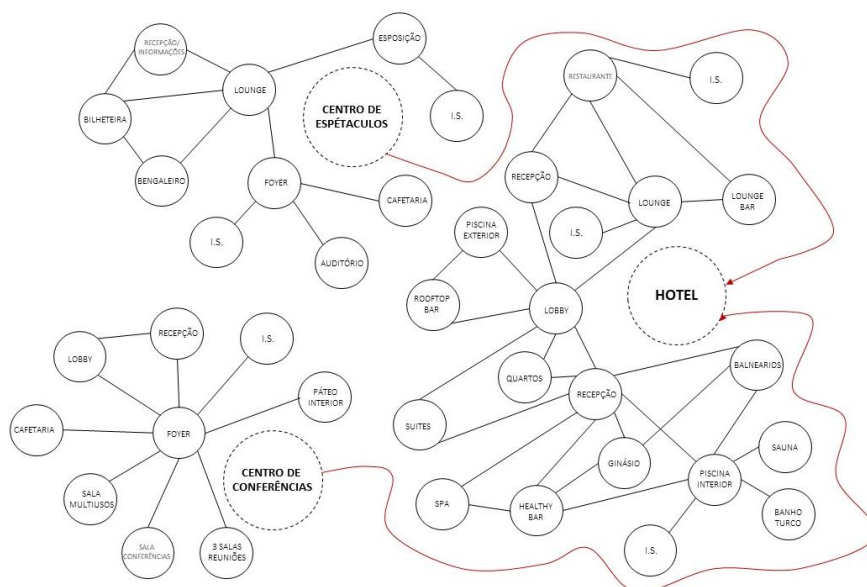
A localização de um hotel é um factor de extrema importância para qualquer hotel, no entanto a escolha do local depende das características do hotel que se quer projectar. Neste sentido, o local de implantação, do hotel projectado, foi escolhido em função: da sua acessibilidade, em que não exista congestionamento de trânsito; de fácil identificação, como uma imagem de marca da cidade; numa relação entre a cidade e o mar, proporcionando diferentes vivências; num extremo do Bairro, privilegiando de um equilíbrio entre o movimento e o sossego; na proximidade de equipamentos e serviços que estimulam também a dinamicidade e atractividade do lugar.

Ao projectar um hotel, existem aspectos importantes que devem ser primeiramente considerados e tidos em atenção no planeamento e organização do programa. A definição deste e a respectiva articulação dos espaços, é primordial na estruturação do projecto. Sendo que este abrange uma quantidade variável, mas sempre numerosa, de itens. Neste sentido definiu-se o seguinte programa:

HOTEL	CENTROS	ÁREAS DE SERVIÇO
Recepção hotel	Recepção	<i>Backoffice</i> hotel
Lobby	Lobby	Depósito de bagagem
I.S.	Foyer	Despensa
Lounge	Sala Baía (37 m ²)	Cozinha
Lounge Bar	Sala Prenda (46 m ²)	<i>Backoffice</i>
Restaurante	Sala Miramar (53,5 m ²)	Área Técnica
I. S. restaurante	Sala S. Miguel (53,5 m ²)	Arrumos
Quartos	Sala Chicala I (80 m ²)	Despensa
Suites	Sala Chicala II (107 m ²)	I.S. funcionários
Recepção	Sala Chicala III (146 m ²)	Sala funcionários
Balneários	I. S. (2)	I.S.
Sala de fitness	Bar	Apoio ao rooftop bar
Ginásio	lobby	Sala apoio a recepção
Spa	Recepção/Bilheteira	Arrumos
Bar fitness	Jardim interior	Coxia + circulação
Piscina interior	Espaço exposição	Camarim colectivo f
Sauna	I.S.	Camarim colectivo m
Banho turco	Foyer	Camarim individual
Terraço	Cafetaria	Salas ensaios
Piscina exterior	Terraço	Arrumos
Balneários	Auditório	Sala audiovisuais
Rooftop Bar	I.S.	Área técnica - palco

HOTEL		CENTROS
Secretaria	Tratamento roupa	Balneários
Administração	Armazém alimentos	Sala funcionários
Arquivo	Área Técnica	Copa
Balneários	Armazém hotel	Armazém/depósito
Sala funcionários	Segurança/portaria	Área Técnica
copa	Cais de descarga	
ESTACIONAMENTO		
115 lugares	10 lugares mota	8 lugares mobilidade reduzida

Definido o programa, foi então desenvolvido um organograma dos espaços públicos que o programa contém, no sentido de compreender as relações que estes devem estabelecer entre si. E de modo a articular os serviços que os complementam.



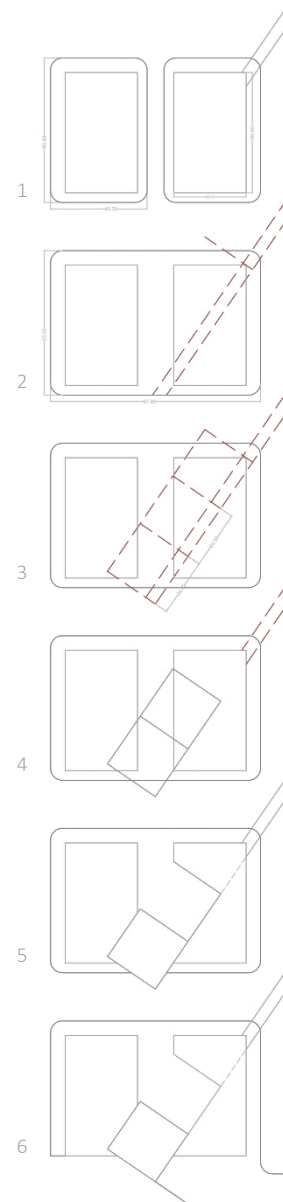
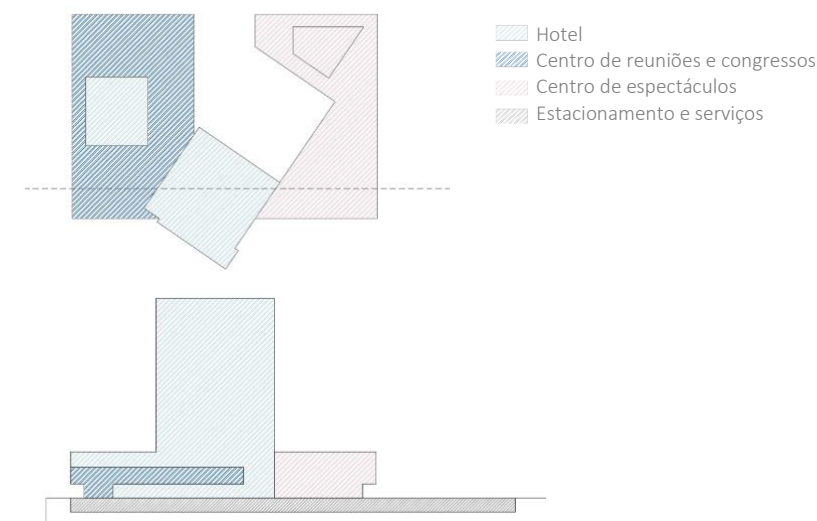
125| Organograma dos espaços públicos do hotel.

3.4.1 | HOTEL CHICALA: EDIFÍCIO DE EXCEPÇÃO

O Hotel Chicala é projectado como edifício icónico do novo centro urbano de Luanda. Composto por diferentes espaços, interiores e exteriores, este foi desenvolvido de acordo com um programa que corresponda a diferentes necessidades da população residente no bairro e fora dela, assim como turistas.

Como elemento de excepção foram agregados dois quarteirões, sendo a sua forma resultado da desmontagem desses mesmos quarteirões padrão, pelo rasgo da diagonal pedonal, que corta o edifício e o eleva originando uma enorme praça, marcada por uma torre. Esta atitude confere-lhe uma articulação e relação de continuidade entre o edifício e o espaço público.

O hotel comporta três núcleos: um centro de conferências, um centro de espectáculos e o próprio hotel (representados no organograma). Apesar de todos se interligarem, existe diferentes entradas não só para permitir um maior controlo, mas também para impedir aglomerados, assegurando uma maior comodidade tanto aos clientes hospedados como aos que não o estão e consequentemente facilitar o serviço.



127| Concepção do edificado. Esquema.

1. Quarteirões 40x60 m.
2. Agregação de dois quarteirões.
3. Intercepção da diagonal pedonal.
4. Métrica 24x24m
5. Resulta dois quadrados.
6. Convertidos no cheio e vazio – torre/Pátio.

126| Esquema dos núcleos programáticos.

Seguindo a diagonal pedonal chega-se primeiramente a um grande espaço coberto que por proporcionar sombreamento promove a permanência, aqui encontra-se a entrada do centro de espectáculos.

Ao caminhar para a entrada do mesmo, é logo perceptível as diferentes relações que o espaço interior sugere. As escadas são um elemento marcante que define uma personalidade ao espaço, percebendo-se desde o exterior o seu movimento, uma vez que estas *saem* do edifício. Ao entrar, além do elemento das escadas, já referido, que nos leva a um mezanino, também a inclinação da cobertura proporciona uma dinâmica ao espaço. Este é um amplo lobby de acesso ao bengaleiro, bilheteira e recepção, que culmina com um jardim interior com vista para o mar.

No primeiro piso tem-se acesso a um espaço amplo destinado a exposição e uma instalação sanitária de apoio. O segundo piso, dá acesso ao foyer, deste espaço tem-se acesso ao auditório, à cafetaria, e a um terraço, que tem ligação à cafetaria e à instalação sanitária.



128| Hotel Myriad Lisboa.

Em termos de serviços de apoio, no primeiro piso existe um elevador de carga que estabelece a ligação desde o piso -1 até ao último piso. A entrada dos funcionários é feita por este piso que dá acesso ao elevador de serviço e à secretaria, bengaleiro e bilheteira, que também têm espaços de apoio. O segundo e o terceiro piso suportam os espaços de apoio ao auditório, a coxia do palco, os camarins: um individual e 2 colectivos, áreas técnicas e sala polivalente de ensaios e outra de convívio.



129| Entrada exterior do hotel Myriad.

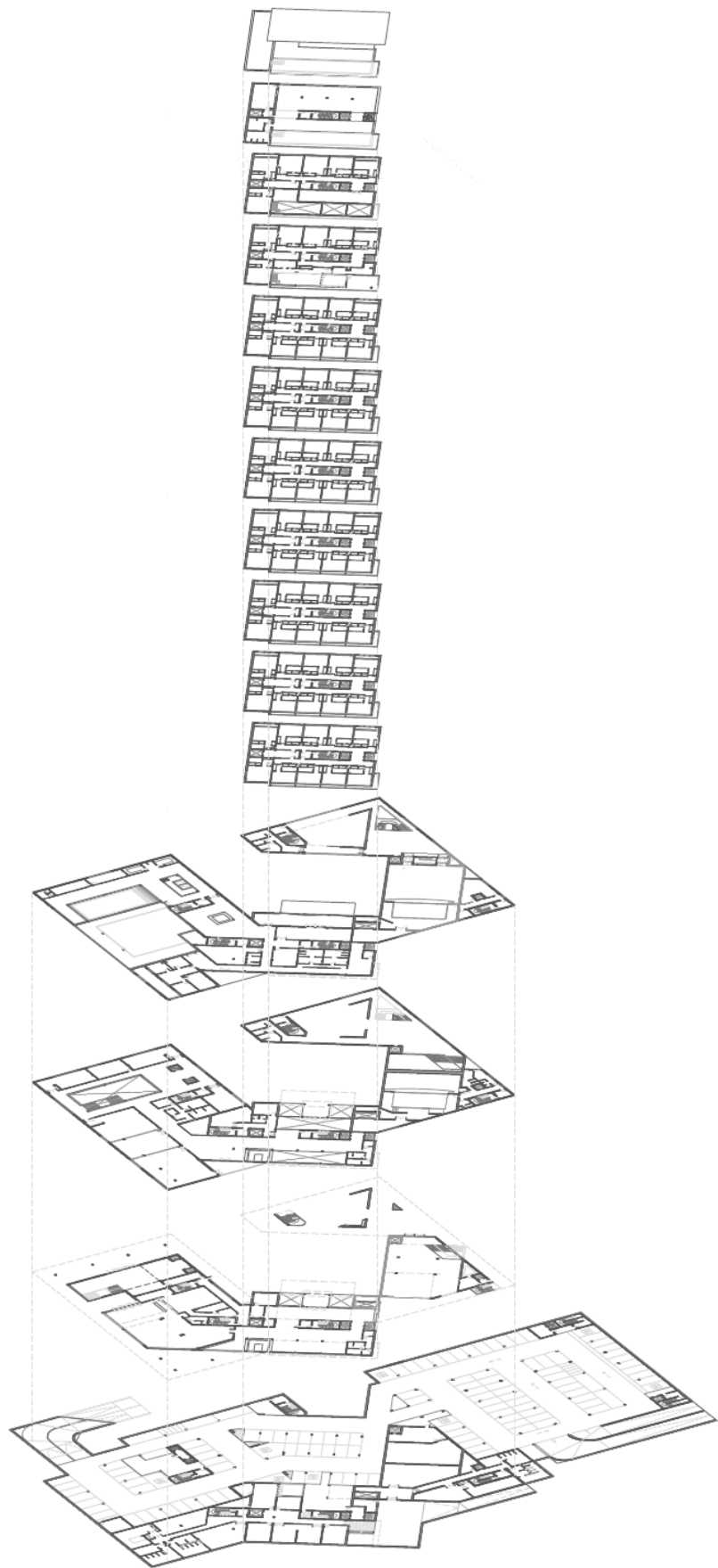
O Hotel possui uma praça na sua entrada, que possibilita um acesso mais directo, quer automóvel, quer pedonal. Essa praça é orientada pela diagonal pedonal, surge como o negativo da torre.

A entrada do hotel é evidenciada pelo seu pé-direito duplo e por duas palas onduladas, desalinhadas e de dimensões diferentes¹⁴⁰ e finalmente pela ponte que nos leva até ao lobby.

¹⁴⁰ A entrada do hotel Myriad foi uma referência neste elemento projectado.

O lobby é a das áreas que mais contribui para a imagem positiva ou negativa do hotel. Uma vez que é neste espaço que existe o primeiro e o último contacto dos hóspedes. Neste sentido, o lobby é marcado por um duplo pé-direito marcado pelo volume da circulação vertical, realçando a verticalidade, assim como o mezanino que rodeia esse mesmo volume e orienta nas opções de circulação, estando os elevadores à esquerda e a recepção à direita. Aqui experiênciam-se diferentes momentos: quando se entra sente-se a grande espacialidade que acolhe e dá uma certa monumentalidade ao momento de entrada, de seguida a cota baixa assim a largura da circulação, até entrar no lounge onde a cota volta a subir e se sente como uma libertação, numa vista para o mar. Além desta importância estética, o lobby assume uma mesma importância estratégica no funcionamento do hotel, uma vez que este incorpora a recepção e é principalmente o acesso às demais áreas públicas do hotel (Andrade, 2007: 55). O lounge, assume também essa dual importância estética e funcional, acrescida de comodidade e conforto. Uma vez que este espaço, pode ser assumindo como um complemento essencial do lobby, em que acomoda as pessoas hospedadas e recebe as que chegam ou esperam para sair. Constituído por uma zona de estar com um bar, é apresentado com uma agradável vista e com materialidades e mobiliário que lhe conferem uma familiaridade e conforto. Daqui tem-se acesso à esplanada exterior, sombreada pelo corte do edificado, assim como a entrada para o restaurante. Ambos têm acesso do exterior, podendo ser usufruídos por todos. Estes possuem também um contacto de proximidade com a água.

O segundo piso é composto pelo centro de conferências, este possui uma entrada exclusiva, apesar de ter acesso pelo hotel. A entrada é feita pelo volume mais próximo da água, tem um grande embasamento que lhe confere um agradável lugar de encontro, ao entrar apresenta-se um espaço amplo e desafogado com duplo pé-direito, onde se encontra a recepção mais comedida numa cota mais baixa, mas com materialidades que lhe concedem um destaque quando se entra. Ao subir contempla-se a vista para a Baía, pelos grandes vãos tanto no piso térreo como no segundo piso.



O foyer é marcado por um mezanino que tem uma cota mais baixa, uma vez que tem a piscina interior por cima, da mesma dimensão. Este piso tem quatro salas mais pequenas, por exemplo para reuniões, e uma grande sala que pode ser transformada em duas ou três. Tem também um bar/cafetaria e um jardim interior.

O terceiro piso é destinado ao relaxamento e lazer, incorpora um ginásio e uma sala de fitness; uma zona de spa, para massagens e terapias. Tem um bar que dá para um terraço, com espaços verdes e zonas de estar. Este também tem acesso à zona da piscina interior, com sauna, banho turco e jacúzi.

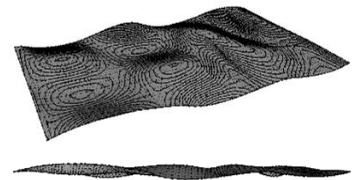
A torre contém os 80 quartos e 4 suites. Os quartos virados para a mar, tem uma varanda que lhes confere uma agradável vista e tranquilidade. Os outros estão virados para o bairro, e possuem duas variantes, os da ponta tem um espaço exterior aberto pontualmente, enquanto os outros possuem um vão horizontal ondulado, que lhe confere uma dinâmica.

Na cobertura, vivencia-se a dualidade água/terra, de um lado a piscina virada para o mar e do outro um espaço de estar provido de um bar virado para o bairro e para a cidade.

Coberto por uma pala ondulante¹⁴¹ que lhe confere um destaque, uma imagem que marca o edifício e lhe dá uma identidade própria, o Hotel Chicla foi projectado como um edifício de excepção no Bairro da Chicla, uma referencia não só para o Bairro mas também para a cidade.



¹⁴¹ Como referencia foi estudada a pala do Museu Rio de Janeiro.



130| Estudo da pala de cobertura.

131| Museu de Arte do Rio de Janeiro, Brasil.

Este documento contém 22 775 palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poder simbólico da área central da cidade está associado a uma imagem positiva de densidade, onde se mostra mais intensamente condição de urbanidade de um lugar. Este lugar, reconhecido não só pelos residentes, mas também pelos visitantes demonstra a justaposição da densidade e da variedade. Neste sentido, a centralidade é um espaço fundamental de relações, de comunicação, que por conseguinte compota o espaço público, como seu estruturante. Hoje, as cidades são marcadas por processos de reestruturação, assente sobretudo numa logica de acessibilidade e descentralização, de multiactividades e de coexistência de diferentes usos num mesmo lugar.

Neste sentido, com o desenvolvimento do presente Projecto Final de Mestrado e a partir do estudo da cidade e centralidade assente na valorização e qualidade do espaço público, procurou-se desenvolver um redesenho coerente que responda às necessidades do Bairro proposto, numa articulação com a cidades.

Como a vitalidade de um espaço ao longo do tempo depende essencialmente da diversidade de funções que o mesmo possui, foi tida em conta a necessidade de inserir uma acentuada multifuncionalidade no espaço intervencionado, principalmente através da projecção de um hotel que promova essa vitalidade e atractividade.

Partindo da análise das características e das carências na cidade de Luanda, elaborou-se um projecto urbano, no qual o espaço público foi o elemento fulcral e cuja transformação proposta permite que este passe a ser o elemento agregador.

Foram sempre tidas em conta, ao longo de todo o projecto, a coesão e a inclusão social, sendo que, para tal se pensou a adaptabilidade e multifuncionalidade do espaço público em coexistência com o hotel. Utilizaram essas duas variáveis como elementos integradores e criadores de conforto, segurança, atractividade através de uma (re)imagem da cidade, tentando responder às necessidades da população residente e visitante.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Fernando Manuel Brandão. *Avaliação da qualidade do espaço público urbano: proposta metodológica*. Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a ciência e Tecnologia. Lisboa, 2003.

AMARAL, Ilídio. *Luanda: estudo de geografia urbana*. Edições Colibri. Lisboa, 1999.

ANGULO, J. V. *Los Procesos de Urbanización*. Editorial Síntesis. Madrid, 1991.

AYMONINO, Carlo. *O significado das cidades*. Editorial Presença. Lisboa, 1984.

ASCHER, François. *Metapolis. Acerca do Futuro da cidade*. Celta Editora. Oeiras, 1998.

ASCHER, François. *Novos Princípios do Urbanismo: seguido de Novos Compromissos Urbanos*. Edição Livros Horizonte. Lisboa, 2012.

AZEVEDO, A.; **MAGALHÃES** D.; **PEREIRA** J. *City Marketing – Myplace in XXI*. Vida Económica – Editorial, SA. Porto, 2010.

BATALHA, Fernando. *Angola: arquitectura e história*. Veja Editora. Lisboa, 2006.

BORJA, Jordi; **MUXI**, Zaida. *El espacio público: ciudad y ciudadanía*. Electa. Barcelona, 2003.

CHOAY, Françoise. *A Regra e o Modelo, Sobre a teoria da arquitectura e do urbanismo*. Caleidoscópio. Lisboa, 2007.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do património*. Colecção arte & comunicação. Edições 70. Lisboa, 2010.

COELHO, Carlos D. *Cadernos de morfologia urbana: estudos da cidade portuguesa: Os elementos urbanos*. Argumentum. Lisboa, 2013.

COELHO, Carlos D. *Cadernos de morfologia urbana: estudos da cidade portuguesa: O tempo e a forma*. Argumentum. Lisboa, 2014.

HILLIER, Bill. *Centrality as a process: accounting for attraction inequalities in deformed grids*. Urban Design International, vol. 4. 1999.

HILLIER, Bill. *A theory of the city as object: or, how spatial laws mediate the social construction of urban space*. Urban Design International, Vol. 7. 2002.

FERNANDES, José Manuel. *Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa. Edição Caleidoscópio. 2011.

FERRAZ, Susana. *Espaço Público de Luanda, Património Arquitectónico*. Dissertação de Mestrado: FAUP. Porto, 2005.

FONTE, Maria Manuela da. *Urbanismo e Arquitectura em Angola: de Norton de Matos à Revolução*. Dissertação de Doutoramento em Planeamento Urbanístico: FAUTL. Lisboa, 2007.

FONTE, Manuela. *Urbanismo e Arquitectura em Angola*. Caleidoscópio: CIAUD. Lisboa, 2012.

GUERREIRO, Rúben. *Branding Urbano. A revitalização urbana na construção da identidade da cidade*. Projecto de Mestrado em Arquitectura e urbanismo. FAUTL. Lisboa, 2013.

JENCKS, Charles. *Iconic Building. The power of enigma*. Francis Lincoln. Londres, 2005.

LAMAS, António. Morfologia urbana e desenho da cidade. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a ciência e a tecnologia. Lisboa, 2000.

LAMAS, José. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Lisboa, 2004.

LEGATES, Richard; **STOUT**, Frederic. *The city reader*. Routledge. Londres, 2000.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Colecção arte & comunicação. Edições 70. Lisboa, 1996.

LYNCH, Kevin. *A boa forma da cidade*. Colecção arquitectura & urbanismo. Edições 70. Lisboa, 1999.

LOURO, Margarida; **OLIVEIRA**, Francisco. *Casas para um Planeta Pequeno: Projecto Angola Habitar XXI*. Edições Pixelrint. Lisboa, 2009.

MARTINS, Isabel; **MOREIRA**, Paulo. *Xicala: história e urbanidade de um Bairro de Luanda*. Porto, 2015.

MILHEIRO, Ana Vaz. *Nos Trópicos Sem Le Corbusier: Arquitectura Luso-Africana no Estado Novo*. Relógio D'Água Editores, 2012

MORAIS, João Sousa. *Metodologia de Projecto em Arquitectura*. Editora Estampa. Lisboa, 1995.

MOREIRA, Paulo. *Chicala não é um bairro pequeno*. Edição de autor. Porto, 2012.

MUMFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. Martins Fontes. São Paulo, 1998.

NARCISO, C. A. F. *Espaço público: desenho, organização e poder: o caso de Barcelona*. Dissertação Mestrado em Estudos Urbanos. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2008.

QUINTÃ, Margarida. *Arquitectura e Clima, Geografia de um Lugar: Luanda e a obra de Vasco Vieira da Costa*. Luanda, 2009.

PARK, Robert; **BURGESS**, Ernest. *The City: Suggestions for Investigation of Human Behavior in the Urban Environment*. The University of Chicago Press. Chicago, 1984

PORTAS, Nuno. *A cidade como arquitectura*. Livros Horizonte. Lisboa, 1969.

REMY, Jean; **VOYÉ**, Liliane. *A cidade: rumo a uma nova definição*. Edições Afrontamento. Porto, 1994.

ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Edições Cosmos. Lisboa, 2011.

SMITH, Andrew. *Reimagining the City: The Impact of Sport Initiatives on Tourists' Images of Urban Destinations*. PhD dissertation. Sheffield Hallam University/ University of Sheffield. 2002.

SMITH, Andrew. *Conceptualizing City Image Change: The 'Re-Imaging' of Barcelona*. Tourism Geographies, Vol. 7, No. 4, 2005.

SOLÀ-MORALES, Manuel. *Las Formas de Crecimiento Urbano*. Edicions UPC. Barcelona, 2003.

SOUSA, Cláudia Azevedo. *Do cheio para o vazio – metodologia e estratégia na avaliação de espaços urbanos obsoletos*. Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Lisboa, 2010.

TÁVORA, Fernando. *Da Organização do Espaço*. FAUP Publicações. Porto, 2006.

VIANA, David Leite. *Cidade Africana - urbanismo (in)formal: uma abordagem integrada e sistémica*. Congresso Ibérico de Estudos Africanos. Lisboa, 2010.

VIEGAS, Sílvia. *Luanda, cidade (Im)previsível? Governação e transformação urbana habitacional: paradigmas de intervenção e resistências no novo milénio*. Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Tese de Doutoramento em Arquitectura. Lisboa, 2015.

REVISTAS E ARTIGOS

ALMEIDA, João. *Edifícios icônicos como lugares de pluralidades?* ENANPARQ: Encontro Nacional de Pesquisa e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, 2010. (Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvdenanparq/simposios/106/106-628-1-SP.pdf>).

BORJA, Jordi. *Espaço público, condição da cidade democrática. A criação de um lugar de intercâmbio.* *Arquitextos*, 72. 2006 (Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/353>).

FERNANDES, José. *Cadernos de Doutorado em Geografia*, nº 2. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Julho, 2010.

FREIRE, J. R. *Geo-branding, are we talking nonsense?* A theoretical reflection on brands applied to places. 2005. (versão electrónica) acesso em _____ Agosto _____ 2017. http://www.brandiacentral.com/imagens/think_tank/geobranding_arewetakingsense.pdf

GAIO, S. e GOUVEIA, L. *O Branding Territorial: uma abordagem mercadológica à Cidade.* *Revista A Obra Nasce*. Edições UFP. Porto, 2007, pp. 27-36. (Consultado em Agosto 2017 in http://homepage.ufp.pt/lmbg/com/brandingterrit_obranasce07.pdf).

HASSENPFUG, Dieter. *Sobre centralidade urbana.* *Vitruvius: Arquitextos*. 085. 2007 (Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.085/235>).

SERAPIÃO, Fernando. Márcio Kogan e Isay Weinfeld: Hotel Fasano. Simetria, Refinamento e Austeridade. *Revista Projeto Design*. Edição 288 (Disponível em: <https://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/marcio-kogan-e-isayweinfeld-hotel-fasano-06-02-2004>).

MUÑOZ, Francisco. *Pasado y futuro de la Barcelona territorio: La razón en la ciudad: el Plan Cerdà.* *Barcelona Metropolis: Revista de información y pensamiento urbano.* Barcelona, 2009. (Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/artpub/2009/166574/barmet_a2009n76p46.pdf).

MUXI, Zaida. *Episódios da transformação urbana de Barcelona.* *Revista Arqtexto*. Porto Alegre, v. 17.2010.

PORTAS, Nuno. *Noíças soore a intervenção na cidade existente*. "Sociedade e Território, nº 2. Porto, 1985.

PORTAS, Nuno. *Viver na cidade*. Viver (n)a Cidade. LNEC, ISCTE. Lisboa, 1990.

PORTAS, Nuno. *Espaço público e cidade emergente*. Catálogo da exposição "A arquitectura do espaço público", triennale di Milano. Milano, 1997.

PORTAS, Nuno. *Depoimento de Nuno Portas. Secretário de Estado da Habitação no 1º e 2º Governo Constitucionais*. Entrevista de António Fonseca Ferreira. Sociedade e Território, nº 33. Porto, 2002

RAPOSO, Isabel. *Cidades Africanas*. Ur Cadernos FAUTL, nº 5. Artes Gráficas. Lisboa, 2005.

SOLÀ-MORALES, Manuel. *Espaços públicos/Espaços colectivos*. In Urbanismo, nº 4. Lisboa, 1999.

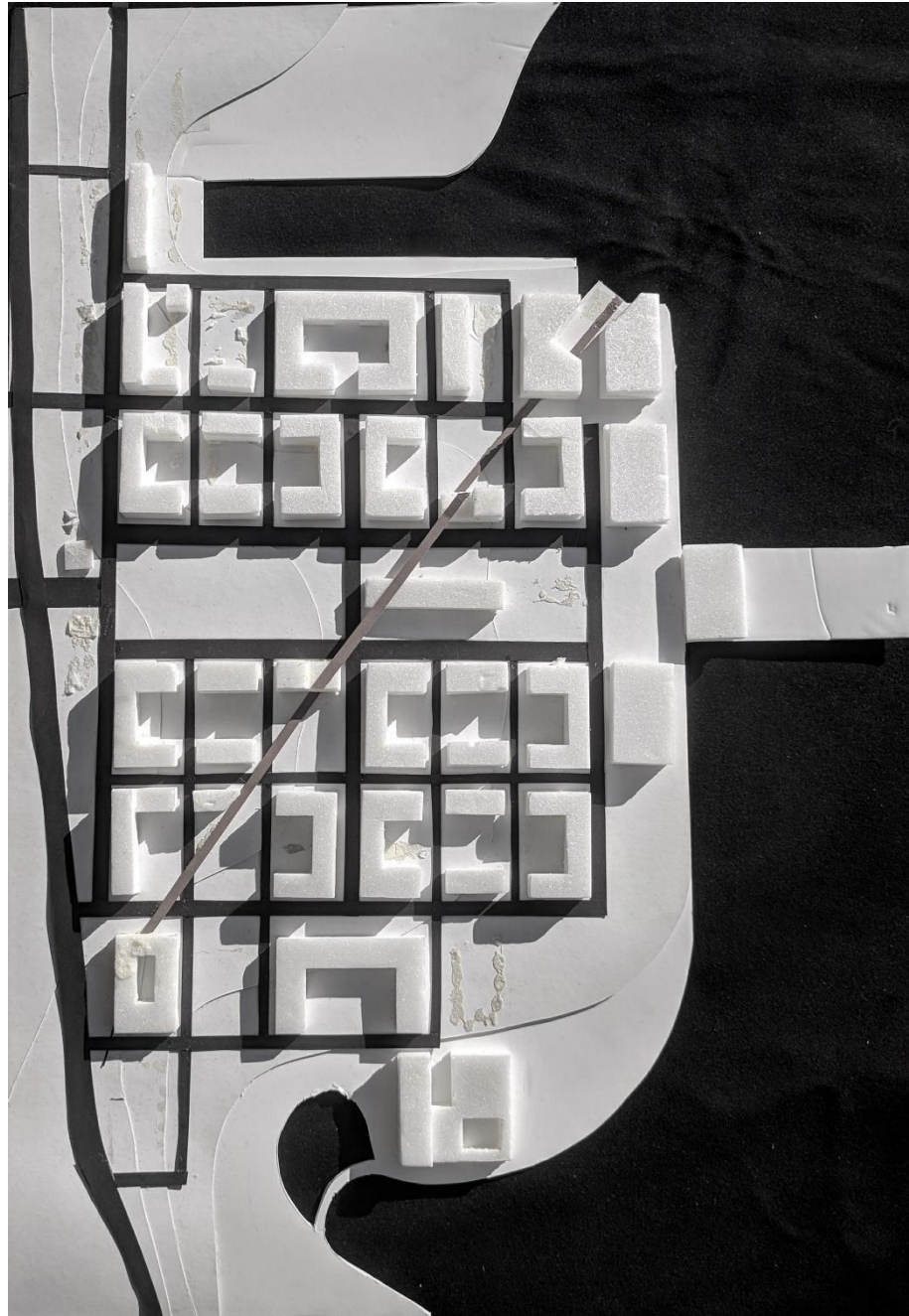
SOUZA, Eliana. *Elegance and luxury at Fasano hotel, São Paulo*. Blog Brazil Business Tourism. São Paulo, 2013 (Disponível em: <http://brazilbusinesstourism.blogspot.pt/2013/09/elegance-and-luxury-atfasano-hotel-in.html>).

SPOSITO, M.E.B. *O Centro e as formas de expressão da centralidade urbana*. Revista de Geografia. UNESP. São Paulo, 1991.

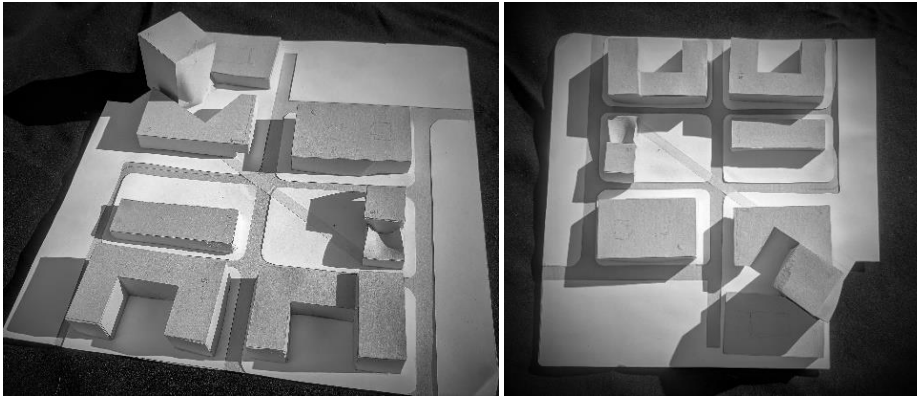
2C. *Construcción de la ciudad*. Nº 6-7. Editorial Gustavo Gili S.A. Barcelona, 1977. (Disponível em: <https://issuu.com/faximil/docs/1977-2c-06-07>).

ANEXOS

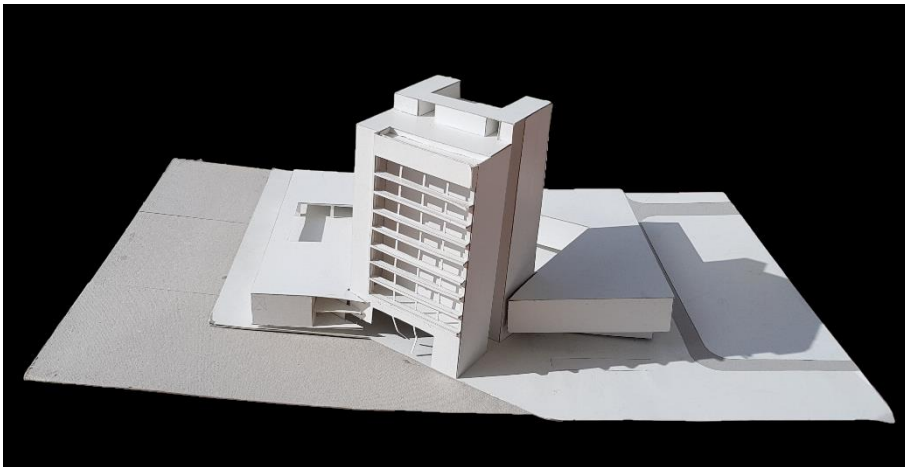
i MAQUETES DE ESTUDO	160
ii MAQUETES FINAIS	162
iii PAINEIS FINAIS	170



132 | Última maquete de estudo do plano urbano.

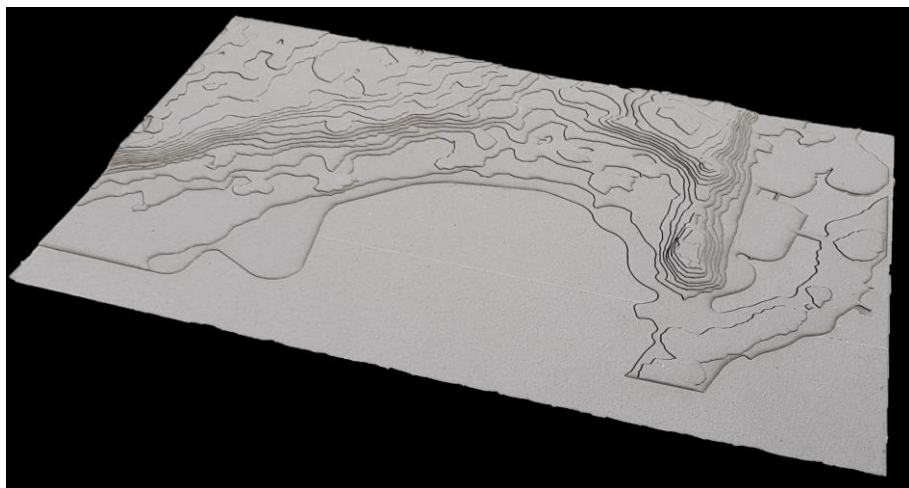


133| *Maquete de estudo hotel e envolvente.*



134| *Maquete de estudo do hotel. Escala 1:200.*

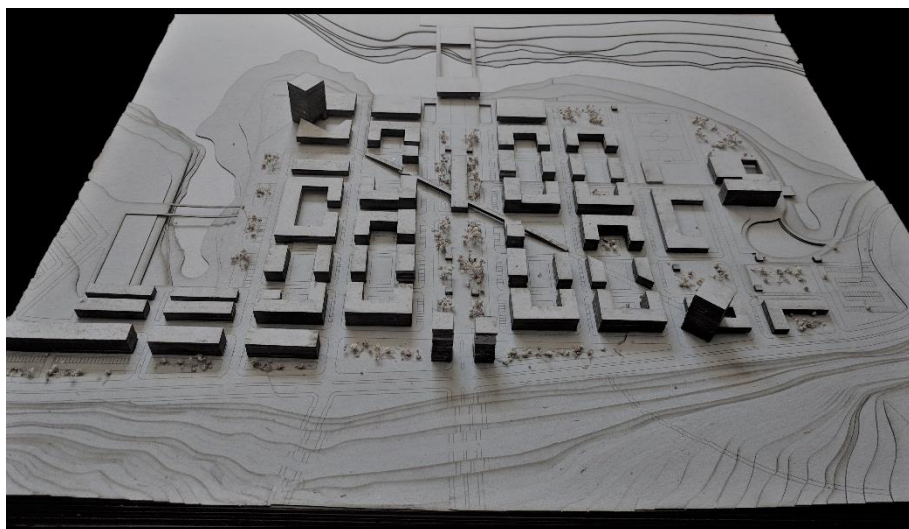
135| Maquete da cidade de Luanda.
Escala 1:5000

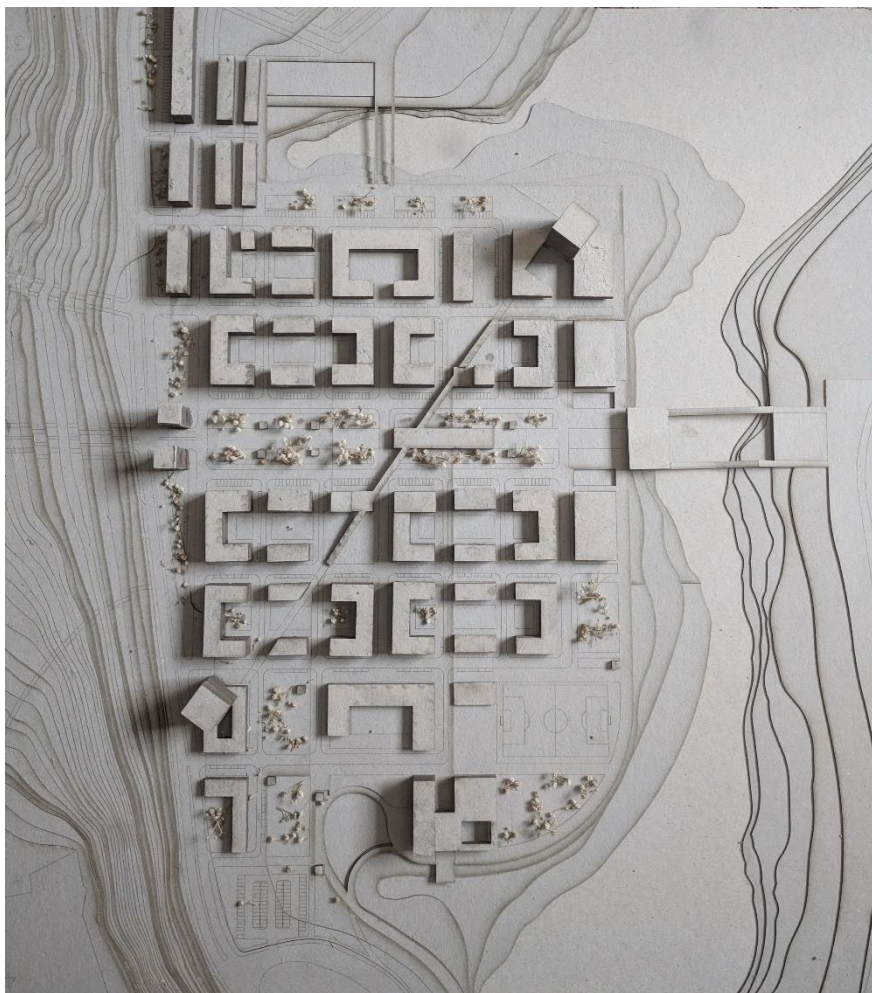


136| Maquete da Chicala com a envolvente.
Escala 1:1000.

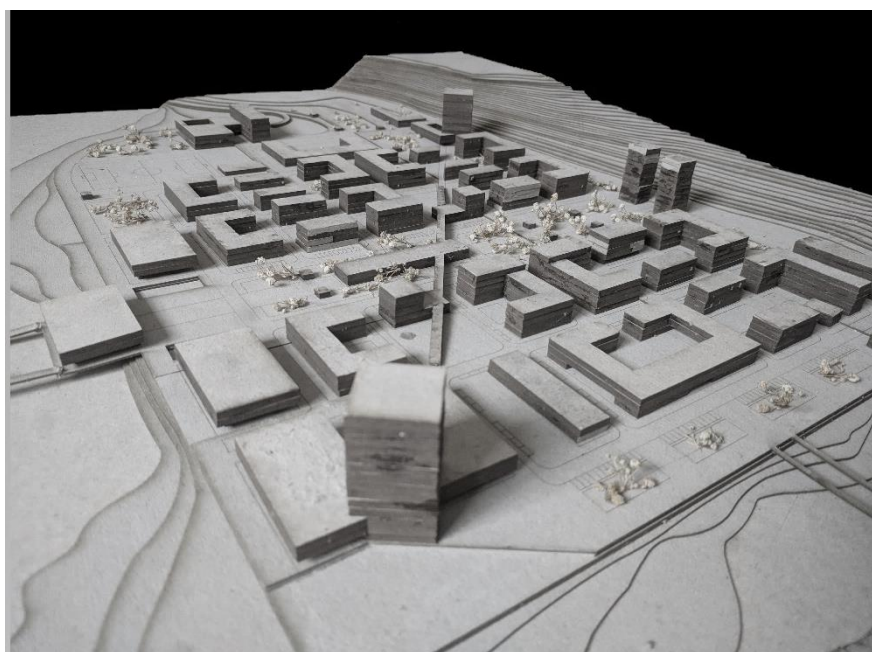


137| Maquete da proposta urbana para o
Bairro da Chicala. Escala 1:1000.



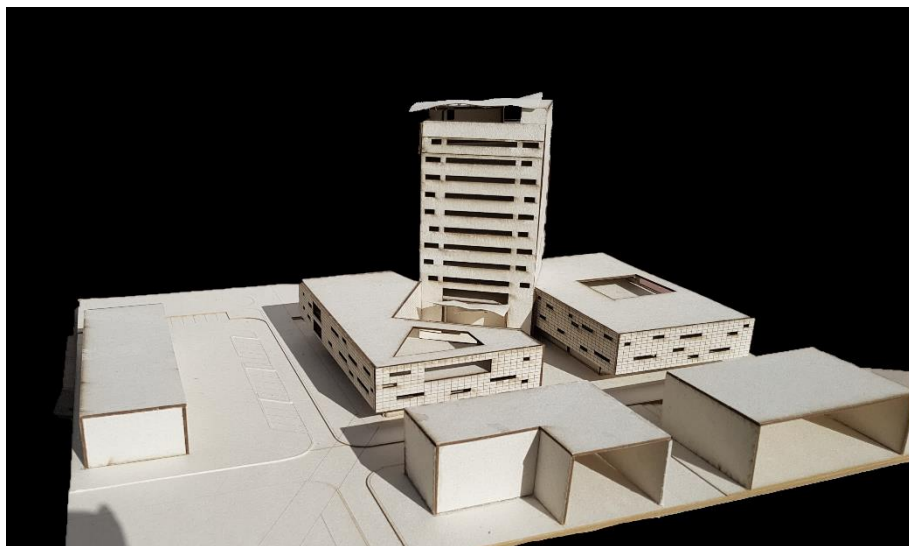


138| Maquete da proposta urbana para o Bairro da Chicala. Escala 1:1000.

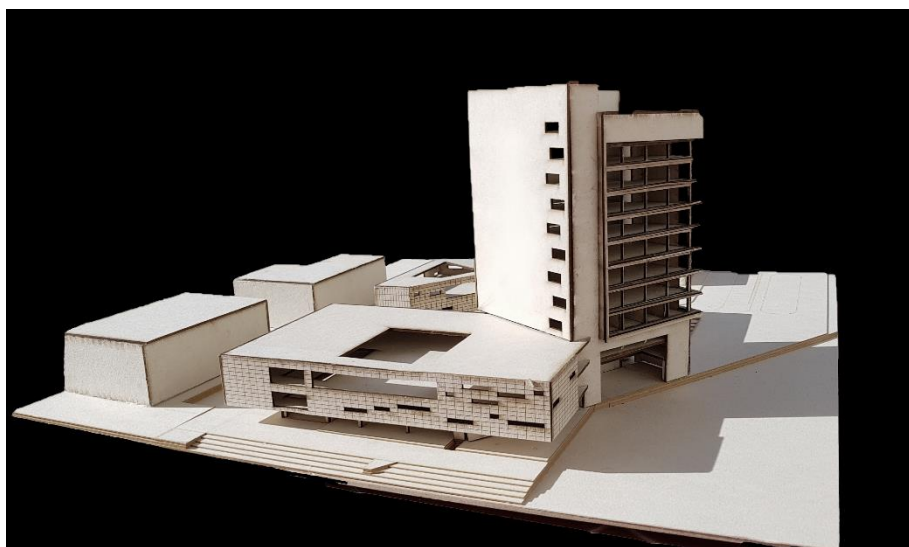


139| Maquete da proposta urbana para o Bairro da Chicala. Relação do Hotel com o Centro Cultural através da diagonal pedonal. Escala 1:1000.

140 | Maquete do Hotel. Escala 1:200.



141 | Maquete do Hotel. Escala 1:200.

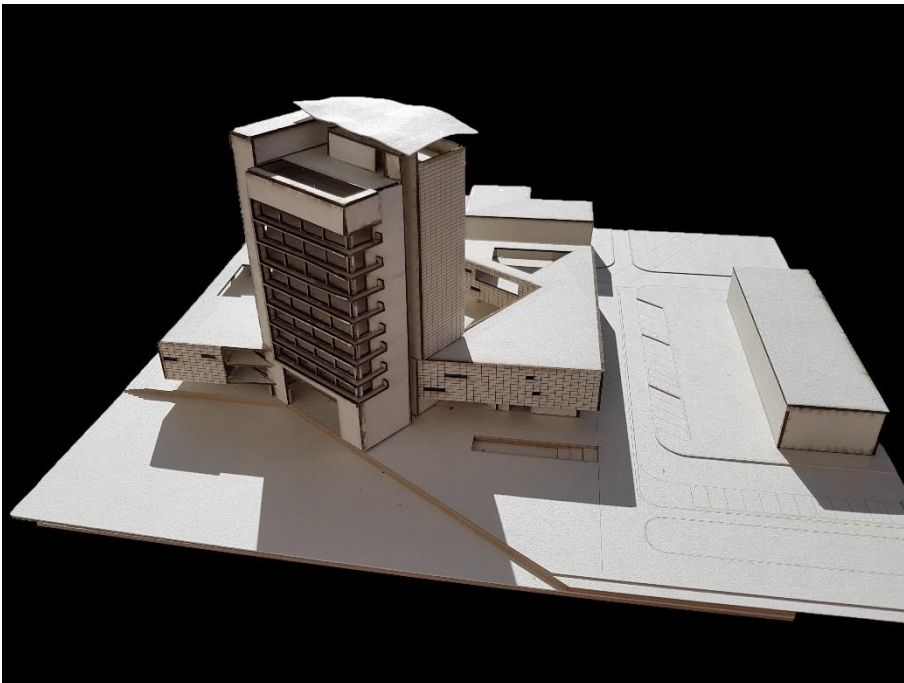


142 | Maquete do Hotel. Escala 1:200.

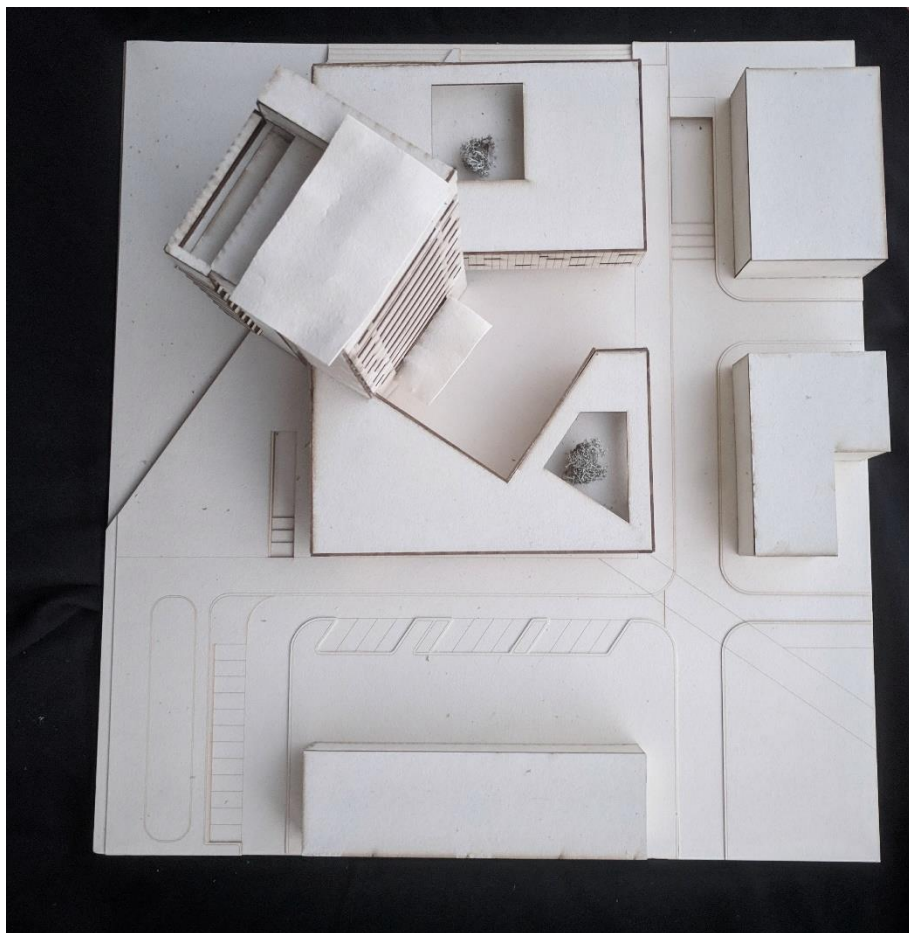




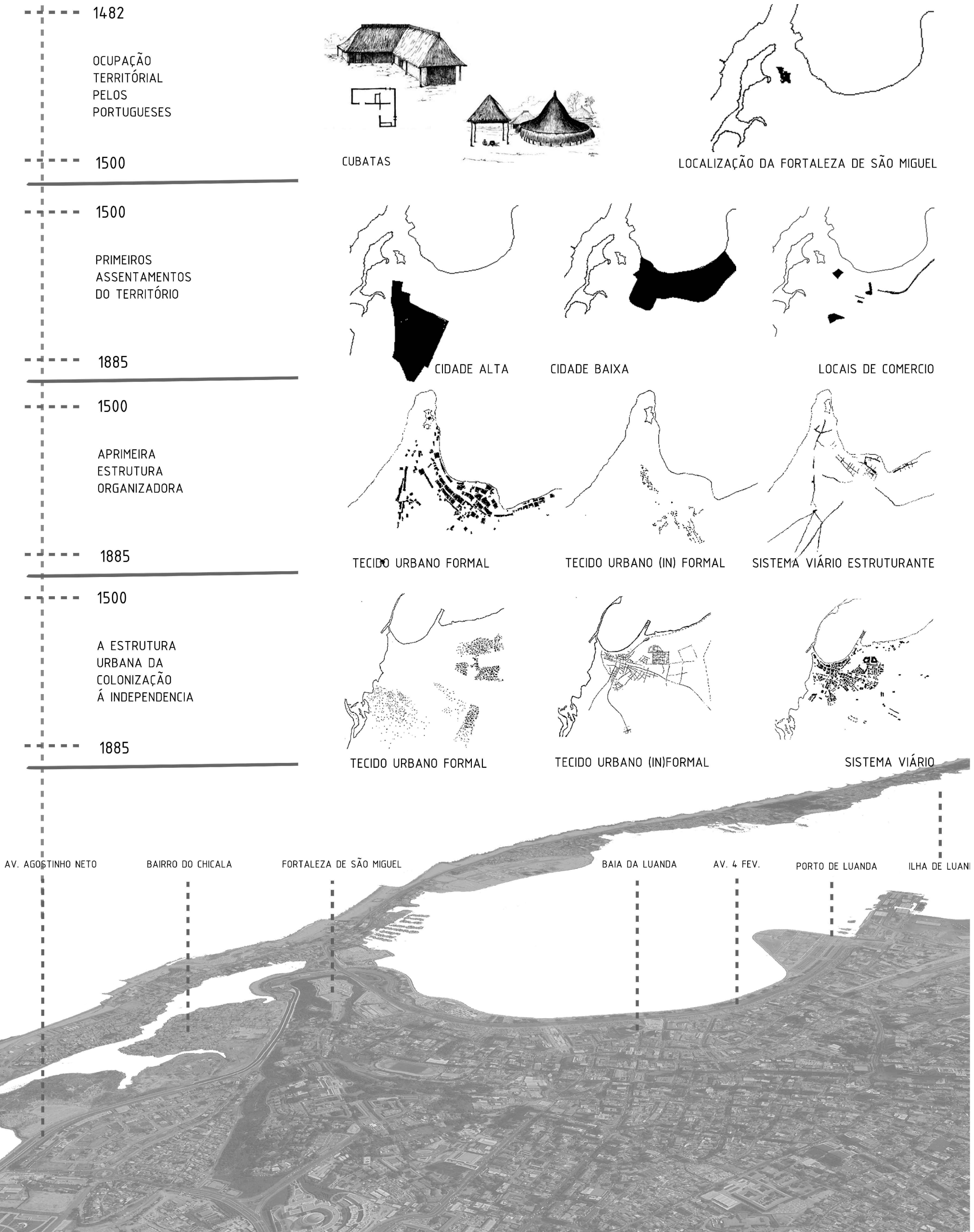
144 | Maquete do Hotel. Escala 1:200.



143 | Maquete do Hotel. Escala 1:200.

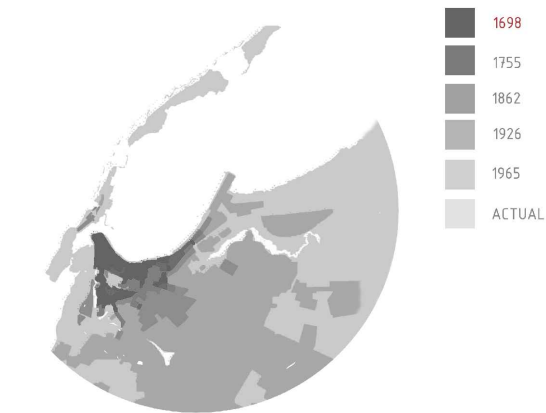
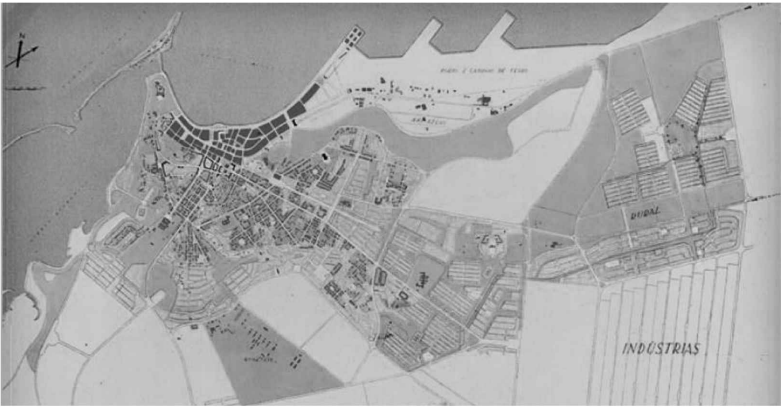


145 | Maquete do Hotel. Escala 1:200.



LUANDA
A MUTAÇÃO DA CIDADE

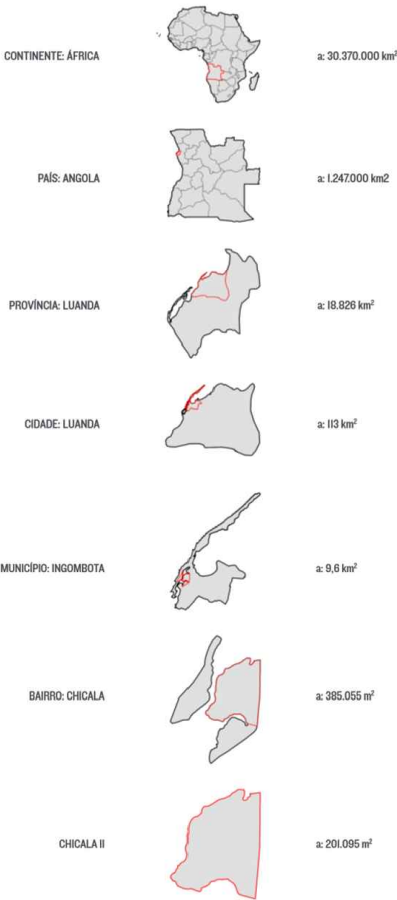
A CIDADE EM MUTAÇÃO
UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA



EVOLUÇÃO DA MANCHA DE MUSSEQUES

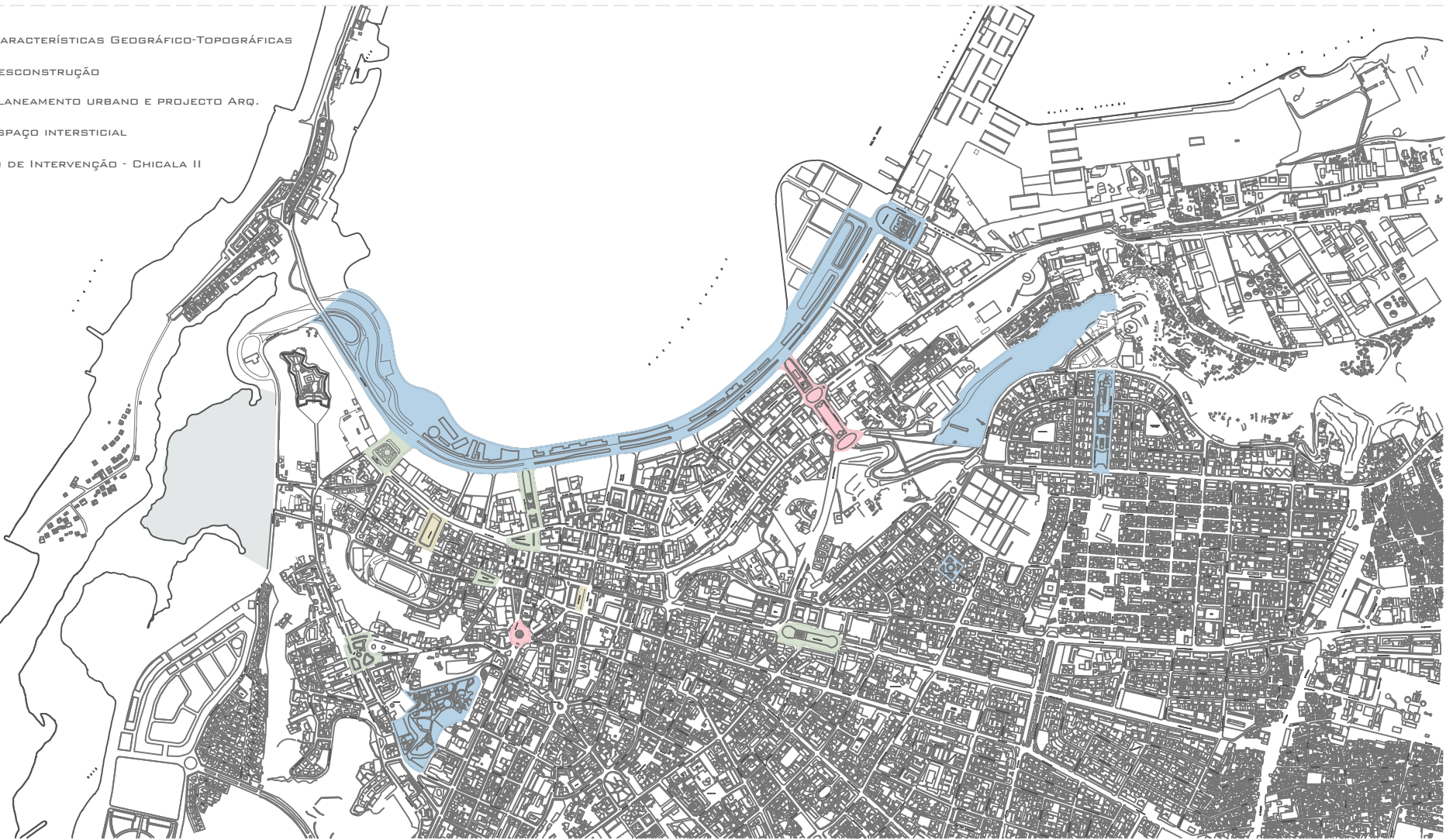


FORMAL VS INFORMAL



BAIA DE LUANDA

- TIPO 1 - CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICO-TOPOGRÁFICAS
- TIPO 2 - DESCONSTRUÇÃO
- TIPO 3 - PLANEAMENTO URBANO E PROJECTO ARQ.
- TIPO 4 - ESPAÇO INTERSTICIAL
- TERRITÓRIO DE INTERVENÇÃO - CHICALA II



O BAIRRO
CHICALA: UMA NOVA CENTRALIDADE

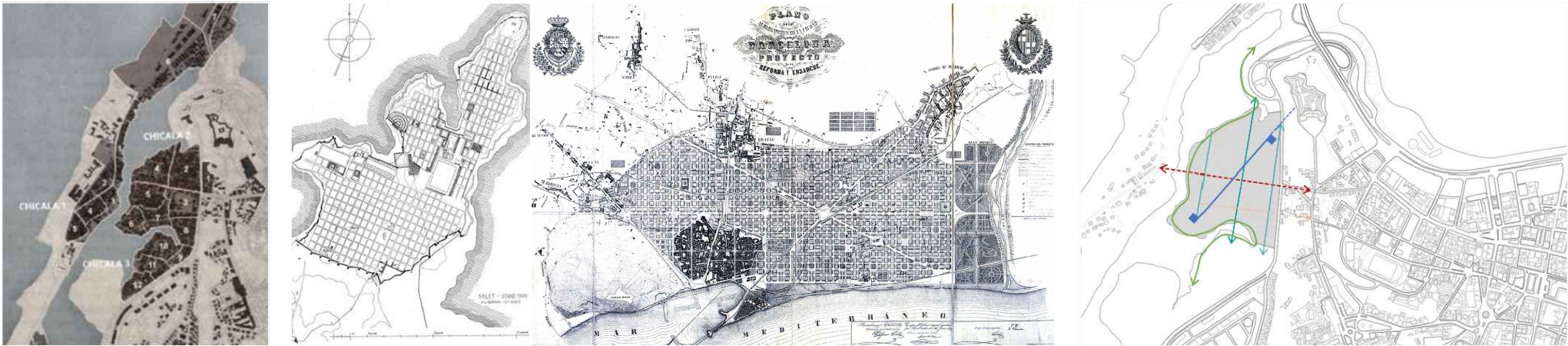
A CIDADE EM MUTAÇÃO
UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA



EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA DA CHICALA



EVOLUÇÃO DA CHICALA



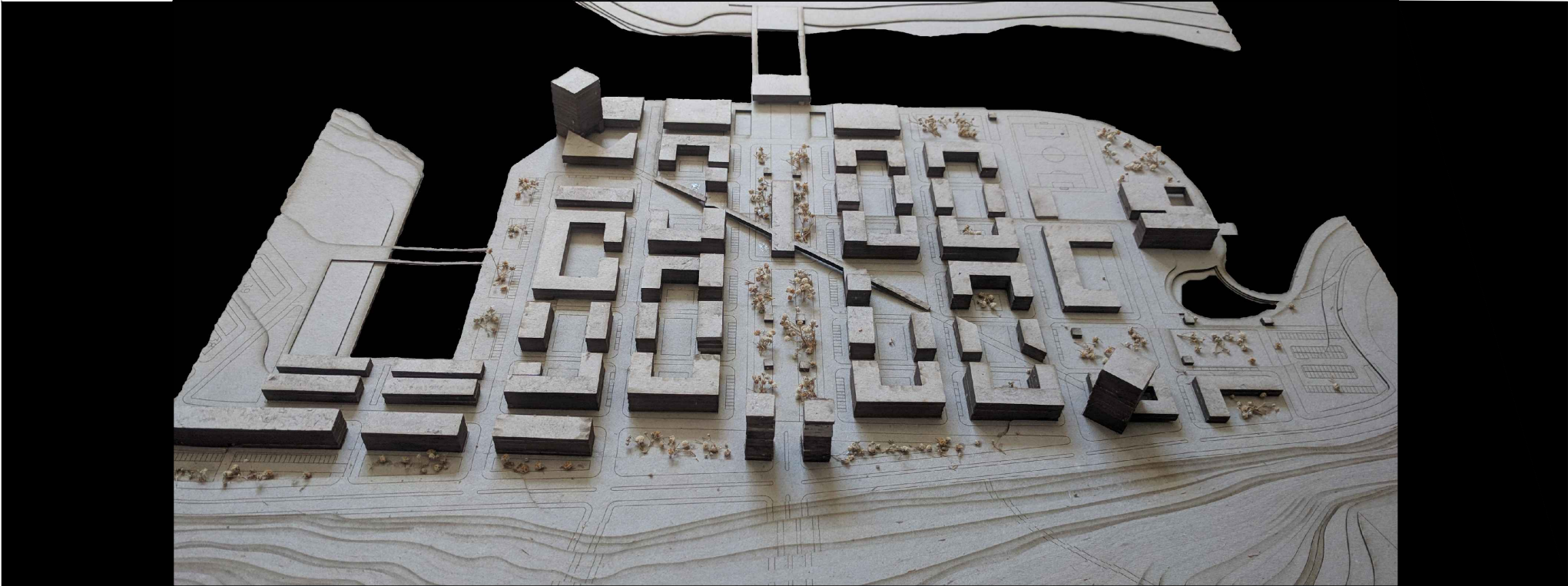
BAIRRO DA CHICALA - TRIÁDE

PLANO DE MILETO

PLANO DE Cerdá, BARCELONA

EIXOS ESTRUTURANTES DO PLANO PROJECTADO

MAQUETE PROPOSTA URBANA CHICALA



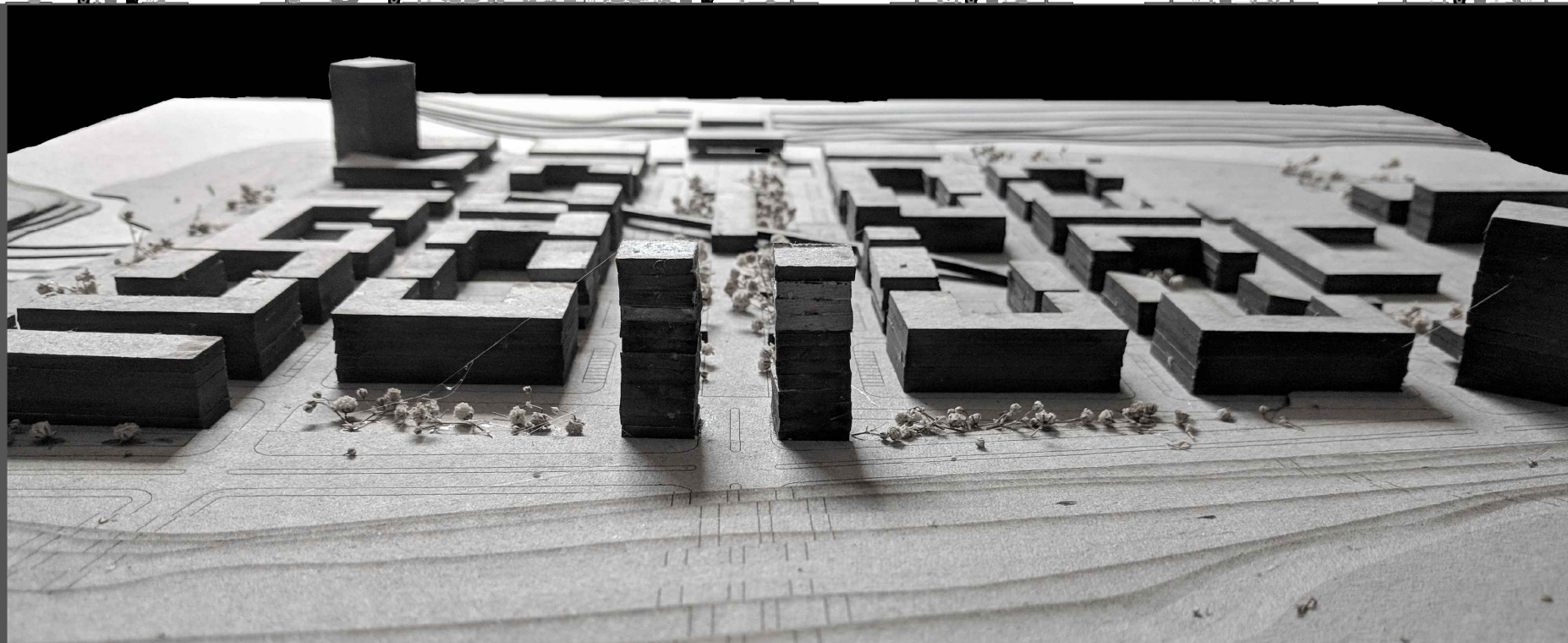


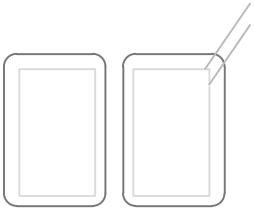
ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO CHICALA: UMA NOVA CENTRALIDADE

A CIDADE EM MUTAÇÃO
UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA

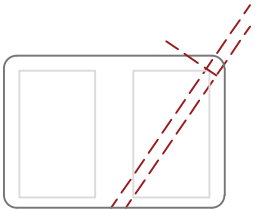
3

PLANTA DE COBERTURA

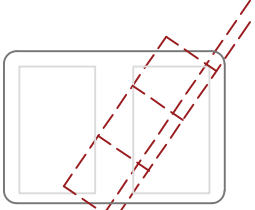




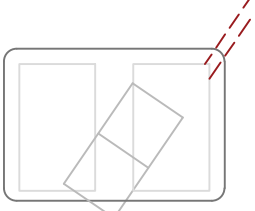
QUARTEIRÕES PADRÃO 60x40



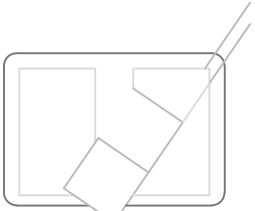
AGREGAÇÃO DE DOIS QUARTEIRÕES.
INTERSECÇÃO DA DIAGONAL PEDONAL



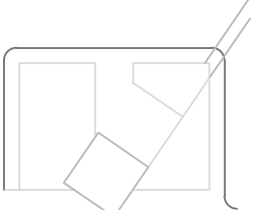
ESTUDO DA MÉTRICA GERADA PELA
INTERSECÇÃO DA DIAGONAL PEDONAL
COM O EDIFÍCIO.



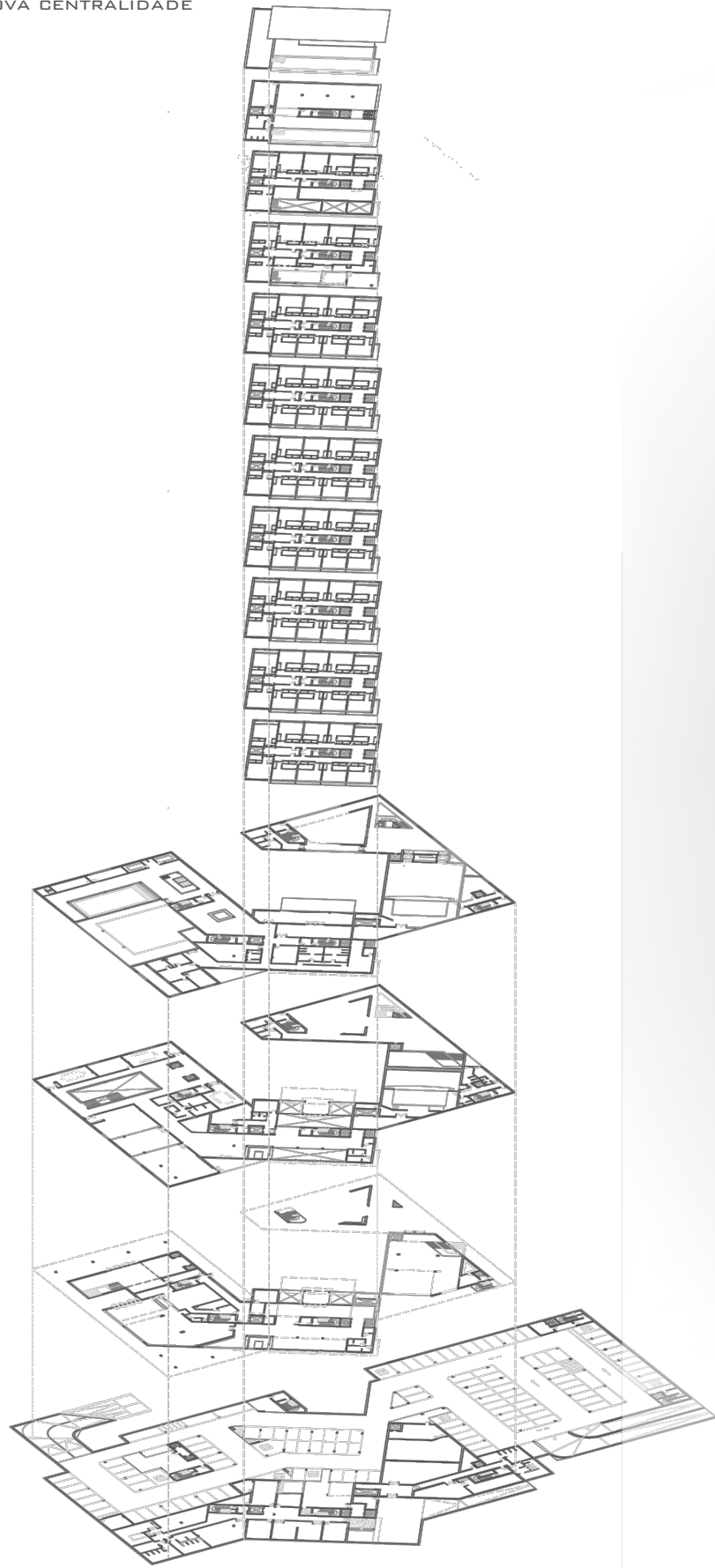
MÉTRICA GERADA PELA DIAGONAL
PEDONAL: 24x24



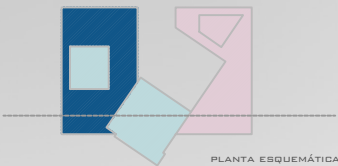
VOLUMETRIA GERADA, O CHEIO E O
VAZIO: 24x24.



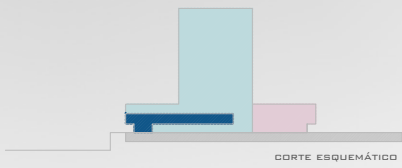
CONCEPÇÃO DO EDIFÍCIO DE EXCEPÇÃO



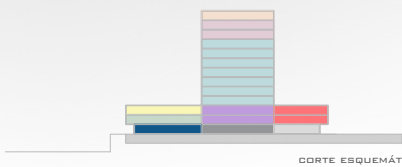
PLANTA PISO -1



PLANTA ESQUEMÁTICA



CORTE ESQUEMÁTICO



CORTE ESQUEMÁTICO

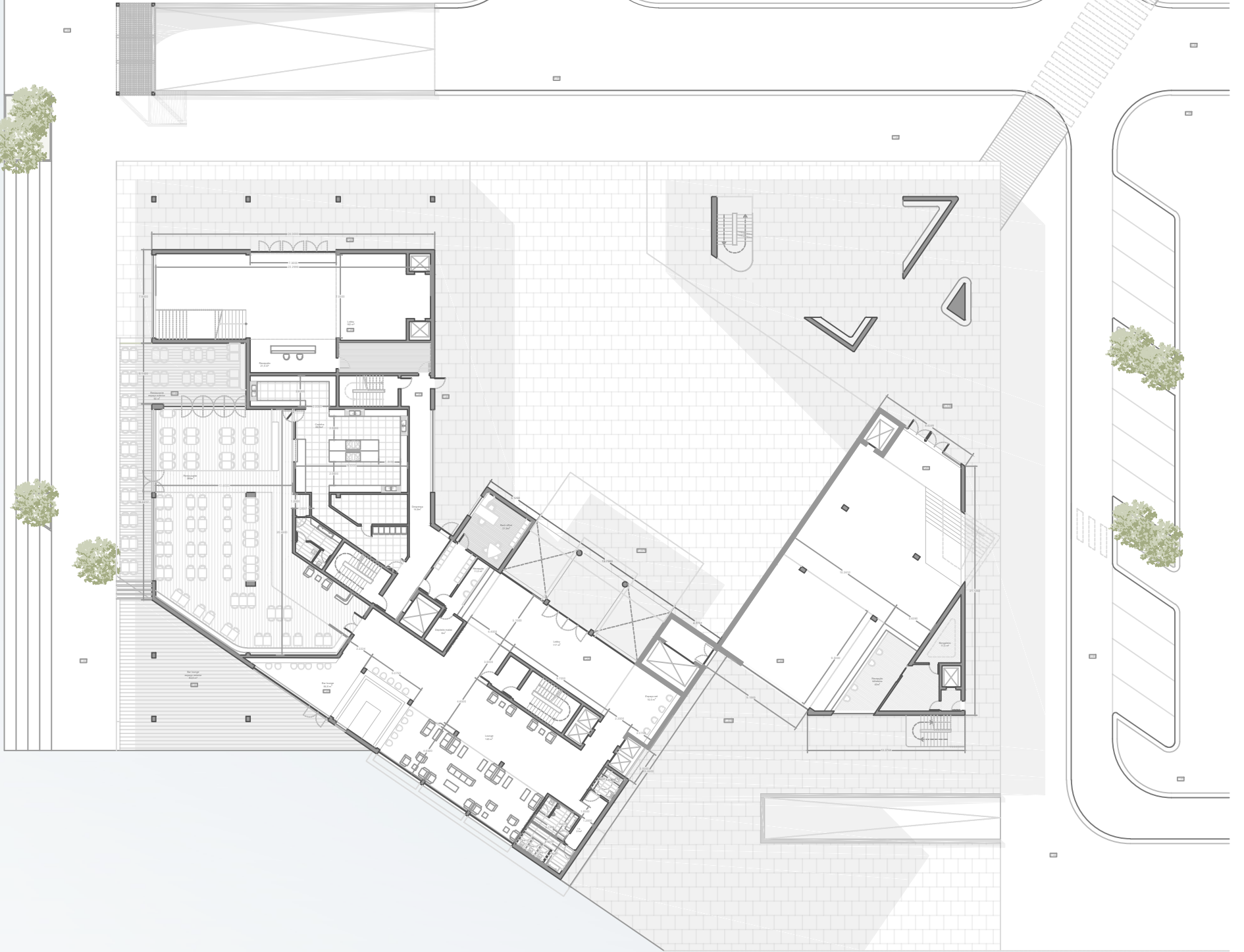
- NÚCLEOS PROGRAMÁTICA
- HOTEL E SPA
 - CENTRO DE REUNIÕES E CONFERÊNCIAS
 - CENTRO DE ESPETÁCULOS
 - ESTACIONAMENTO E SERVIÇOS
- DISPOSIÇÃO PROGRAMÁTICA
- SALAS DE REUNIÃO E CONFERÊNCIAS
 - SALA DE EXPOSIÇÕES E POLIVALENTE
 - AUDITÓRIO
 - RESTAURANTE
 - RECEPÇÃO, LOBBY E LOUGE
 - FOYER E CAFETARIA
 - SPA
 - PISCINA INTERIOR, SAUNA, JACUZI E BANHO TURCO
 - GINÁSIO
 - QUARTOS: 82
 - SUITES: 4
 - SUITE PRESIDENCIAL

HOTEL CHICALA

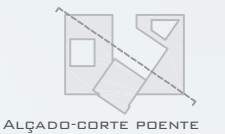
O HOTEL COMO MOTOR DE UMA NOVA CENTRALIDADE

A CIDADE EM MUTAÇÃO

UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA



PLANTA PISO 0



ALÇADO-CORTE POENTE



HOTEL CHICALA
O HOTEL COMO MOTOR DE UMA NOVA CENTRALIDADE

A CIDADE EM MUTAÇÃO
UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA



PLANTA PISO 1



ALÇADO NASCENTE



HOTEL CHICALA

O HOTEL COMO MOTOR DE UMA NOVA CENTRALIDADE

A CIDADE EM MUTAÇÃO

UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA



PLANTA PISO 2



ALÇADO-CORTE NORTE



HOTEL CHICALA

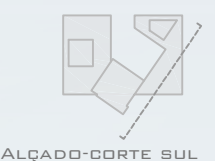
O HOTEL COMO MOTOR DE UMA NOVA CENTRALIDADE

A CIDADE EM MUTAÇÃO

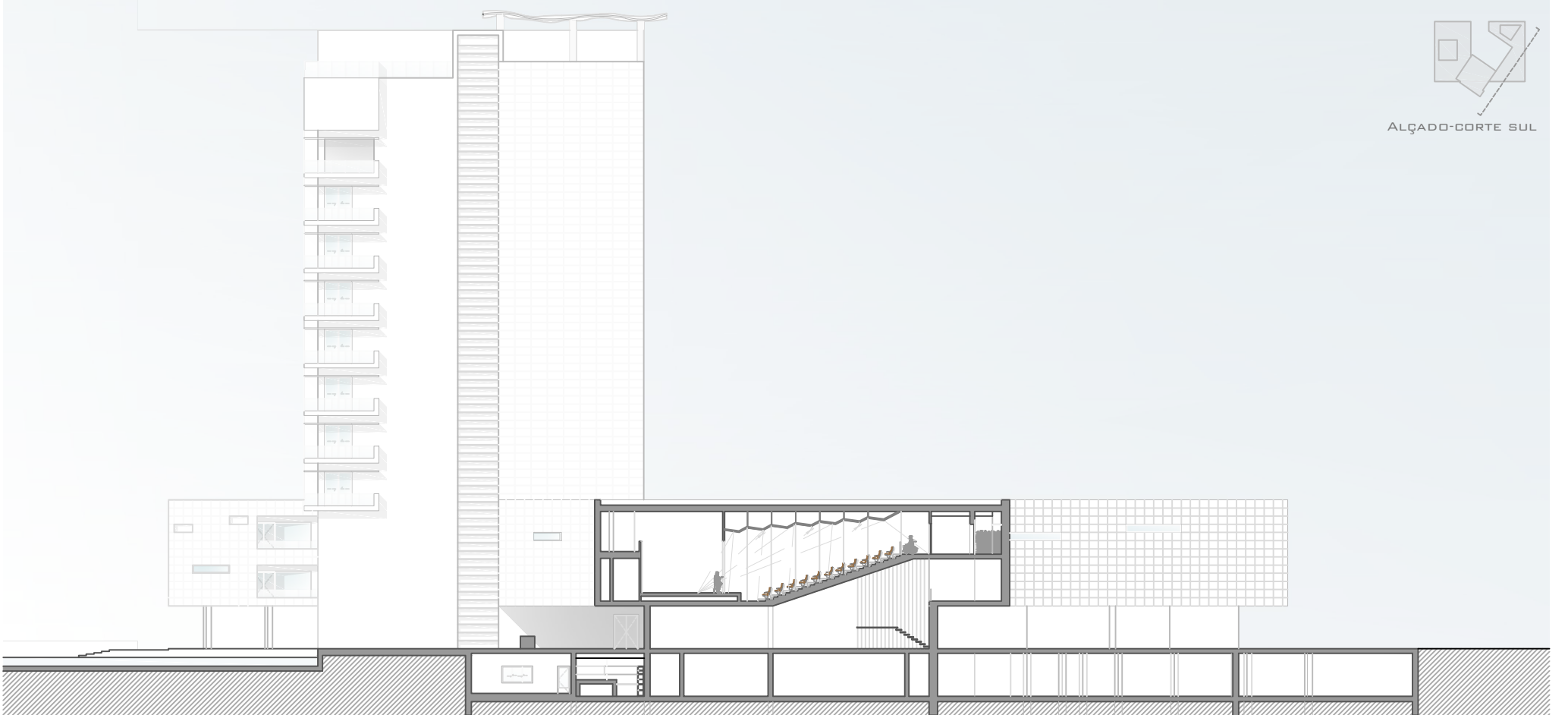
UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA



PLANTA PISO TIPO QUARTOS



ALÇADO-CORTE SUL



HOTEL CHICALA

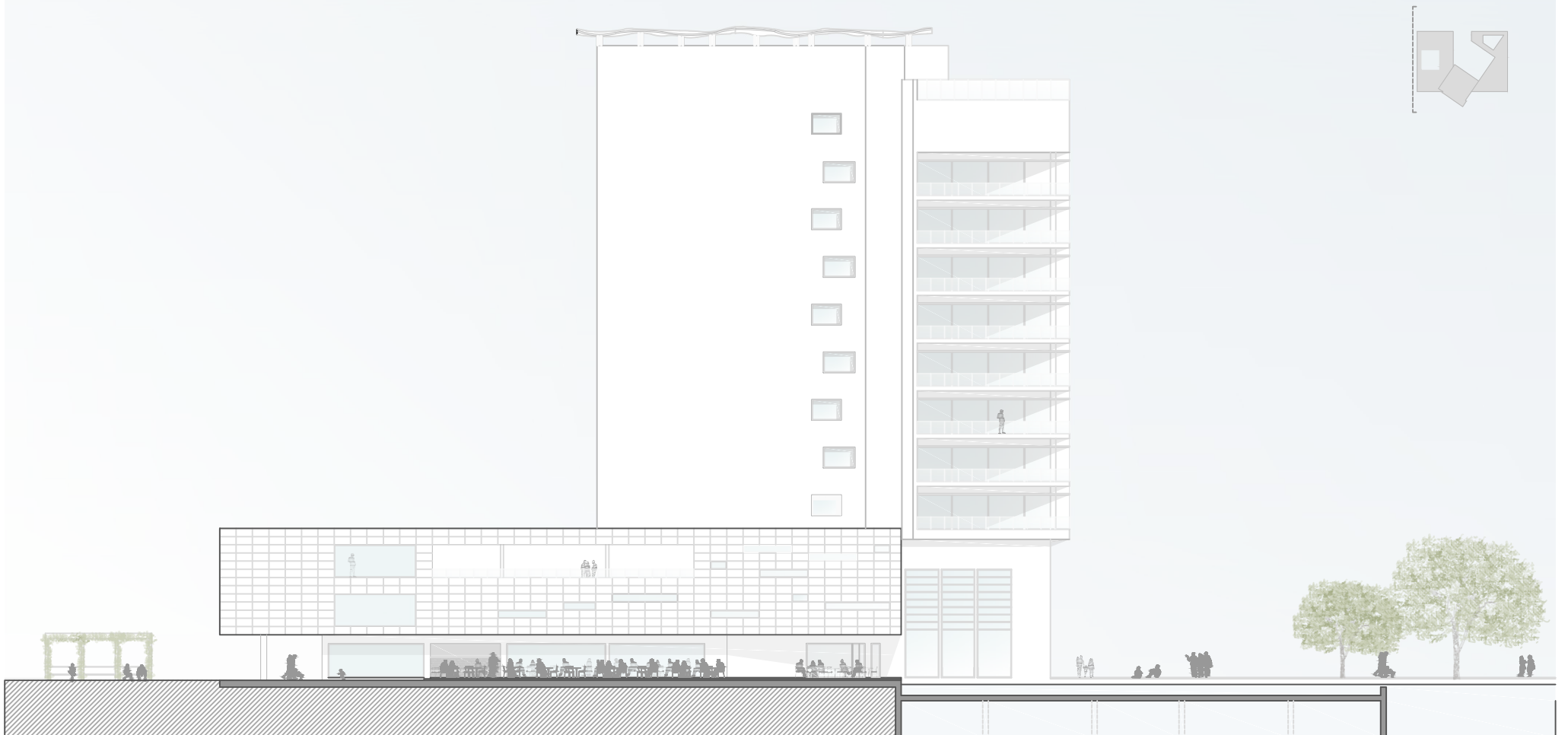
O HOTEL COMO MOTOR DE UMA NOVA CENTRALIDADE

A CIDADE EM MUTAÇÃO

UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA



PLANTA PISO TIPO QUARTOS



HOTEL CHICALA

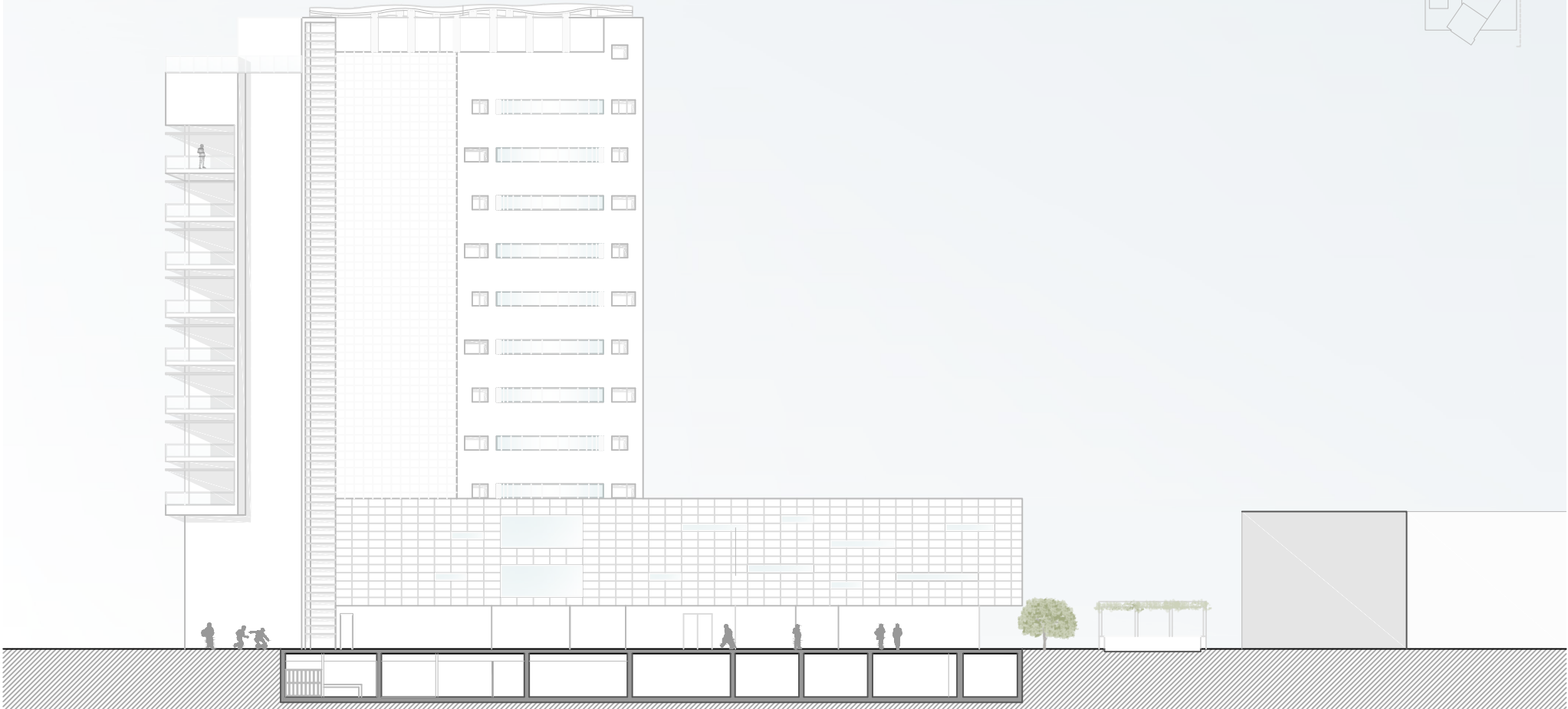
O HOTEL COMO MOTOR DE UMA NOVA CENTRALIDADE

A CIDADE EM MUTAÇÃO

UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA



PLANTA PISO TIPO QUARTOS



HOTEL CHICALA

O HOTEL COMO MOTOR DE UMA NOVA CENTRALIDADE

A CIDADE EM MUTAÇÃO

UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA



PLANTA ÚLTIMO PISO

RENDERS DA SUÍTE PRESIDENCIAL



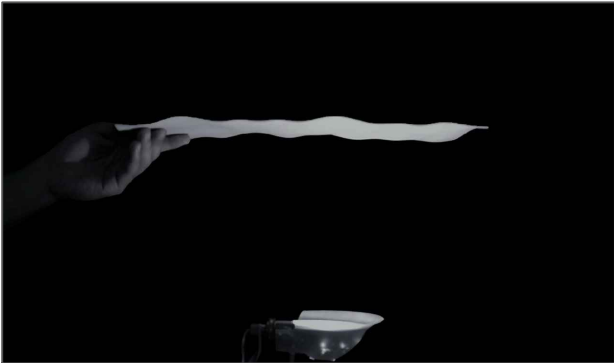
HOTEL CHICALA
O HOTEL COMO MOTOR DE UMA NOVA CENTRALIDADE

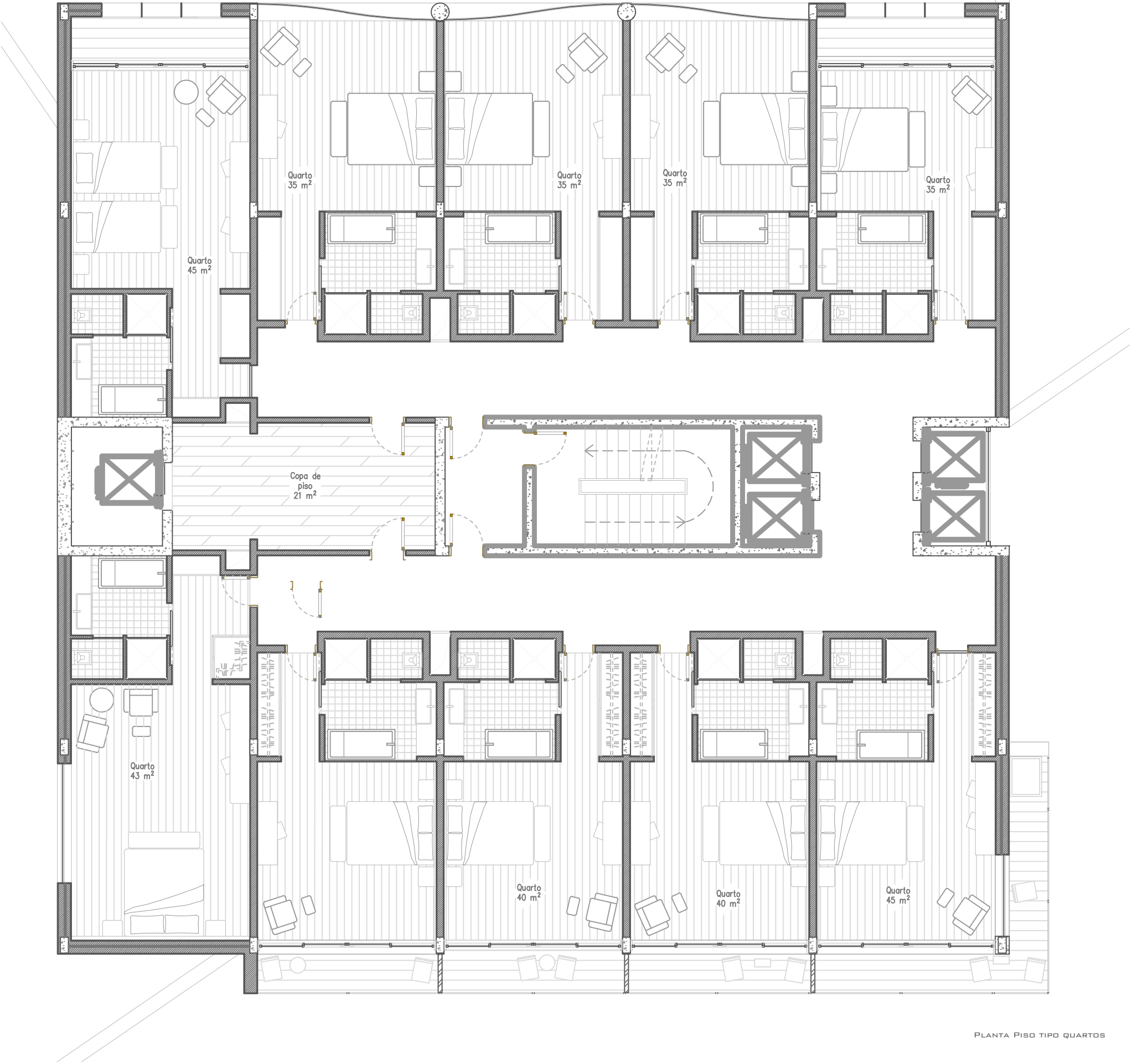
A CIDADE EM MUTAÇÃO
UMA NOVA CENTRALIDADE PARA A CIDADE DE LUANDA



PLANTA DE COBERTURA

REFERÊNCIA
PALA MUSEU RIO DE JANEIRO

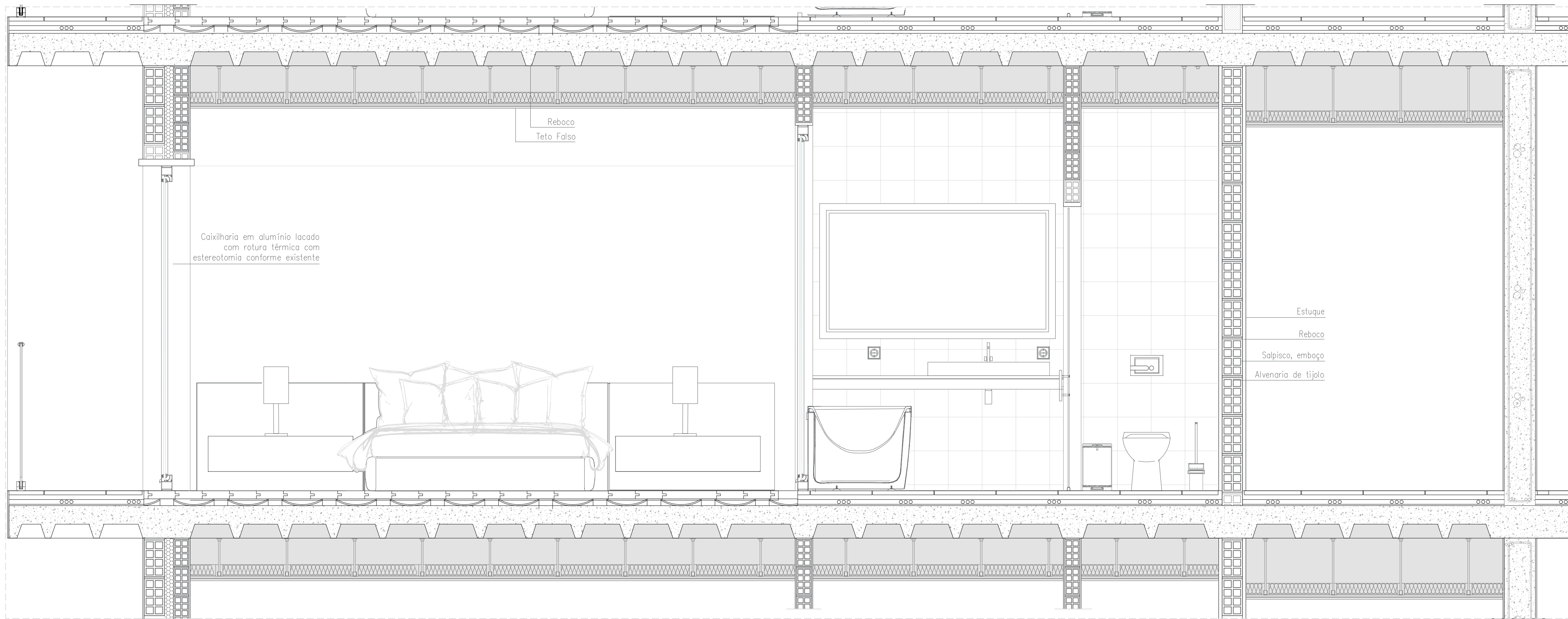




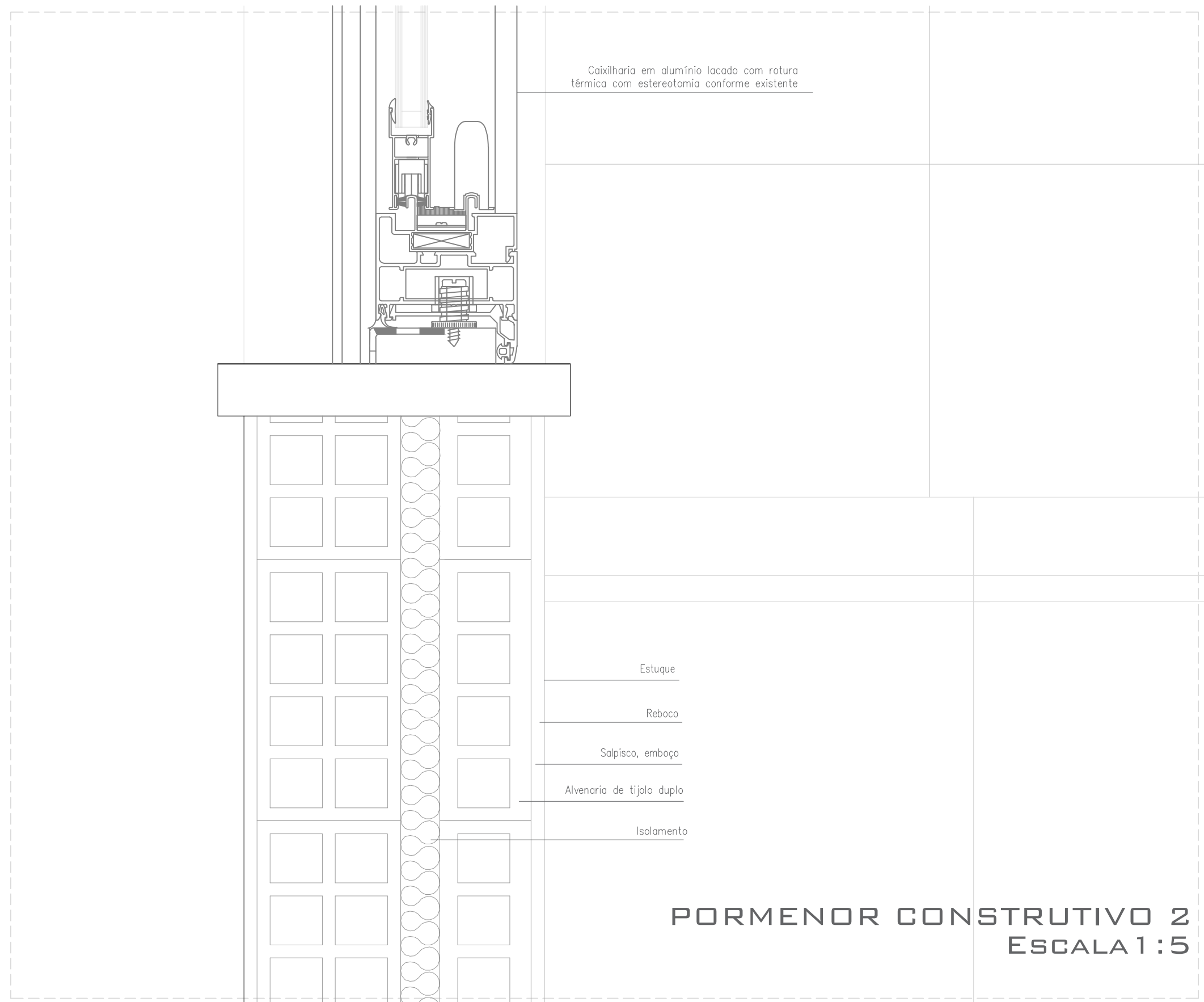
PLANTA PISO TIPO QUARTOS

RENDERS QUARTOS

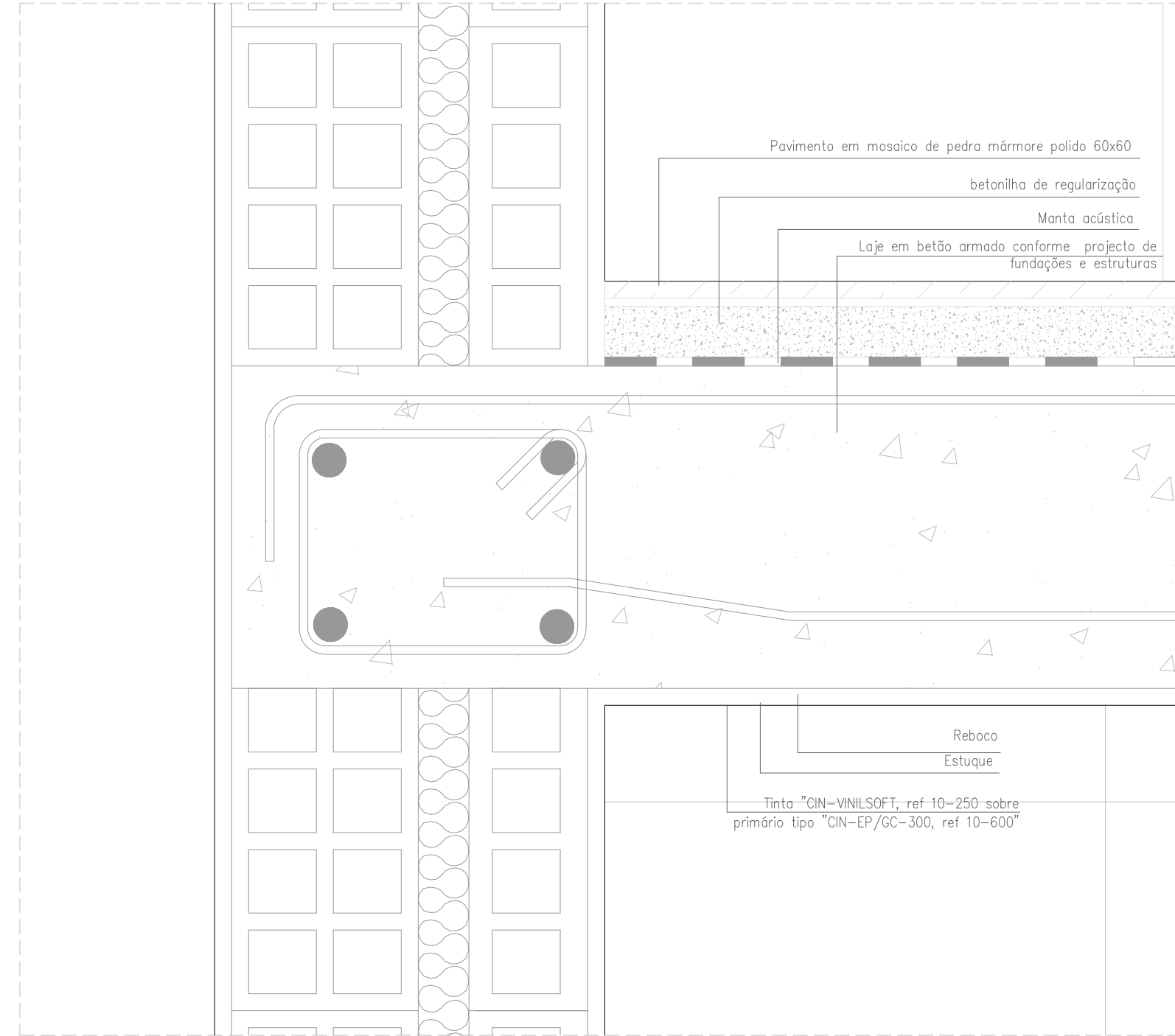




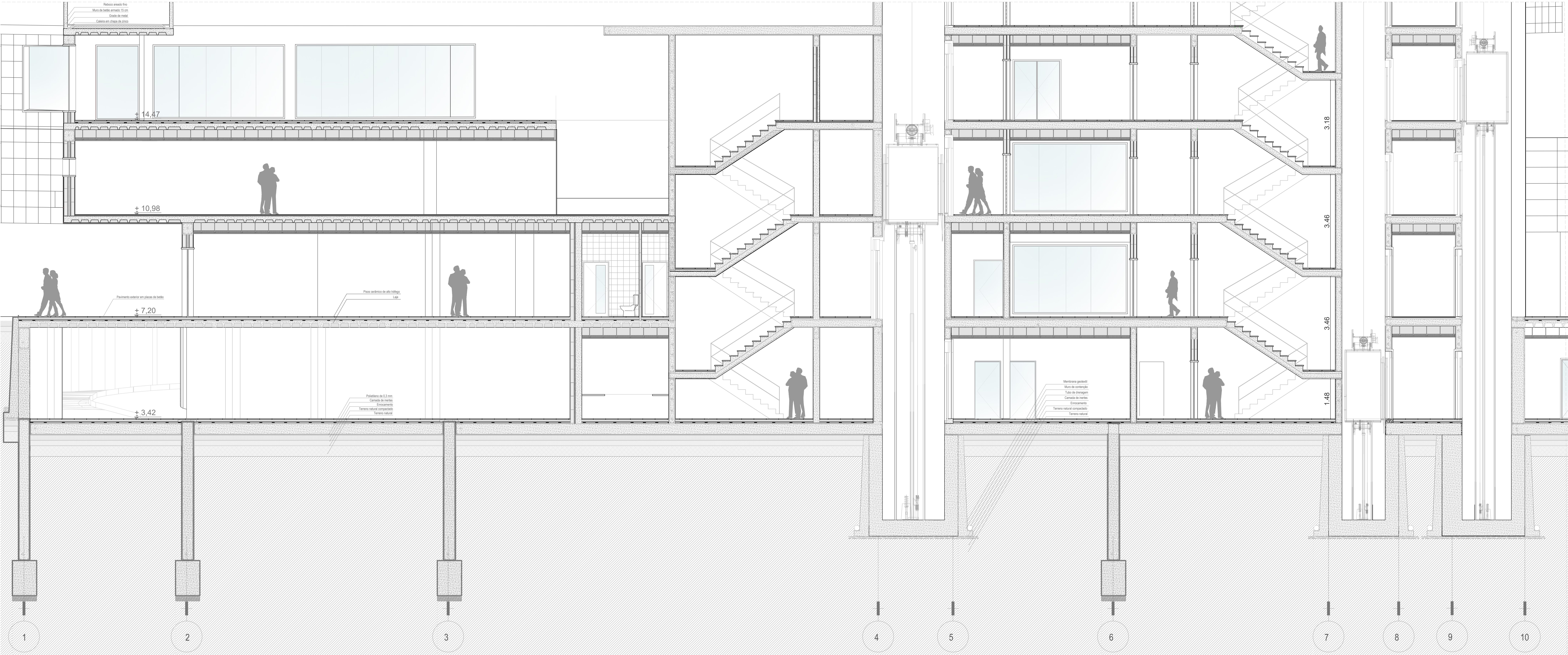
PORMENOR CONSTRUTIVO 1
ESCALA 1:20



PORMENOR CONSTRUTIVO 2
ESCALA 1:5



PORMENOR CONSTRUTIVO 3
Escala 1:5



PORMENOR CONSTRUTIVO 4
ESCALA 1:100